



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ÍCARO GABRIEL CERQUEIRA NOVAIS

UMA NOVA FORMA DE SER IGREJA: Redes globais de relacionamento e crise
denominacional entre Batistas Nacionais (1990-2020)

São Luís

2022



ÍCARO GABRIEL CERQUEIRA NOVAIS

UMA NOVA FORMA DE SER IGREJA: Redes globais de relacionamento e crise denominacional entre Batistas Nacionais (1990-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cerqueira Novais, Ícaro Gabriel.

Uma nova forma de ser igreja : redes globais de relacionamento e crise denominacional entre Batistas Nacionais 1990-2020 / Ícaro Gabriel Cerqueira Novais. - 2021.

144 f.

Orientador(a): Lyndon de Araújo Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Cristianismo. 2. Denominacionalismo. 3. Redes de relacionamento. I. Araújo Santos, Lyndon de. II. Título.

ÍCARO GABRIEL CERQUEIRA NOVAIS

UMA NOVA FORMA DE SER IGREJA: Redes globais de relacionamento e crise denominacional entre Batistas Nacionais (1990-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos

Aprovado em ___/___/ 2022.

Banca examinadora

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos (Orientador)

Professor 1

Professor 2

AGRADECIMENTOS

Ainda que a solidão seja a condição inconsolável de todo aquele que nasce, nada nessa vida, entretanto, faz-se sozinho. Aqueles que me fazem companhia, aos meus, presto meus mais sinceros agradecimentos:

Aos meus pais, Liana Cerqueira e Mayron Novais, que me viram sonhar com algo novo, um mestrado, e, outra vez, me deram todas as condições necessárias para que pudesse realizá-lo, sendo minha casa e meu lar e, na ausência de bolsa, amparo público ou salário digno, como se não fosse suficiente, também meu apoio financeiro.

Ao meu mais que amado irmão, Bruno Novais, por ser minha companhia de toda a vida, dos primeiros dias aos últimos, que fez-se presente em toda minha caminhada e, se Deus quiser, continuará fazendo até o fim de nossas felizes e únicas vidas.

À minha avó, Iracema Leite, a mãe de toda uma família, guardiã de diferentes gerações de pessoas, cujo coração sei que enche de alegria ao ver seus netos vivendo suas vidas com saúde, alegria e prosperidade.

À Eumeu, meu amor, pelas caminhadas esclarecedoras, pela companhia de uma vida e por me lembrar, todo dia, que a vida está para ser vivida com leveza, riso e alegria.

A esses, que tanto me dão e tanto me deram, espero, um dia, com todos em vida, retribuir tamanha generosidade.

Ao meu professor e orientador Lyndon de Araújo, pelo auxílio durante esses dois anos, por todo conhecimento ofertado, por todas as conversas e todas direções que me deu.

À Loianne Sousa, que, do seu jeitinho particular, apoiou e incentivou esse e outros trabalhos, e cujo coração sei que, mesmo distante, enche um pouco de alegria ao ver essa pequena caminhada chegando ao fim.

Ao meu tio Luís Cerqueira e aos meus amigos Davi Borralho, Natália Barbosa, Gustavo Marques, Camila Marques, Karol Barros, Gabriel Rosa, Matheus Nobre, Wilame Moreira, Arianne Raposo, Marina Léda e Sara Mano que, junto das pessoas já citadas, são os meus queridos, os meus. Aqueles que consolam nossa condição de solidão. Sem vocês, eu tenho certeza, nada disso seria possível.

*“[...] Flesh and blood is weak and frail,
Susceptible to nervous shock;
While de True Church can never fail
For it is based upon a rock. [...]”*

T.S. Eliot

RESUMO

Fenômeno que tem chamado a atenção da pesquisa brasileira nas últimas décadas, a questão evangélica nacional – e a forma que ela envolve diferentes denominações num jogo de trocas, conexões e assimilações –, aqui, é o centro dos nossos esforços. Usando a Igreja Batista do Angelim como escala menor e ponto de partida, pretendemos lançar alguma luz sobre a conexão que existe entre as redes globais de relacionamento e uma suposta crise denominacional – também global. Assim, abordando a questão atento aos seus elementos extranacionais, objetiva-se esclarecer alguns problemas daquela questão que, desde o início, orienta a análise. De início, compreendemos a história da IBA a partir do relato de seus dois pastores-líderes, explorando a instrumentalização dessa pequena história biográfica dentro da grande história que é o cristianismo na contemporaneidade, suas transformações e suas rupturas, jogando entre o local, a Igreja Batista do Angelim, e o global. No segundo capítulo, tentando evitar um esforço em vão, que seria definir o que é o evangélico no Brasil, saímos pela tangente dessas generalidades para, na verdade, tentar entender quem é o evangélico que a IBA pretende formar, analisando bibliograficamente manuais eclesiais que a instituição dispõe e usa para treinar seus discípulos. Por fim, tendo estabelecido tanto a história dessa igreja dentro da história do cristianismo e quem é o evangélico dessa igreja dentro do amplo e impreciso conceito do evangélico brasileiro, nos esforçamos em mostrar como um olhar denominacional, que prevalece na pesquisa acadêmica atualmente, não compreenderia nosso objeto de estudo por completo – da mesma forma que, no nosso entendimento, não compreende o evangélico contemporâneo da forma mais adequada.

Palavras-chave: cristianismo; denominacionalismo; redes de relacionamento.

ABSTRACT

A phenomenon that has drawn the attention of Brazilian research over the decades, the national evangelical question – the form it involves in a game of exchanges, positions and assimilations – the latest denominations of our training. Using the Igreja Batista do Angelim as a smaller scale and starting point, we intend to shed light on the connection that exists between some global networks of relationships and an alleged denominational crisis – also global. Thus, it addresses questions related to its extra-national elements, objective questions to questions, questions that, from the beginning the question, guides the analysis. At first, it understands the history of the IBA from the account of its two pastors-leaders, exploring the instrumentalization of this small biographical history within the great history that is Christianity in contemporary times, its transformations and its ruptures, playing between the place, the Church Batista do Angelim, and the global. In the second chapter, we will try to avoid an effort in, which would be to define what the evangelical is in Brazil, we go off the tangent of these generalities to, in fact, try to understand who is the evangelical that the IBA intends to form, bibliographically ecclesiastical manuals that the institution and use it for your disciples. That is why, having defined the history of this church within the history of Christianity, the church is what is evangelical and inappropriate and whoever is a Brazilian evangelical, is so called to show how an end look, which prevails in academics, would not understand our object of study altogether – in our understanding likewise, it does not understand the contemporary evangelical in the most adequate way.

Keywords: christianity; denominationalism; relationship networks.

LISTA DE SIGLAS

CBN	CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL
CBB	CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA
AGA	ALIANÇA GLOBAL ANGELIM
GKPN	GLOBAL KINGDOM PARTNERSHIP NETWORK
IBA	IGREJA BATISTA DO ANGELIM
MAIS	MINISTÉRIO APOSTÓLICO NACIONAL SHALOM
CTP	CENTRO DE TREINAMENTO PENIEL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 IBNA, IBA, ANGELIM: DA PRACINHA AO MINISTÉRIO EXTRANACIONAL	16
1.1 O bairro ao redor	17
1.2 Joaquim Neto e a Igreja Batista do Angelim	19
1.3 Angelim extra-nacional: a aliança global e a crise denominacional	36
2 UM ESFORÇO DE SÍSIFO: COMPONDO O HIPOTÉTICO EVANGÉLICO DO HOJE	52
2.1 O evangélico do angelim	59
2.1.1 <i>O curso das águas: fundamentos da caminhada</i>	59
2.1.2 <i>Escola de líderes: o evangélico, a célula e o outro</i>	64
2.1.3 <i>O manual de aconselhamento: questão de sexualidade</i>	71
3 PARADIGMA DENOMINACIONAL	78
3.1 O que é denominação, afinal?	78
3.2 Uma breve história do denominacionalismo	83
3.2.1 <i>Aproximações entre presente e passado</i>	90
3.3 A perspectiva denominacional dentro da academia	97
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	103
FONTES DOCUMENTAIS	107
ANEXO A – Entrevistas com os pastores Joaquim Neto e Rodrigo Arrais	108
ANEXO B – Fotografias	139

INTRODUÇÃO

Visitando a Igreja Batista do Angelim por uma década¹, pude conhecer sua estrutura organizacional e operacional, bem como semelhanças que a membresia apresenta com outras denominações religiosas. Centrado na figura do Pastor Joaquim Neto, o poder da Igreja se distribui de forma vertical: de doze em doze pessoas, passando por pastores, líderes de geração, líderes de célula e discípulos, a igreja verticaliza as relações e incorpora-o na sua administração – da mesma forma que fez o Pastor Oséas na Batista Nacional do Bom Milagre e o Apóstolo Silvío na Minisério Apostólico Nacional Shalom, duas igrejas originalmente batistas que muito cresceram em São Luís desde sua fundação. Juntamente com essas duas igrejas, vale ressaltar, a IBA forma o trio de igrejas batistas nacionais mais populares e mais visitadas em São Luís, constituindo um tipo de triângulo de principais igrejas batistas – ou, pelo menos, originalmente batistas – dentro da cidade.

A percepção dessa realidade que, creio, não se esgota com a adoção do modelo G12² e a verticalização da igreja, aponta para algo que vem sendo discutido academicamente há algumas décadas: as mudanças nas práticas religiosas de igrejas batistas no Brasil, as rupturas com valores históricos democráticos da denominação, a aproximação com a teologia neopentecostal e as relações que essas medidas podem ter com a cultura política.

Abordando a IBA como caso central do trabalho projetado, recortar a análise sócio-histórica da década de noventa até o presente – sem ignorar a historicidade do fenômeno religioso no Brasil e em São Luís – mostra-se uma medida auxiliadora no desenvolvimento da análise. Visando empreender uma sociologia histórica dessa estreita relação entre as denominações protestantes e pentecostais, culminando no explosivo caso da IBA em São Luís, é possível comparar processos e movimentos sociais desenvolvidos no passado desse campo religioso com os movimentos em curso, desenvolvidos nos últimos anos por essa e outras igrejas populares da cidade – como, por exemplo, rompendo com a tradição protestante histórica de separação entre igreja e estado, sua inclinação discursiva a partidos e políticos profissionais.

¹ Em dois momentos: inicialmente enquanto adepto e posteriormente enquanto observador.

² Modelo de evangelismo criado por César Castelhanos, que organiza a igreja verticalmente e estimula seus fiéis a evangelizarem, discipularem e conquistarem pessoas para Cristo.

A tentativa de penetrar essa realidade com uma análise sócio-histórica das estruturas sociais e das ações dos sujeitos torna-se relevante social e academicamente na medida em que trata de um fenômeno em curso, dos movimentos sócio-históricos de um grupo multifacetado (mas com um grau relevante de coesão) que produz diferentes tipos de representações sobre a vida em sociedade, de transformações cuja dinâmica determina e é determinada pela sociedade civil, pelas relações com o campo político e pelos demais tecidos sociais da cidade de São Luís.

Como fonte, buscamos investigar documentos e registros e institucionais disponibilizados pelas igrejas, pelos jornais e pelas convenções batistas, tais como os *websites* da IBA, manuais e cadernos de ensino e discipulado, além, claro, do levantamento de entrevistas de profundidade pastores.

A questão evangélica na cidade de São Luís, justificando a importância da presente pesquisa, é um fenômeno sócio-histórico na cidade que desperta forte interesse científico da comunidade acadêmica. Tomando o último censo IGBE, realizado em 2010, a questão evangélica em São Luís ganha também peso demográfico: segundo as pesquisas, àquela época, a população evangélica da cidade marcava o número de 239.636 mil pessoas. Com a população geral marcando pouco mais de um milhão, a parcela que se reconhece evangélica, portanto, corresponde à quase um quarto dos cidadãos ludovicenses.

Tratando-se de um movimento de pessoas, na tentativa de capturar os aspectos simbólicos e memorialísticos da construção da identidade evangélica, buscamos entrevistas de profundidade, de caráter qualitativo, com integrantes organizadores das memórias e discípulos com mais anos de congregação. Realizamos pesquisa bibliográfica das análises no campo religioso no Brasil e o levantamento, catalogação, classificação e análise das fontes documentais digitais e físicas. Fizemos um estudo quantitativo de campo, colhendo dados estatísticos da instituição, e o uso da observação participante, não-intrusiva, nos momentos de trabalho de campo e construções de etnografias de momentos das memórias.

Na construção do texto, partimos dos pressupostos metodológicos das histórias global e conectada, analisando a identidade evangélica local conectando-a tanto com a norte-americana quanto com as de nacionalidades outras que, porventura, a memória possa ter estabelecido relações, compreendendo esses movimentos enquanto partes interdependentes de um sistema capitalista global que as determina em grande ou pequena escala; por fim, operando em escalas históricas,

circuncidamos a IBA como nossa microescala e a identidade evangélica como a microescala.

Percebendo o longo debate entre as relações entre as denominações protestantes e pentecostais, não colocamos em hipótese uma resposta clara ao dilema anteriormente citado, ainda que discutindo com os referidos autores. Consideramos mais importante, antes disso, tentar jogar luz sobre o impacto que essa suposta *neopentecostalização material* – que é um fenômeno múltiplo, agindo de diferentes maneiras - pode impor à identidade imaterial das denominações batistas em São Luís e no país de uma maneira geral.

Assentando o estudo no campo da religião e buscando entender tanto os aspectos imateriais – apreendidos através de entrevistas – quanto os materiais – contabilizados pelas pesquisas nas fontes – da identidade evangélica em São Luís (para, a partir do local, compreender um quadro mais amplo), propõe-se uma análise que aborde o indivíduo e a cultura como interrelacionados em processos de estruturação e rupturas, aproximações e distanciamentos. Deste modo, identificamos, assim, a pesquisa com a linha de pesquisa pretendida, conformando suas diretrizes com os planos de estudo e trabalho aqui descritos.

No capítulo um, tentamos dar conta, fundamentados nas entrevistas, da história da instituição, da história de seu pastor-fundador e da história das múltiplas conexões que essa igreja estabeleceu no mundo todo durante sua história para, assim, conseguirmos fazer um jogo de escalas entre local e global, entre a IBA e o cristianismo contemporâneo.

Passando por temas importantes na história da igreja, como a fundação, a relação com a CBN, a ruptura com as convenções, as ambições do Pr. Joaquim, as dificuldades enfrentadas, o contato com os norte-americanos, a expansão da igreja na cidade e a consolidação dela no cenário nacional, bem como suas viagens para fora e as aproximações feitas com outras instituições, tentamos, assim, instrumentalizar essa rica biografia dentro das histórias conectadas, relacionando esses e outros fatos com fenômenos globais para, então, estabelecer a IBA como a expressão de uma nova forma de ser igreja tanto no Brasil quanto no mundo – como seus próprios pastores anunciam.

No capítulo dois, primeiro discutimos, referenciando diferentes autores nacionais, a como se dá a análise dos evangélicos, protestantes e pentecostais dentro da academia atualmente. Objeto de bastante interesse e que acumula décadas de

estudos, essa questão evangélica, como mostramos, têm preocupado diferentes gerações de pesquisadores, com diferentes orientações e perspectivas que, ao seu modo, tentam compreender um pouco mais desse múltiplo, amplo e complexo fenômeno nacional.

Após isso, entendendo que tentar chegar a uma resposta final para a pergunta “quem é o evangélico no Brasil?” é tentar chegar a uma resposta que não existe, substituímos a pergunta para, então, evitar um esforço de Sísifo dentro da nossa pesquisa: “quem é, afinal, o evangélico da IBA?”. Feita essa pergunta, lançamos mão de três cadernos institucionais, três manuais que a igreja usa para doutrinar seu fiel, para responder a essa pergunta, ainda que genericamente, de foram mais ou menos satisfatória.

No capítulo final, então, dividido em duas partes importantes, na primeira delas tentamos responder o que é, afinal, o denominacionalismo que estamos tentando dar conta. Primeiro definindo o que é denominação, partimos para a obra do importante teólogo Richard H. Niebuhr, onde o autor, numa pesquisa histórica, investiga as origens sociais das múltiplas denominações cristãs desde a Reforma, estabelecendo que o denominacionalismo é uma tendência moderna e contemporânea da grande religião.

Na segunda parte, para tentar explorar a especialidade do nosso objeto de estudo, mostramos como existe, além do tradicional denominacionalismo religioso, um tipo nacional de denominacionalismo acadêmico, analítico, que insiste em entender as igrejas, as convenções, os pastores e os diferentes agentes envolvidos no estudo da religião cristã a partir de um viés estritamente denominacional quando, na verdade, esse vocabulário e esse *ethos* já não fazem mais tanto sentido – em maior e menor grau – para essas diferentes pessoas envolvidas.

Para ilustrar a história contada ao longo das páginas e compor ainda mais nossa coleta de fontes históricas da instituição, anexamos, após as entrevistas, algumas fotografias presentes no livro *Ele Vive*³, que expõem desde a construção do primeiro templo da IBA, o “aprisquinho”, passando pela construção do Elim, do Centro de Treinamento Peniel, do “apriscão”, bem como registros fotográficos dos vários eventos sediados pela igreja e, também, visitas ilustres de personalidades políticas

³ Livro biográfico da igreja, contado pelo Pr. Joaquim Neto e escrito pelo Pr. Rodrigo, que será constantemente referenciado na presente pesquisa.

locais, como Tadeu Palácio⁴ e Jackson Lago⁵, fatos que, como veremos a seguir, serão explorados no decorrer do texto – e, por fim, ilustrados com essas fotografias.

Partindo de uma discussão biográfica e histórica e desembocando em uma discussão de cunho teórico, construímos a pesquisa dessa forma para, primeiro, apresentar o nosso objeto de estudo, detalhando sua história e sua atualidade para, assim, discutir como esse mesmo objeto só poderia ser entendido – ou pelo menos melhor entendido – da forma que assim o foi partindo da história conectada e evitando, a todo instante, o que chamamos de denominacionalismo acadêmico.

⁴ Tadeu Palácio (São Luís, 25 de março de 1947), médico e político, foi prefeito de São Luís, de 2002 a 2004, sendo reeleito depois para cumprir novo mandato, de 2005 até 2009. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tadeu_Pal%C3%A1cio. Acesso em: 10/10/2022.

⁵ Jackson Kepler Lago (Pedreiras, 1º de novembro de 1934 — São Paulo, 4 de abril de 2011), médico e político, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi governador do estado do Maranhão de 2007 a 2009, quando teve seu mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral. Antes disso, havia sido prefeito de São Luís por três ocasiões: de 1989 a 1992, de 1997 a 2000 e de 2001 a 2002 (este último interrompido por ocasião de sua renúncia para candidatar-se ao governo do estado do Maranhão nas eleições de 2002). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jackson_Lago. Acesso em: 10/10/2022.

1 IBNA, IBA, ANGELIM: DA PRACINHA AO MINISTÉRIO EXTRANACIONAL

Das dificuldades que essa pesquisa pode oferecer no processo de construção, talvez a primeira que se apresente, por ordem dos passos a seguir e não por grau de complexidade, seja a de contar a história de um sujeito, dessa instituição religiosa de pessoas liderada por um, sem cair num formato de biografia mas, antes, instrumentalizar essa biografia dentro de metodologias históricas que a relacione com outros fenômenos e a localize dentro de uma história mais ampla, mais global – como uma pequena história das denominações cristãs, e do próprio cristianismo, na contemporaneidade. Para que os problemas seguintes, esses de todas as ordens, possam encontrar alguma solução séria e coerente, faz-se necessário, então, desde o começo, estabelecer um fundamento, um terreno seguro: não perder de vista o perigo de incorrer numa história curta, restrita e, pior ainda, solta no espaço e no tempo.

Mais por sorte que por azar, a condição desse objeto de estudo, a instituição religiosa liderada por uma pessoa, faz lembrar uma condição já imaginada e escrita: a condição do jejuador de Kafka, em *Um Artista da Fome*. Publicado pela primeira vez em 1922, dois anos antes da morte do notável autor, o conto narra a história de um artista de circo cujo talento é passar dezenas de dias sem comer, em jejum, dentro de sua gaiola, para entretenimentos dos clientes. Quando vislumbra a morte iminente, dias após sem ser notado dentro da gaiola, o jejuador, tendo a última conversa da vida com um inspetor, confessa sua condição: apesar de desejar ser admirado e celebrado enquanto artista do jejum, ele, na verdade, jejuava porque não podia evitar o jejum, porque nunca havia encontrado um alimento que o agradasse – tivesse encontrado, se empanturraria com ele.

Texto abundantemente estudado e interpretado por especialistas, ao *Artista da Fome* kafkiano atribuiu-se o caráter de parábola da própria vida do autor e da humanidade moderna, de metáfora da figura de Cristo, ou mesmo de uma fina ironia para as grandes pretensões de um artista de qualquer natureza. Para além dessas discussões que, mesmo abundantes, em nada nos interessam, destaco aqui uma coisa: de como o jejuador não poderia ser senão assim. Visto que nenhuma comida lhe agradava, apenas lhe restava o jejum; há quem visse talento, empenho, disciplina, arte ou toda sorte de adjetivos que se pode atribuir a alguém que passa dezenas de dias sem comer mas, para ele mesmo, na sua perspectiva, não era nada disso: só

havia uma coisa, um caminho, o de não comer. O jejuador que jejuava porque não poderia ser de outra forma, senão assim.

1.1 O bairro ao redor

A Igreja Batista do Angelim, ou só “o Angelim”, como chamam hoje seus líderes, idealizada e fundada em 1992 pelo Pr. Joaquim Neto e alguns companheiros de fé, trata-se, aqui no texto, desse tal sujeito, a instituição religiosa liderada por um. À medida em que oferece ao pesquisador o perigo de incorrer em biografia, também entrega à ele, em diferentes momentos da sua história, fatos, movimentos e conexões que, à exemplo da condição do jejuador de Kafka (KAFKA, 2009), que não pode ser senão assim, obriga-nos a abordá-la de uma maneira mais extra-nacional, extra-continental, global, caso realmente planeje-se entender o fenômeno particular que ela é e que ela representa.

Antes de desenvolver a história da membresia (que se mistura com a caminhada na fé do seu líder), vale, para contextualizar o leitor da geografia da cidade, contar um pouco da história do Angelim, bairro onde nasce e se desenvolve a organização, bem como do seu entorno: às margens da Avenida Jerônimo de Albuquerque (hoje a avenida mais movimentada da cidade), o Angelim foi criado durante o período da ditadura militar, em 1979, pela Companhia de Habitação Popular – COHAB (Curvelo-Matos, 2009), junto com os bairros do Anil I, Anil II, Anil III, Anil IV, Bequimão, Cidade Operária, Eney Santana-Radional, Jardim América, Rio Anil, Sacavém, Turu e Conjunto Habitacional Vinhais, e destinava-se, assim como os outros bairros nomeados, a oferecer residência em massa para a população – da classe trabalhadora, em geral.

Entre os supracitados, o bairro é ladeado pelo Anil e pelo Bequimão; além desses, a partir de sua construção e ainda abaixo na margem de baixo da Jerônimo de Albuquerque, pessoas começaram a ocupar seu entorno espontaneamente, formando os bairros do Pequizeiro, Pedra Caída, Pão de Açúcar, Alto do Pinho e Vila Palmeira – todos também no entorno do braço do Rio Anil. Na margem de cima da Jerônimo, a partir do final da década de oitenta, começou a acontecer a verticalização das moradias nessa parte “elevada” do bairro, hoje chamado de Alto do Angelim: na única via que liga o bairro à Jerônimo, vários blocos de apartamentos que medem entre cinquenta e cinco e setenta metros quadrados, em geral, sem guarita e sem

muros fechados, se espalharam pelo bairro formando o condomínio Ipem Angelim, e atraindo mais um contingente populacional para a região próxima à igreja.

Criado com intuito de fornecer moradia a servidores públicos estaduais, o Ipem Angelim, já no final da década de noventa e início dos anos dois mil, ganhou a companhia do Novo Tempo III (ou “Novo Angelim”, ou só “Novo”, como chamam os moradores do bairro), que também destinava-se à classe dos servidores públicos estaduais.

A partir de dois mil e cinco, no primeiro mandato do governo Lula, os primeiros condomínios do PAR (Programa de Arrendamento Residencial) começam a receber moradores no bairro, numa área mais adiante do Novo Tempo III, onde hoje é o ponto final das linhas de ônibus. Primeiro o Alto do Angelim I e II, seguidos pelo Novo Angelim, Costa do Sauipe, Fernando de Noronha e Itamaracá I, todos esses (cercados, murados e equipados com guarita 24h, diferente do Ipem Angelim e do Novo Tempo III), esses condomínios tinham como objetivo fornecer moradia à população de baixa renda, sob a forma de arrendamento residencial com opção de compra, admitindo famílias com renda mensal de até R\$1.800,00 (um mil e oitocentos reais) e, no caso de profissionais da área de segurança pública, especialmente os policiais civis e militares, admite-se renda mensal de até R\$2.400,00 (dois mil e quatrocentos reais⁶).

Além dos fatores residenciais, o Angelim é, também, um bairro localizado no centro geográfico da cidade, posicionado, no mapa aberto, no centro da região metropolitana de São Luís: a cerca de dez quilômetros da praia, onze do centro histórico, doze da entrada de São Luís e a dez das margens do município de São José de Ribamar, o conjunto habitacional torna-se, com alguma margem de erro, equidistante das zonas norte, sul, leste e oeste da “Grande São Luís”.

Já posicionado no que chamei de “centro geográfico” da Grande São Luís, não por coincidência o Angelim cresceu às margens da avenida mais movimentada da cidade, a Jerônimo de Albuquerque. Via que conecta dois terminais da integração (Cohab e Cohama), ela é o principal acesso de quem deseja chegar em inúmeras áreas movimentadas da cidade: os shoppings São Luís, da Ilha e Rio Anil, o bairro do Renascença, inúmeras casas de justiça, a Assembleia Legislativa do estado, o Centro

⁶ Disponível em: <https://fundosdegoverno.caixa.gov.br/sicfg/fundos/FAR/detalhe/sobre/>. Acesso 15/07/2022.

e, também, às praias – ou, em outras palavras, boa parte do que podemos chamar de zonas norte e oeste de São Luís. O fluxo de carros, motos e ônibus é tão intenso que, na última década, o bairro do Angelim, por, em sua grande parte, contar somente com duas vias em cada sentido da avenida, funcionando como um funil, ficou popularmente conhecido pelo seu engarrafamento nos horários de pico.

Entre as casas residenciais da parte de “baixo” e a moradia vertical da parte de “cima”, o Angelim e o Alto do Angelim abrigam, em geral, diferentes tipos de trabalhadores entre as classes médias e baixas – em considerável número. Desde o projeto habitacional no período da ditadura militar, passando pelos condomínios Ipem Angelim e Novo Tempo III, até os seis condomínios construídos pelo PAR, a área do bairro historicamente é usada para abrigar e oferecer moradia para classe trabalhadora – seja ela baixa, ou média.

Além das ocupações planejadas, como os condomínios e os conjuntos, as ocupações espontâneas citadas também foram empreendidas, de uma maneira geral, por sujeitos que vieram de diferentes interiores do Maranhão em busca de trabalho e moradia digna (Curvelo-Matos, 2009), movimento que também acontece em outras diferentes áreas da cidade seguindo o mesmo padrão: famílias em busca de uma vida melhor estabelecendo-se em regiões próximas à água ou nos arredores de pequenos centros urbano-comerciais (Curvelo-Matos, 2009).

É nessa região, então, num bairro central, populoso e de classes médias e baixas, que, no meio da década de noventa, no meio da construção e do crescimento do bairro, que surge a IBA – e, inevitavelmente, acompanha o fluxo de crescimento junto com a zona urbana que a rodeia.

1.2 Joaquim Neto e a Igreja Batista do Angelim

Cabeça da igreja, a figura do Pr. Joaquim Neto é, também, o começo dessa instituição: nascido em 1957 na cidade de Lago da Pedra e criado na fé católica com mais treze irmãos, veio para São Luís no meio da década de setenta a fim de estudar e ingressar no ensino superior, onde, aprovado no vestibular, cursou Odontologia na UFMA a partir de setenta e oito. Visitando, durante esse período do final da década, a igreja Presbiteriana da Av. Oswaldo Cruz (seu primeiro contato com o protestantismo histórico), ele nos conta que

“[...] a convite da minha irmã mais nova, [...] tive minha primeira experiência, fui discipulado e esse discipulado me ajudou porque trabalhou a minha fé. Eu encontrei na bíblia, em Deus, em Cristo, a fé que eu precisava pra vencer a mim mesmo. [...] Então eu fiquei seis meses lá e depois me afastei, retornando no ano de 1986.”

Com “vencer a si mesmo”, ele explica que, sob forte estresse devido aos exames e estudos pré-vestibulares, desenvolveu um quadro de depressão e, com a experiência na igreja, encontrou, pelo menos momentaneamente, algum alívio.

Durante esse período de oito anos após aquele primeiro contato com o cristianismo protestante, Joaquim formou-se, construiu família com Rose, a esposa que o auxilia na liderança da igreja hoje, e começou sua vida profissional como dentista paralelamente à um outro exercício financeiro, dono de uma madeireira. Na primeira quinta-feira pós carnaval de oitenta e seis, então, recém-casado e com dois filhos pequenos, ele recebeu um convite da cunhada para visitar a Igreja Batista do Bom Milagre – primeira grande membresia da denominação na cidade, liderada pelo Pr. Oséas – e, lá, ouvindo a palavra daquele que viria a ser um de seus pastores subordinados no Angelim, o Pr. Mário Batista, ele nos relata que

“[...] aquela palavra encontrou meu coração de uma forma muito tremenda e quando me dei conta eu estava chorando e naquele dia eu dei a resposta. [...] Nessa ocasião eu ouvi a palavra e a palavra encontrou meu coração. Eu já havia tido a primeira experiência na igreja Presbiteriana, mas ali eu entendi que precisava funcionar.”

Crítico do modo tradicional de evangelismo batista e protestante clássico, fato que veremos a seguir, Joaquim entende que aquela forma de pregar o evangelho de Cristo o tocou diferente da igreja presbiteriana da Av. Oswaldo Cruz, mesmo estando lá seis meses conhecendo a bíblia e lendo o “o evangelho de João chorando”, voltou para “vida secular” e só após essa quinta-feira de cinzas começou a construir sua caminhada.

Mesmo após esse “toque profundo” no Bom Milagre, Joaquim volta a se afastar da caminhada cristã e, com o advento do Plano Cruzado, passa a “fazer muito dinheiro para sustentar a família” e acaba “deixando as coisas do Reino de lado”. Vive um ano e meio de sua vida dessa forma até que, no final de oitenta e sete, vê-se acometido de uma grave apendicite, “muito rara”, nas suas palavras. É nesse momento de enfermidade física, então, que encontra conforto e respostas na fé:

“[...] no final do ano de 1987, de novembro pra dezembro, eu tive essa apendicite que é raríssima, difícilíssima de operar, e eu fui operado tendo que ficar oito dias com a barriga aberta, fui ao centro cirúrgico duas vezes e ali realmente eu pus o pé do outro lado, tive parada cardíaca, mas também fiz um voto em relação à minha dedicação. Eu ‘tava’ recém casado, com as crianças muito novas, e ali eu fiz o voto que se o senhor me desse a oportunidade de vida eu e minha casa serviríamos a ele, e foi a partir dali que eu assumi um novo nível de compromisso não só de ser um crente, mas estar disponível à me dedicar ao evangelho na Batista do Bom Milagre com o Pastor Oséas Barbosa de Lima.”

A partir daí, então, congregou-se fixamente na Batista do Bom Milagre, igreja então vinculada à Convenção Batista Nacional – sendo a primeira vinculada à organização em solo ludovicense.

Dando continuidade na sua caminhada dentro da batista do Pr. Oséas, ele nos conta que, até um fatídico evento no ano de noventa e um – que logo contaremos –, adotava uma postura um pouco resistente, quase dissonante, pois

“[...] era muito racional, na minha adolescência e na segunda juventude eu fazia muitas leituras, era muito questionador, meio filósofo, meio pensador, então eu tinha algumas fortalezas mesmo estando numa igreja muito renovada onde os dons eram ali muito presentes, eu tinha minhas dificuldades.”

No ano de noventa e um, então, no Centro de Cultura Japonesa de São Paulo em um evento encabeçado pelo pastor Dave Roberson, é que Joaquim tem o primeiro contato pessoal com o evangelicalismo norte-americano, relação que marca a construção e o desenvolvimento do Angelim:

“[...] nesse dia, realmente, foi algo sobrenatural na minha vida que me liberou pro ministério. [...] Aquilo que me prendia de uma entrega maior se quebrou naquele dia e eu entrei aqui na loucura [...] Mas se eu não tivesse vivido essa experiência nada disso teria acontecido, pela minha racionalidade, eu não iria fazer isso. Mais ou menos o que acontece com todos, o que aconteceu com Paulo. Ele abriu mão de tudo porque ele teve uma experiência.”

Caracterizando essa experiência marcante, ele conta que

“[...] a tônica da conferência era a fé, a oração por cura e tudo isso. O Dave é um pastor muito conhecido nos EUA, lá de Oklahoma, e o foco da mensagem dele é fé e a experiência pessoal dele, a importância do orar em línguas para a edificação de fé.”

A partir do momento que experiência e “sente na pele” a prática desse evangelho estrangeiro, apesar de ter nos contado que “assistia muito Jimmy Swaggart, Billy Graham em vídeos, sem nada presencial”, é que o Pr. Joaquim volta para São Luís decidido a construir e liderar seu próprio ministério independente.

Nesse mesmo período deixa o Bom Milagre e passa a frequentar, com sua família, a Batista Nacional do Bequimão, ainda uma congregação, pois, nas suas palavras, “era só uma igreja na ilha sob a presidência pelo pastor Oséas; todas as demais eram congregação.” Como trabalhava na Associação de moradores do Angelim atendendo como dentista e morava nos arredores do Turu, cruzar a cidade até o bairro do Bom Milagre começou a ficar inviável para a família; com o crescimento das batistas nacionais em São Luís, então, assentaram-se no Bequimão, bairro vizinho ao Angelim – tudo isso com o aparente consentimento do Pr. Oséas Barbosa.

Já passando boa parte do seu dia na associação, localizada bem próxima do bairro do Piquizeiro, Joaquim, então, batizado pelo espírito santo e decidido a construir seu próprio ministério, começou a usar, pela noite, seu local de trabalho como ponto de apoio pregações. Conta-nos que, nos anos noventa, o Angelim era um bairro marginalizado, um “lugar inóspito, horrível, era muito lixo, muito feio esse canto”, e, no livreto *Ele Vive* (JOAQUIM NETO, 2012) com nota, acrescenta também que as instalações da associação se encontravam “em estado de abandono, muito depredada” e era utilizada “pelos jovens do bairro para usar droga e se prostituir”. Mesmo com tudo isso, seu ímpeto prevaleceu e começou, com caixa de som e microfone, a pregar uma vez por semana para quem passava nas ruas próximas da associação, distribuindo folhetos e fazendo convites para as reuniões – com a ajuda de sua mulher, seus dois filhos e dois jovens da igreja que visitava.

Embalado pelo que viveu no Centro de Cultura Japonesa com Dave Robinson, Joaquim, mais por vontade própria que por instrução teológica, começa a desenvolver o trabalho ministerial em pequenos grupos familiares, sediando cultos e pregações durante a semana dentro das casas de seus discípulos que, atraídos pelas pregações na praça e na associação, eram, em geral, moradores do Angelim ou de bairros em seu entorno. Como veremos a seguir, essa estratégia de dividir o ministério em pequenos núcleos, ainda que Joaquim ainda não soubesse, era algo já empreendido por outras igrejas no Brasil e no mundo. A prática, aqui, antecedeu o conhecimento.

Então, no começo de 1992, a liderança da Associação, que já o conhecia pelo trabalho que exercia lá, oferece ao ministério um pequeno terreno, uma “sobra de uma

outra doação”, localizado entre as costas da Associação e uma depressão de terra coberta por algumas árvores pequenas, vegetações rasteiras e uma corrente de água. Enfrentando resistência de alguns outros moradores do bairro que reivindicavam o terreno para uma extensão da feira (que já existia), Joaquim, amparado pela Associação e pela Secretaria Municipal responsável, ergueu o pequeno prédio de oito por quinze metros no local cedido, à margem da depressão de terra.

No dia vinte e dois de junho de noventa e dois, tirando dinheiro do próprio bolso e auxiliado por discípulos do ministério, Joaquim começa, oficialmente, as atividades da Igreja Batista do Angelim, ou somente Angelim. Quatro anos depois dessa data, dois eventos, um em noventa e seis e o outro em noventa e sete, mudam o rumo da organização: a visita do ministro Dan Duke para realização do primeiro Adoração Profética, conferência internacional que vigora até os dias atuais, marcando o primeiro contato do Angelim com o evangelicalismo norte-americano; e, em noventa e sete, a viagem de Joaquim para Seul, visitando a Igreja do Evangelho Pleno, onde estabelece redes de relacionamentos e toma conhecimento de modelos organizacionais que empregaria no Angelim.

Para melhor explicar essa primeira ligação com o evangelicalismo norte-americano, precisamos apresentar um outro pastor, tido como co-fundador da igreja: Fernando Sifuentes. Também ex-membro da Batista do Bom Milagre, onde conheceu Joaquim, foi um desses participantes do ministério que auxiliou na construção do templo e, caso relevante, foi quem ministrou a primeira palavra na primeira casa do Angelim. Hoje líder da Casa do Oleiro em Belo Horizonte (igreja que se situa na Aliança, rede de relacionamento que explicaremos melhor a seguir), Sifuentes, a quem Joaquim define como “um cristão de verdade, um homem muito inteligente, culto, muito crente”, não só ajudou a fundar o Angelim como, também, fez a cobertura espiritual de Joaquim no período do Bom Milagre e, em noventa e seis, fez a conexão entre o Angelim e Dan Duke, famoso ministro evangélico norte-americano.

No ano de noventa e seis, numa conversa com Sifuentes durante o retiro de carnaval realizado pelo Angelim, Joaquim toma ciência das missões de Dan Duke e seu ministério em Belo Horizonte, onde realizaram “coisas sobrenaturais”. Curioso, Joaquim aciona Sifuentes, cuja esposa é irmã da esposa do secretário de Dan Duke, Nelson Tristão, a fim de estabelecer algum contato com aquele ministério internacional e trazê-lo para o Angelim de alguma forma. O ministério de Dan Duke aceita o convite

e, em novembro de noventa e seis, o Angelim sedia aquele que seria o primeiro Adoração Profética.

Desde que ficou sabendo, meses antes, até o começo da conferência, como que pego de surpresa, Joaquim viveu dias de muito trabalho e dificuldades pois, realizando as atividades da igreja dentro de um salão de oito por quinze, ainda não possuía a estrutura para receber um evento daquele tamanho. Nas suas palavras:

“[...] fiquei muito curioso e pedi pra Fernando ver com o Nelson Tristão, que era o secretário, da possibilidade do Dan vir aqui e pra minha surpresa ele aceitou o convite. Mas eu entrei numa grande enrascada porque a nossa igreja não tinha estrutura, eu não tinha recurso, eu não tinha som, eu não tinha nada. Aqui eram de pessoas muito pobres, o Angelim era um bairro muito humilde, cercado de invasões, Piquizero, Novo Angelim, Pão de Açúcar que recebeu um ministério americano com uma equipe de dezesseis pessoas. Eu nunca trabalhei tanto na minha vida. Improvisamos muita coisa mas foi maravilhoso, fizemos na rua, pedi cadeira emprestado a colegas, era mistura de tudo quanto era tipo de cadeira, fizemos quatro dias, scandalizou muita gente porque eles vieram com outro tipo de musica, muita liberdade, eles quebraram toda a liturgia, o povo no chão rolando, manifestações. [...] Era a igreja do cai-cai, era não sei o quê... se eu não tivesse muita convicção no valor daquilo que a gente tinha vivido eu teria aberto mão, porque a pressão foi muito grande. Mas resolvemos permanecer, mantivemos a aliança e ele veio seguidos anos. Nós tivemos o privilégio de ver começar no Brasil um novo estilo de adoração, eu vi crescer ministério como o do Cirilo, vários aí que me influenciaram com o tempo e o Angelim estava ali naquele comecinho.”

Dessa forma, essa primeira conexão com o evangelicalismo norte-americano e seu foco na experiência, “no fogo”, na manifestação física etc. impôs a Joaquim diferentes dificuldades: primeiro, a luta para ofertar uma estrutura suficiente para o evento, arcar com as despesas da equipe de dezesseis pessoas do ministério internacional e acomodar as diferentes pessoas que viessem participar da conferência; segundo, realizado o evento, como ele mesmo diz, a dificuldade de enfrentar os rótulos de “igreja cai-cai”, ou de “a igreja do pastor doido”, e continuar no caminho de não somente testemunhar, mas ajudar a construir um “novo estilo de evangelho” no Brasil dos anos noventa.

Se a primeira dificuldade não nos interessa agora nem adiante, a segunda com certeza interessará: batista de origem e ainda filiada à convenção batista nacional, a IBA, desde a metade dos anos noventa, como veremos nas palavras de outros pastores, tinha uma atitude dissonante daquela normalizada dentro da denominação. Por isso Joaquim diz que “quebraram a liturgia” durante a primeira Adoração Profética,

por isso ele “teve que aguentar muita pressão” e, também por isso, desligou o Angelim das convenções batistas em dois mil – algo que, novamente, veremos melhor mais à frente. A visita do ministério de Dan Duke, dessa forma, marca o início de uma razoável lista de assimilações, trocas, conexões e transmissões organizacionais – e eclesiais – que a membreria vai realizar durante a sua história, ignorando a cartilha denominacional.

Agora, o evento de noventa e sete: com o Angelim já sediado no “aprisquinho”, como é chamado, o pastor acompanhou um grupo de pastores batistas da cidade de São Luís para “a maior igreja do mundo, a igreja do Evangelho Pleno de Seul” e, lá, estabelecendo contatos que carregaria para toda vida e assimilando práticas institucionais que também implementa no Angelim até os dias atuais, fez sua primeira viagem internacional como pastor, experiência que nos conta:

“[...] foi impactante, me deu referências que eu não tinha, imagina eu aqui sem nenhuma formação num canto esquecido desse não sabia nem pra onde ia.”

Nessa viagem, para além da sua experiência pessoal como cristão e líder, duas coisas destacam-se na sua fala: o primeiro contato com inúmeras práticas estruturais realizadas não só pela igreja do Evangelho Pleno, mas também das inúmeras igrejas evangélicas ali representadas; e, além disso, os vários contatos e relações que estabeleceu naqueles dezesseis dias e continuou cultivando durante o crescimento do Angelim.

A respeito desse primeiro contato com as práticas religiosas, ele nos conta que

“[...] fui na vigésima primeira [conferência]. Tinham 58 nações e eu tive lá com indiano, ugandense, ganense, Mianmar, com gente do Japão, de tudo quanto é lugar. Era algo impactante pra quem veio do Maranhão com uma igreja que tinha cem pessoas, um casebre de oito por quinze, você chegar numa estrutura daquela, tudo excelente, é um choque. Tudo muito grande, organizado, multidões, aquilo foi impactado e voltei com a maior referência de igreja que eu poderia ter no mundo, como aquela experiência de Abraão quando Deus manda ele sair da tenda. Eu digo referência não da forma de ser igreja, mesmo que a gente pratique algumas coisas, mas referência no termo de crescimento, excelência, estrutura, eles tem um trabalho missionário extraordinário ali na Ásia. É a igreja do evangelho pleno de Seul.”

E conclui que

“foi impactante. [...] A Coreia foi uma referência pra mim.”

Ministério relacionado à Assembleia de Deus – e, assim, “pentecostal”, em teoria –, a igreja do Evangelho Pleno, à exemplo do Angelim e tantos outros ministérios evangélicos bem-sucedidos, cresceu a partir de pregações que aconteciam debaixo de uma tenda da Marinha Americana, debaixo de chuva e debaixo de sol, como nos conta Joaquim, com pouquíssimos recursos financeiros e estruturais. Pela trajetória afim, pela fome de crescimento e pela grandeza que já havia atingido nos anos noventa, a igreja do Evangelho Pleno de Seul torna-se uma referência de lógica institucional, práticas religiosas, formas de evangelizar, estratégias de crescimento, visão de expansão etc.; uma referência não somente religiosa e cristã, mas, também, organizacional – uma referência de ser-igreja.

O segundo fato importante dessa visita a Seul, como dito há pouco, é o avanço na proximidade de Joaquim (e o Angelim, como um todo) com igrejas e pastores não somente do Brasil, como é o caso da igreja de Lagoinhas, mas do mundo inteiro. Saindo do Brasil com outros pastores, ele viajou

“[...] com o pessoal de Lagoinhas, fiz amizade com eles, Neves, Alcione, que eram a equipe que plantou e coordenava o trabalho de célula em Lagoinha e era referência já naquela época. Era uma grande igreja. E aí eu bebi lá, comecei a usar o material, começar com a liderança, levei grupo de irmãos pra conhecer o trabalho da Lagoinhas.”

Como se não bastasse conectar o Angelim somente com o evangelho praticado em Seul, a conferência de 1997 também o conecta com um “novo evangelho”, como ele chama, praticado mesmo no Brasil. Seul, como se diz, abriu portas e janelas.

A assimilação de novas práticas e o estabelecimento de redes de contato, portanto, andam juntas na trajetória do Angelim: Joaquim assimila estratégias e ações dos ministérios com que estabelece contato, e cria redes de relacionamento com os pastores e lideranças que espalham um evangelho comum, o “novo evangelho”. Ainda sobre esse ponto, no livro *Ele Vive*, o líder do Angelim revela que “vivendo o nordeste brasileiro, onde as igrejas eram pequenas e com estrutura muito pobre, eu não tinha referência alguma! Nessa oportunidade [a conferência em Seul] Deus nos conectou com um grupo de pastores de Lagoinha. Pastor Jonas Neves, Pastora Alcione e Dinamarcia Farias, além de alguns outros irmãos. Esses três pastores eram os que trabalhavam a implantação dos pequenos grupos na Igreja Batista de Lagoinha em

Belo Horizonte. Nessa viagem nós fizemos uma conexão e estabelecemos um relacionamento. Começamos a receber influência dessas igrejas.” E, outra vez, acrescenta como se sentia em relação a essas novas redes de relacionamento: “Voltei de lá contagiado! Totalmente desafiado a edificar uma igreja de impacto.”

Como veremos adiante, essa tendência a estabelecer redes de relacionamento e de transmissão de estratégias religiosas não somente transformou a história do Angelim no seu início, mas, atualmente, tornou-se um dos grandes fundamentos organizacionais e eclesiais do ministério.

Pode-se perceber, então, que a história do Angelim como ministério é muito menos relacionada à denominação batista, seu modo-de-ser igreja e suas convenções nacionais que à trajetória pessoal de Joaquim como cristão e seus contatos, relações e conexões que empreendeu junto de seus pastores auxiliares durante o crescimento da membresia.

Tal fato atesta-se, por omissão, como que tacitamente, no livro *Ele Vive*: escrito por seu filho Rodrigo (a quem também entrevistamos), é o relato escrito da memória pessoal de Joaquim sobre si e sobre a igreja que fundou, sendo também a única produção escrita que trata da história e dos caminhos da igreja. Nele, Joaquim não menciona a relação original que o Angelim teve com a Convenção Batista Nacional, não menciona o cargo que ocupou dentro da organização e não menciona que, nos anos 2000, levou o Angelim a romper totalmente com ela. Vale mencionar que, tanto durante nossa conversa quanto no livro *Ele Vive*, Joaquim diz que testemunhou o nascimento de um “novo evangelho” no Brasil nesse mesmo período, o início do século XXI.

Portanto, ao contrário da viagem à Seul, da visita de Dan Duke, das conferências fora do Maranhão e das relações de troca que estabeleceu com igrejas de diferentes denominações (eventos que, no referido livro, ele, em tom elogioso, confere decisiva responsabilidade no crescimento de sua igreja), a respeito desse fato, a ruptura da igreja com as organizações denominacionais, só sabemos o que Joaquim e os outros pastores do Angelim no contaram em entrevista.

Na própria nomeação da igreja há uma indicação dessas rupturas e transformações ministeriais: no começo, quando Joaquim deixa o Bom Milagre para fundá-la, chamava-se Igreja Batista Nacional do Angelim; a partir dos anos 2000, com a ruptura, passou a ser Igreja Batista do Angelim; hoje, com quase trinta anos de existência, é chamada apenas de Angelim por seus pastores e discípulos. A mudança

do primeiro para o segundo nome tem razão mais burocrática e técnica, sendo justamente o desligamento da igreja junto à convenção; a mudança do segundo para o terceiro, entretanto, tem a ver com um processo mais amplo, duradouro e múltiplo, vindo a ser resultado da assimilação de práticas religiosas de outras denominações e o conseqüente afastamento não somente do *ethos* e da práxis batista mas da própria tradição denominacional.

Quando perguntado a respeito da primeira mudança nominal, algo que relaciona-se diretamente com a Convenção Batista Nacional, Joaquim respondeu:

“[...] questões ministeriais, né, porque o líder naturalmente tem a responsabilidade de encontrar caminhos pra crescer e muitas vezes dentro do ministério algumas situações dificultam. E eu vinha enfrentando algumas dificuldades pra caminhar naquilo que eu estava vendo, você sabe que as estruturas se tornam conservadoras, elas se fecham, elas criam muros, até o interagir com outros ministérios despertam desconfiança, ciúmes, e a gente sempre quis ser uma igreja aberta, de relacionamento, que a gente aprende com todos, né. E aí eu comecei a sentir alguma dificuldade, mesmo amando e respeitando todos os líderes. Esse desligamento foi no ano de 2000, quando a IBA tava avançando [...]”

A respeito do seu cargo de liderança dentro da convenção entre os anos de 1996 e 1997, Joaquim nada comentou. Entretanto, Pr. Rodrigo Arrais, seu filho, além de concordar com o pai a respeito dos motivos que levaram à ruptura, nos sugeriu uma pista a respeito do tal cargo ocupado por Joaquim:

“[...] Eu entendo o propósito das convenções, lembro da saída do Angelim da Convenção Batista Nacional. Percebo que na época fez muito sentido. A convenção, de forma prática, não participava da igreja; nem financeiramente, nem de forma cooperativa. [...] Pro Angelim foi muito positivo. Se tivéssemos ainda dentro da convenção Batista Nacional, teríamos saído (risos). Sobre papai, eu acho que ele foi, sim. Eu acho que ele foi [líder na CBN]. Eu não posso confirmar a informação, eu acho que foi e cumpriu o período de presidência da convenção batista nacional, assim. Ele foi muito envolvido em uma época, de frequentar as reuniões e tudo. Mas no período, eu não sei como é hoje, eu não posso falar, porque são muitos anos, mas no período havia... ele ficava muito chateado por causa de política convencional, né? [...]”

Também sobre o tema, o Pr. Mário Batista, que estava pregando naquela Quarta-Feira de Cinzas na primeira visita de Joaquim ao Bom Milagre e que hoje também é pastor no Angelim, nos conta que entre os anos de 1996 e 1997 o seu pastor-líder esteve ocupando um cargo de organização na convenção batista nacional

em São Luís, mas entregou o cargo por desavenças ministeriais com os outros pastores envolvidos na organização a nível nacional.

No entendimento de Joaquim, por conta dessas “estruturas conservadoras” da denominação batista, o Angelim não teria alcançado o tamanho que tem hoje se não tivesse, antes, se desligado da convenção. O pastor diz com clareza:

“[...] destravou aquilo que criava dificuldades com a saída da IBA liberou. Nós começamos a ser uma igreja local com liberdade pra conhecer caminhos, tanto é que isso proporcionou um avanço muito grande no ministério que não seria possível se eu tivesse preso à organização. O próprio sistema estabelece alguns limites, eles são muito convencionais, você tem que fazer parte daquilo [...]”

Alinhado com Pr. Joaquim, na fala do Pr. Rodrigo vemos a construção de uma perspectiva bastante semelhante à do pastor-líder:

“[...] Não tem jeito, toda agremiação de pessoas é uma organização hierárquica, né? Então, de tudo que é hierárquico acaba por envolver política, então dentro das relações, ali, isso deixava ele muito chateado porque esse tipo de coisa acabava engessando as decisões, engessando o avanço, só que é isso que acontece na política nacional, acontece em todo lugar, né? Então, algo muito bom que a gente ordena hierarquia, coloca em hierarquia, ordena e aí engessa. Engessa o ordenamento, cria a burocracia e a burocracia impede o crescimento. Você mata completamente a criatividade, a inovação, a capacidade de perceber os ventos do tempo, e aí, meu irmão, aí é melhor mesmo que as igrejas andem forma independente, como comunidade que é gostoso demais você ajuda qualquer um, você abraça, você se envolve com outros pra ajudar, entendeu? Pra liberar o espírito de generosidade, mas sem toda essa infraestrutura de poder.”

Assim, fica clara a incompatibilidade entre o modelo de organização empreendido pela convenção batista e o modelo de organização que Joaquim, amalgamando diferentes influências e estabelecendo diferentes redes de contatos, queria para a IBA. Mas, como dito, o Angelim não somente se afasta do *ethos* e da práxis batista, mas, na verdade, é alheio à toda tradição denominacional dentro da religião cristã. A respeito desse alheamento à tradição, Joaquim comenta:

“[...] na realidade todas, não é só a Nacional, se você for pra Brasileira, Presbiteriana, cristã-evangélica, qualquer denominação, as vezes cria uma dificuldade e eu sempre fui um líder muito aberto pra aprender e pra experimentar novas práticas dentro da igreja. Acho que quem quer crescer tem que ser livre; onde não há liberdade, não há crescimento.” E, sobre esse crescimento, ele, usando uma analogia curiosa que merece destaque, acrescenta: “eu

acho que ninguém cresce sem se relacionar. Todo aquele que se isola e se fecha em paradigmas ele fica como que cego, ele só vê um lado, um campo muito pequeno. Um líder precisa ter um espectro muito grande, quanto maior o espectro dele de visão, mais ele cresce, quanto mais relacionamento ele tem, mais ele cresce. Não é a influencia, você tem as suas influencias, mas o fato de conhecer pessoas te dá uma opção como self-service, você pega aquilo que você quer, que está sob sua medida, que você pode aplicar, que está de acordo com sua realidade geográfica, cultural, social, doutrinária. Qual o erro dos modelos? Os caras te fizeram um prato feito, te botou comida que você não digere bem, aí tem muito problema. Minha visão sempre foi essa, de ouvir e respeitar a todos mas acreditar em alguns.”

Desde o começo, ou pelo menos poucos anos depois do começo, o que Joaquim queria para a sua igreja não cabia dentro do modelo denominacional tradicional, ou um “prato feito”, como ele diz. Preferindo sempre o “prato self-service” ou o relacionamento com diferentes vertentes denominacionais, os possíveis motivos que o levaram a pensar dessa forma e o detalhamento diacrônico dessas práticas religiosas que o enchiam os olhos são pontos que compõem um quadro socio-histórico um pouco mais amplo do cristianismo contemporâneo, quadro esse que tentaremos aclarar no decorrer deste trabalho.

Interessante notar também que, ainda sobre o tema denominacional, a recusa de Joaquim não acontece somente nesse nível maior e institucional, enquanto líder de uma grande igreja, mas também no nível pessoal, como um cristão entre tantos outros:

“Veja bem, eu realmente fui católico praticante no princípio da minha vida. Fui educado em colégio de padre em Bacabal, fui coroinha três anos, fui líder de jovens, mas a minha relação com o catolicismo era inteiramente tradicional, sem nenhum conhecimento bíblico. Quando eu frequentei a presbiteriana seis meses, ali eu conheci a bíblia [...] comecei a ler muito bons livros, fazer conferências, seminários, congressos e fui tendo uma visão da palavra de deus que foi mudando meu pensamento, meu comportamento [...] Eu não teria me comprometido se eu não tivesse aquele nível de fé. Hoje, eu me sinto filho de deus; denominação é detalhe.”

Tendo passado por diferentes denominações cristãs durante a vida, Joaquim entende que, na verdade, tal divisão é um paradigma que aprisiona tanto a igreja que quer crescer e espalhar mais a palavra de deus quanto o cristão, no nível individual, que busca praticar sua fé e adorar ao senhor. Denominação, como ele diz, “é detalhe”, em diferentes níveis.

Antes de detalhar a Aliança Global Angelim, que ilustra muito bem a expansão ministerial e inter-relacional (e, em algum nível, até simbólica), gostaríamos de, antes, relatar o crescimento concreto do Angelim, em sedes, templos e campus, por dois motivos: o primeiro, cronológico, é que esse crescimento concreto e sólido, das sedes e das casas da igreja, acontece antes da criação da Aliança, ainda que, hoje, desenrolem-se simultaneamente; o segundo, tanto espacial quanto temporal e metodológico, por tratar-se de um fenômeno tanto local quanto global e por ser a consagração nominal e representativa de uma série antiga de trocas e conexões entre o Angelim e outras igrejas, é a atenção analítica particular que a Aliança vai exigir da nossa pesquisa – ou, em outras palavras, a abordagem da história conectada que usaremos para compreendê-la.

Erguido no ano de 2006, quatorze anos depois da fundação e dez depois daquela primeira visita de um ministério internacional, a história do Apriscão, como é chamado por todos, é contada no livro de memórias de Joaquim: por conta da expansão numérica da igreja (que, vale lembrar, a esse ponto da história já era uma igreja “livre”, independente e “de relacionamento”), sua liderança começou a notar a necessidade de expandir o espaço físico que recebia seus fiéis. O primeiro salão já havia sido expandido e reformado, passando a contar com um mezanino improvisado no nível superior e decorado, por influência direta da igreja de Lagoinhas, com bandeiras de vários países ao redor das paredes de frente ao púlpito (como podemos ver nas fotografias, anexadas ao presente texto), mas, mesmo assim, dado o crescimento, tornou-se insuficiente para acomodar seus discípulos e os diferentes eventos sediados pela igreja.

Como já mencionado, a igreja localiza-se próximo a uma depressão de terra que a separa de uma área verde com uma corrente de água e vegetação diversa. Antes de 2006, atrás do primeiro salão, o Aprisquinho, uma grande área pública se estendia dos muros da igreja até a depressão de terra, sendo utilizada, segundo Joaquim, como um terreno pra despejo de lixo pelos moradores do bairro. Visando o crescimento da igreja, Joaquim convence o então prefeito de São Luís, Jackson Lago – que, com o Apriscão erguido, recebe placa durante o primeiro evento sediado na casa nova, como mostraremos nas fotografias –, a ceder-lhe o terreno público com o argumento de que a igreja dará utilidade coletiva para ele.

Enfrentando outra vez a resistência dos feirantes, Joaquim teve seu processo para autorização de uso do terreno arquivado pelo secretário responsável e, meses

depois, fez outra visita ao prefeito. Nesse segundo encontro, ele conta que Jackson Lago ficou irritado e convocou, junto ao secretário, uma reunião para o dia seguinte com as partes interessadas. Acertadas as desavenças, o terreno finalmente foi cedido à igreja e a obra iniciada, elevando, nas palavras de Joaquim, o Angelim a “um nível maior de autoridade, temor e respeito” ante a comunidade local e ludovicense.

Sendo obrigado, as vezes, a realizar quatro cultos no mesmo domingo para acomodar seu alto número de fiéis no primeiro salão, Joaquim, com a autorização para construir na nova área, expande a igreja para uma nova área de mil e quinhentos metros quadrados e ergue o Apriscão sustentado em doze colunas fundamentais para sediar, com estrutura adequada, enfim, a décima conferência internacional da igreja.

Depois do Apriscão, que hoje situa-se num tipo de complexo Angelim que comentaremos a seguir, a organização da igreja adquiriu outras propriedades ao redor de São Luís e expandiu, tanto no Angelim quanto na cidade, sua presença e seu domínio. Adquirindo um terreno no bairro do Jardim da Mata no final na primeira década desse século, entre o Jardim Tropical e o Maiobão e pertencente ao município de São José de Ribamar, a igreja constrói o Centro de Treinamento Peniel, o CTP. O centro, que se estende numa grande área arborizada, é equipado, dentro dos seus grandes muros, com dormitórios, refeitório, templo de adoração, residência do caseiro, piscinas, campo de futebol e outros recursos que oferecem aos discípulos e visitantes o conforto necessário para a participação em encontros com Deus, retiros de carnaval, batismo e toda sorte de evento realizado pela igreja.

Situado no município de São José de Ribamar, o Elim, construído após o CTP, é outro grande acampamento onde a igreja realiza conferências, shows, treinamentos, retiros e encontros de maior porte. Localizado à margem da estrada de Ribamar, também conta com refeitório, cozinhas, dormitórios para homens e mulheres, banheiros e, erguido no centro da propriedade, um templo de louvor, cultos e adoração que pode acomodar mais de oitocentas pessoas. Para termos noção de sua capacidade, o primeiro evento sediado pela propriedade, em 2011, foi um batismo nas águas de mais de duas mil pessoas; no mesmo ano, durante uma das festividades do calendário anual, a Festa da Colheita, também conseguiu acomodar, na extensão do terreno ao ar livre, mais de quinze mil pessoas.

Também levantado na Estrada de Ribamar, o Campus Ribamar do Angelim foi empreendido, como o próprio site da igreja mostra, com o objetivo de “alcançar o outro lado da Ilha de São Luís”. A igreja, no primeiro semestre de 2021, iniciou a obra nessa

estrutura para cultos e grandes eventos, com auditório para 4 mil pessoas e estacionamento privativo. Diferente das duas outras propriedades, o Campus Ribamar opera mais como igreja, com horários regulares para cultos e adorações, do que como acampamento ou centro de convenções. Na propriedade, a igreja também sedia encontros, eventos temáticos, reuniões de oração e escolas de treinamento que funcionam durante a semana. Além disso, a igreja, à exemplo do que já é feito na matriz, também pretende, em breve, disponibilizar atendimento pastoral diário as pessoas de Ribamar, Paço do Lumiar e municípios adjacentes que queiram conversar com a liderança sobre o tema que acharem necessário.

Para além dessas três propriedades filiadas à matriz do Angelim, o site da instituição anuncia que há uma quarta em desenvolvimento, o Maanaim. Não mencionado no período das entrevistas e publicado no site após elas serem aplicadas, esse terceiro centro localiza-se no bairro Maracanã e vai seguir os mesmos moldes do CTP e do Elim: com excelente estrutura para eventos de colheita e treinamentos, estará mais próximo do modelo de acampamento e centro de convenções do que de igreja, como o campus Ribamar.

Matriz desses outros campus espalhados pela região de São Luís, o Angelim, hoje, apresenta uma estrutura bastante diferente daquela da metade dos anos noventa, no salão oito por quinze onde iniciou suas atividades. Como já vimos na fala do Pr. Joaquim, esse primeiro pequeno salão tornou-se o “Aprisquinho” onde, por uma década, a IBA operou suas atividades e, então, em 2006, a igreja construiu o “Apriscão”, num terreno ao lado, para conseguir acompanhar o crescimento de fiéis nos cultos e acomoda-los com conforto.

Junto com a construção do “Apriscão”, entretanto, outras edificações foram levantadas ao seu entorno: sede dos cultos e eventos principais, com mais público, ele, mesmo que construído após, possui o “aprisquinho” como um salão anexo, destinado a reuniões de menores público – e, combinados, formam a matriz do Angelim. Construída a menos de quatrocentos metros da Jerônimo de Albuquerque, no fim de uma rua que dá acesso limpo e direto à avenida, a sede, apenas com o prédio principal do Angelim (mais três, na mesma rua, formam o campus) ocupa pouco menos de um quilômetro quadrado na área, no encontro da supracitada rua nove que desce da Jerônimo de Albuquerque e a rua oito, que dá acesso a uma das duas grandes praças construídas na região.

Dentro do muro baixo e das cercas de ferro, duas entradas, uma em cada margem das ruas oito e nove, dão entrada para a sede: a principal, na margem da rua nove, que dá acesso direto à Jerônimo de Albuquerque, abre-se num portão de ferro largo, e leva o visitante à um grande pátio ao ar livre, inclinado e cimentado do lado direito do Apriscão, com alguns banquinhos de cimento, decorado com jarros e plantas, além de, no lado oposto ao tempo, à esquerda de quem entra, sediar uma pequena lojinha oficial de artigos evangélicos relacionados à igreja e a toda sorte de músicos, artistas, pregadores e visitas especiais que a membresia recebe.

Ao lado desse pátio ao ar livre, ergue-se a grande parede lateral do Apriscão, com uma entrada no meio para a passagem de pessoas e algumas janelas de vidro que, geralmente fechadas, deixam a luz entrar no lugar das pregações. Entrado por essa lateral esquerda do salão coberto, logo podemos ver o mezanino na parte de cima, construído para ampliar ainda mais a capacidade de pessoas, bem como as várias fileiras de cadeira de plástico (cobertas, em sua metade, pelo mezanino), uma colada na outra, posicionadas de frente para o púlpito e estendidas até a entrada que dá acesso a um outro pátio. No ambiente climatizado com algumas centrais de ar, o fiel ou o visitante podem, dependendo de onde estiverem sentados, assistir ao culto a olho nu ou por alguns televisores posicionados na coluna do mezanino, na parte mais distante do pregador. Esses mesmos televisores, em outros momentos do culto, mostram informações sobre eventos, datas, avisos e contas bancárias para transferência online do dízimo e da oferta.

Construído a menos de um metro e meio acima do chão do salão, o palco, decorado com azulejos e equipado com duas escadas de acessos nas laterais, é decorado, ao fundo, com um enorme painel digital que exibe diferentes identidades visuais dependendo do evento sediado, além de ofertar espaço para duas percussões em cabines de vidro, palco para grupos e bandas, diferentes microfones e, no centro, erguer e exibir um púlpito de vidro e ferro para uso de quem ali prega ao público.

Na entrada da rua oito, a primeira da história da igreja, que dá acesso aos fundos do aprisquinho, as pessoas entram por uma porta de vidro menor que a do pátio já citado e passam, à sua direita, pelo primeiro salão da igreja e, num corredor inclinado, descem até ao primeiro pátio construído nos domínios da membresia, já citado anteriormente. Na descida do corredor, à esquerda estão os banheiros da igreja, em frente à entrada do aprisquinho, e ao seu lado uma sala de atendimento, também com porta de vidro, recebe quem transita na área.

Entre o fundo do Apriscão e o acesso à outra entrada, um pátio menor se estende nos limites de outras pequenas salas, construídas em dois andares, logo após a saída do corredor, onde funcionam outras lojinhas, creches e salas pensadas para receberem reuniões maiores das redes da igreja, de minicursos, treinamentos e outras reuniões menores afins – espaços diversos para sediar e dar conta de toda sorte de eventos promovidos pela igreja.

Do lado de fora do muro e das grades de ferro da sede da igreja, outros prédios e salas, nas rua oito e nove, se avizinham com as residências do local e aumentam o domínio da instituição no bairro. Ao lado da entrada principal, que dá acesso ao pátio maior, três pontos de lanches e refeições, de membros da igreja, funcionam nos horários de culto para fornecer comida e bebida aos fiéis e visitantes na calçada coberta dos estabelecimentos, onde acomodam os clientes nas mesas e cadeiras dispostas; ao lado desses três pontos, um prédio de um andar acomoda a sala dos pastores da igreja que prestam atendimento ao público, cada qual com uma sala específica para si, nomeada com placa na porta de entrada, como gabinetes. No andar de cima, por onde subimos por uma escada estreita construída no meio do prédio, funcionam os gabinetes dos pastores-líderes: Pastor Joaquim, fundador da igreja já referenciado; Pastor Rodrigo, filho do pastor Joaquim, também referenciado aqui; e Pastora Rose, mãe de Rodrigo e esposa de Joaquim, com quem não conversamos. No andar de baixo da sede de gabinetes pastorais, os outros diversos pastores da instituição (como Pastor Mário, com quem falamos, mas em nada auxiliou no desenvolvimento da pesquisa) prestam atendimento e trabalham durante o dia, a partir das oito horas. Além disso, ao lado da escada central, uma recepção funciona em horário comercial organizando as filas dos visitantes, acomodando-os na cadeiras dispostas no salão, e alinhando a agenda de todos os pastores.

Desde sua criação até pouco menos de cinco anos, em momentos de culto ou eventos sediados pela igreja, por se localizar numa área residencial e de ruas estreitas, era bastante comum ver carros, motos e ônibus (de caravanas e visitas de outras instituições) estacionados em outras ruas próximas à membresia, ocupando, num raio considerável, o espaço urbano em torno da IBA por falta de um planejamento apropriado e um estacionamento que comportasse a quantidade de carros nesses momentos específicos. Há menos de cinco anos, então, após pressão e apoio da igreja, o governo municipal, no exercício do ex-prefeito Edivaldo Holanda, iniciou e concluiu a total restauração da praça usada por Joaquim no começo da sua

caminhada na fé, provendo-a com pista de skate, bancos, um piso limpo e, mais importante que isso, espaço destinado ao estacionamento de veículos. Seu acesso até a IBA, vale destacar, acontece pela rua oito, perpendicular à rua que desce da Jerônimo de Albuquerque, fazendo assim, também, vizinhança frontal à associação do bairro onde Joaquim trabalhava e ministrou encontros antes de funda o Angelim.

Podemos, dessa forma, entender o sentido da expressão campus para designar a estrutura física da membresia no Angelim: a restauração na praça vizinha, os três prédios de apoio do lado de fora dos locais de culto, os dois apriscos para realização de cultos e eventos maiores, as diferentes lojinhas, recepções, creches e salas para treinamento, reunião e estudo bíblico, todos esses elementos físicos, estruturados e organizados à margem da Jerônimo, formam o complexo IBA, ou complexo Angelim – algo que, mesmo nas igrejas mais visitadas e populares na cidade de São Luís, não encontramos nada parecido em matéria de organização física e ocupação do espaço urbano.

1.3 Angelim extra-nacional: a aliança global e a crise denominacional

É nesse complexo Angelim, nesse campus, portanto, que se instituirá a Aliança Global Angelim, projeto-chave da igreja, o qual, por dois motivos principais, gostaríamos de dedicar atenção especial: o primeiro, como já adiantamos, por se tratar de um fenômeno que brinca com as categorias local/global – que atestamos na fala tanto de Joaquim quanto de Rodrigo – entre o Angelim e igrejas de todo mundo (desde a do Evangelho Pleno em Seul até as atuais, que são várias), e não somente facilita, como compele a aplicação da abordagem da História Conectada; segundo, por tratar-se de um fenômeno “menor” e particular (por tratar-se, mesmo que tanto local quanto global, das relações empreendidas por uma igreja somente) que expressa, com a sua própria existência e seu modo de ser, a crise denominacional em curso no cristianismo contemporâneo – numa escala maior, mundial, global.

Dessa forma, abordar a Aliança com a perspectiva da história conectada arremata e elucida dois fenômenos socio-históricos seguidamente: antes as conexões empreendidas pela própria instituição com evangelismos extra-nacionais; depois, servindo de exemplo, de sintoma, expressando uma mudança de ethos que acontece em outros estados e em outros países do mundo, movimentando o que conhecemos como cristianismo no mundo.

Definida, no site da igreja, como “Rede de relacionamento entre pastores e ministérios com mais de 200 igrejas no Brasil e Europa, com Liderança apostólica dos pastores Joaquim Neto e Margarth Rose, da Igreja Batista do Angelim, com sede em São Luís, MA.” (Aliança Global Angelim. Igreja Batista do Angelim, 2022. Disponível em: <https://www.ibangelim.com.br/missions/>. Acesso em: 13/06/2022), a Aliança não é referenciada no livro *Ele Vive* nem em outras fontes documentais além do site mas, através das entrevistas, conseguimos acumular informações sobre sua origem, seu mote e seu funcionamento com os pastores Joaquim e Rodrigo.

Como que a nomeação institucional de práticas, relacionamentos e trocas que a igreja já empreendia há anos, a Aliança, tanto na fala de Joaquim quanto de Rodrigo, não tem uma data fixa de criação – pois, de certa forma, existe desde que o Angelim existe. Assim, quando perguntado sobre a suposta data de criação, Joaquim nos responde:

“não foi projeto, nada nessa igreja foi projeto. Eu costumo dizer que quando você realmente inclina seu coração a fazer a vontade de Deus, ele vai te dando os caminhos, as conexões, tudo isso foi como aconteceu aqui. A igreja cresceu e naturalmente que um segundo passo de uma igreja que cresce é multiplicar, gerar, os líderes tem um sonho de começar seus ministérios, é natural, são como filhos, e a sua responsabilidade é canalizar e dar o suporte. Outra coisa, quando você realiza alguma coisa que tem relevância você ganha o respeito das pessoas, as vezes admiração e confiança, então os pastores nos procuram, as vezes chegam aqui quebrados, feridos, outros chegam cheios de sonhos de começar um ministério e a gente acolhe, a gente trata, a gente ajuda financeiramente, dá aquela condição que a pessoa precisa. [...]”

Já Rodrigo, perguntado sobre a mesma coisa, completa a resposta do pai:

“Assim, acho que é uma coisa engraçada... parece loucura, né? Não teve nenhum planejamento estratégico para criação dessa rede. É uma rede diferenciada porque ela, na verdade, é uma partnership network. Ela é uma de parceria e relacionamento, são igrejas autônomas que se reúnem em torno de visão, amizade, identificação... não tem prestação de pagamento de nenhuma forma e a única, única coisa que se pede, né, é integridade, honra, prestação de contas mútuas, de testemunho, de ministério e, assim, essa generosidade de um serviu o outro, né? Então não teve, assim, um momento desse “poxa, vamos dar uma rede de igrejas!”, não, até um tempo atrás não tinha nem nome. Mas, você gera uma rede, assim, de relacionamentos e aí a gente estabeleceu um encontro anual, além desse encontro anual tem visitas constantes, né, de uns aos outros. Aí estabelecemos, em comum acordo, lideranças regionais pra dar uma cobertura mais próxima, e aí nasceu a aliança global da Angelim, né? Não sei quem criou o nome, mas acho que foi papai. Talvez, talvez há uns dez anos. Não tenho certeza. [...]”

E, sobre a importância da Aliança para o desenvolvimento da igreja e do evangelismo como um todo, ele acrescenta:

“[...] a organização engessou a resposta pro tempo, né? Então esse é o perigo das igrejas mais históricas, que eu vejo. Elas sempre existirão, correm o risco de ficarem nichadas, né, e as grandes redes de relacionamento, mais rápidas, menos hierarquizadas, mais focadas no que importa e, também, com uma visão local de alcance global, tendem a crescer. A gente tem amigos no mundo inteiro, é uma família global. Local e global se relacionam porque há uma abertura pra isso. Coisa que já não há em algumas estruturas convencionais mais tradicionais, mais históricas, sabia? Porque eles têm regras de cooperação muito mais engessadas. [...]”

Tamanha a importância da relação local e global para a Aliança – e para o Angelim como um todo – que, não por acaso, aparece claramente, nessas mesmas palavras que os teóricos da história conectada usam, na fala de Rodrigo. O Angelim, assim, não troca símbolos, práticas, estratégias e teologia somente com algumas igrejas brasileiras, mas abre-se para instituições de outros países tanto para receber influência delas quanto para influenciá-las na sua cobertura pastoral, ou rede de relacionamento.

Pautada em valores diversos dos antigos valores denominacionais, essa rede de relacionamento, que passaremos a chamar de AGA (Aliança Global Angelim), também não é única em que se insere o Angelim. Há dois anos, em novembro de 2020, o Pr. Elias Dantas esteve na IBA para ministração de cultos e reafirmação da parceria da igreja com a GKPN (Global Kingdom Partnerships Network), rede de parcerias de que é líder – fato documentado na conta pessoal do Pr. Rodrigo em seu instagram.

Multidenominacional, a AGA, nas palavras de Joaquim, é um ministério que “nunca recebe igrejas grande, sempre estão começando ou acolhendo os quebrados” pois são “um ministério consertador de vasos”. Além disso, como vimos nas declarações tanto de Joaquim quanto de Rodrigo, essa relação se dá de forma mais direta, espontânea, quase informal, pautando-se sempre na liberdade e na autonomia. Exemplo disso é que, para que alguém se desligue da parceria, basta “no momento que quer sair só pede para sair e justifica, escreve uma carta e também se desliga, sem maiores problemas” – relata Rodrigo.

Sempre que perguntados sobre o “novo evangelho” nascido no Brasil a partir dos anos 2000, como vimos na fala de Joaquim anteriormente e veremos, logo mais, na de Rodrigo, ambos pastores falam constantemente em “comunicação” e “relacionamento” entre as igrejas envolvidas:

“[...] Isso é um hit, né? [as redes de relacionamento] São, acredito, mais leves e efetivas em ajudar uns aos outros, que se mantêm conectadas por relacionamento, elas se mantêm conectadas por uma teologia comum básica, apesar de que uma outra igreja dentro das redes tem suas próprias forma de ler o evangelho, né, sua própria liturgia, mas a teologia básica ali, o credo básico, né, é o mesmo. Tem crescido muito. Acho que assim, é o que eu penso, é que são muito efetivas, menos engessadas. E a pessoa é livre pra entrar, ela fica um tempo ali até ser aceita, apresentada, à igreja, ao líder, aos outros. [...]”

Empreendidas em redes a partir da metade dos anos noventa e começo dos anos dois mil, data que, não por acaso, marca o crescimento da IBA, essas relações de contato baseiam-se, de forma prioritária, na liberdade pra se conectar com práticas de teologias outras e crescer de forma independente, conforme o desejo de seu pastor, quebrando com as regras das convenções nacionais. Constantemente veremos o uso das palavras “comunicação”, “relacionamento”, “engessamento” e “liberdade” para definir a forma de agir do Angelim e, por conseguinte, a forma de agir da Aliança e as igrejas que estão debaixo da sua cobertura extra-nacional. Joaquim, quando perguntado sobre as razões que ele elaborava para explicar o crescimento do Angelim, deixa muito claro:

“[...] Eu acho que ninguém cresce sem se relacionar. Todo aquele que se isola e se fecha em paradigmas ele fica como que cego, ele só vê um lado, um campo muito pequeno. Um líder precisa ter um espectro muito grande, quanto maior o espectro dele de visão, mais ele cresce, quanto mais relacionamento ele tem, mais ele cresce. [...]”

Como dito anteriormente, a AGA nada mais é que a nomeação, a titulação e a reificação institucional da tendência matriz da igreja, que marca sua trajetória: a tendência a se comunicar, de se relacionar, de ser “uma igreja no tempo”, tanto “local quanto global”, nas palavras do Pr. Rodrigo. O ethos denominacional e o modo-de-ser que daí se segue perde sentido para essas instituições que desejam crescer juntas, se hibridizando e se misturando (SIMÕES, 2016) e não somente deixa de orientar suas condutas mas, para além disso, e aqui tocamos pela primeira vez em um ponto

importante da presente pesquisa (e que desenvolveremos melhor adiante), o ethos e o próprio vocabulário demonimacional, como que coisas de um outro mundo, um mundo falido e pregresso, caem em desuso, tornam-se coisas obsoletas e “viram monumentos”, também das palavras de Rodrigo. Quando perguntado sobre o papel da igreja no tempo atual, o Pr. Rodrigo, enfatizando a diferença entre a IBA e a prática denominacional comum, chama atenção para o tempo:

“[...] eles não percebem que a igreja só sobrevive, a igreja só vence, a igreja só avança se ela tiver em contato com todo tipo de opinião contrária a ela, se ela tiver na arena de combate, se ela tiver capacitada. Em contato com o zeitgeist, com o tempo, com a cultura, porque senão ela tá pedida, cara. Então assim, a gente tem que estar no meio da confusão, entendeu? [...]”

O Angelim e a AGA são, assim, ministérios que entram em contato com o zeitgeist, com o tempo presente; são, num sentido quase filosófico, igrejas no tempo, em constante movimento.

Quando, há pouco, o Pr. Rodrigo falou em “hit”, tentava expressar justamente essa onda de redes de relacionamento, ou parnetships network. Durante nossas conversas, além da AGA, como também já citamos acima, ele fez referência a outras duas: a GKPN, de alcance global, sediada nos Estados Unidos, da qual, inclusive, fazia parte através de um grupo de whatsapp – que me mostrou em entrevista – e que tem o Pr. Elias Dantas como um de seus coordenadores. E a Fraternidade, sediada em Portugal, essa já liderada pelo Pr. Elias Dantas, de quem Rodrigo é próximo – algo também já referenciado anteriormente no texto. A AGA, dessa forma, não é uma aliança desenvolvida sozinha, isolada no Brasil ou no mundo, mas cresce concomitantemente à outras alianças globais, nesse contexto de contemporaneidade, ou “hit” e “moda”, como definiu Pr. Rodrigo.

Portanto, a AGA não somente conecta o Angelim, a igreja local, com o evangelismo cristão global, nos diferentes países do mundo, em relações de amizade pastoral admitida por todos mas, na verdade, coloca a membresia ludovicense em uma posição de liderança e cobertura dentro da rede, conferindo ao objeto de estudo aqui analisado importância maior tanto no sentido local, restrito à importância da igreja para a zona metropolitana de São Luís, quanto no sentido global, enquanto pastora de outras igrejas espalhadas no Brasil, na América do Sul e na Europa.

O fato de ter sido desenvolvida espontânea e organicamente, entretanto, não diminui a relevância da Aliança mas, na verdade, é mais uma expressão de um quadro maior, que é esse novo evangelho brasileiro desenvolvido a partir dos anos 2000. Desde sua criação, em meados dos anos noventa, como vimos, a IBA mantém contato direto com diversas formas de adorar a Cristo e maneiras de empreender o evangelismo no mundo, entre as viagens de Joaquim e de sua equipe, os eventos sediados no Angelim, os cursos ministrados dentro da igreja e as práticas teológicas institucionais que a liderança da igreja decidiu assimilar para si, compondo sua identidade.

Portanto, como já disse, a AGA é a consagração nominal de comportamentos institucionais que o Angelim expressa desde sua criação, quase que “tacitamente”. Isso que chamamos de comportamentos, entretanto, não é algo inédito no evangelismo do final do século XX e não surge do nada, por acaso, mas, como veremos a seguir com a igreja de Lagoinhas (parceira muito próxima do Angelim), a própria criação da Convenção Batista Nacional e a Igreja do Evangelho Pleno de Seul, são tendências de um quadro maior, do espectro cristão-evangélico na contemporaneidade que, através da IBA, chamada por seus próprios pastores de igreja no tempo que acompanha o *zeitgeist*, encontrou mais um canal – e um canal eficaz e relevante, como já salientamos – para sua propagação.

Como já antecipamos em alguns excertos de Joaquim e Rodrigo, a chamada crise das denominações cristãs não acontece em paralelo ao levante e desenvolvimento das redes de troca e contato, mas, na verdade, os dois fenômenos socio-históricos coexistem no mesmo tecido temporal – esse quase que se constituindo como uma “resposta” àquele.

A respeito da crise denominacional dentro da igreja, Joaquim é bastante claro:

“olha, eu tive uma confêrencia com o Peter Wagner e ele disse uma coisa em 1997 muito forte: que as denominações estavam em crise e que as igrejas que mais cresciam no mundo eram as igrejas locais, que é uma realidade até hoje. O erro é ficar velho, é não se renovar, é se tornar muito tradicionalista, se prender. Algumas crenças, algumas praticas que vao ficando fora do contexto, que você não comunica mais. O desafio é comunicar. O desafio de todas as áreas é comunicar. Quando você deixa de comunicar, você parou. Nosso principal proposito é comunicar. Deixou de comunicar, atrofia, se aliena. Entao eu creio que não só as denominações, mas as organizações se perdem nisso; elas se prendem naquilo e aos poucos vai perdendo a eficiência e para de crescer e morre. [...]”

Originalmente anglicano (ou seja, protestante histórico), Peter Wagner é um famoso teólogo estadunidense, falecido em 2016, que, na década de oitenta, após alguns fazendo trabalho missionário, aproximou-se cada vez mais de denominações e práticas pentecostais, apesar de nunca ter se assumido assim. Defensor da batalha espiritual na caminhada evangélica, também era defensor dos apóstolos modernos, entendia-se como apóstolo e fundou uma importante organização internacional de apóstolos, a International Coalition of Apostles⁷, que conecta líderes no mundo todo no intuito de construir o “reino de deus na terra”. Vale salientar que, como já dissemos outras vezes, não é obra do acaso a influência direta de Peter Wagner em Joaquim e na IBA, originalmente batista, mas mais um exemplo claro do crescimento dessas organizações multidenominações, por assim dizer, e as aproximações teológicas do Angelim com alguns pentecostais.

Como podemos ver, na fala de Joaquim fica clara a relação de oposição que ele estabelece entre as convenções denominacionais e a capacidade de se comunicar, de se relacionar, de se “hibridizar” (SIMÕES, 2016), de se conectar. Entretanto, entendendo a capacidade de se comunicar como algo acessório, ele alerta para a necessidade de não perder a mensagem principal de vista:

“[...] Eu não abro mão dos valores, os nossos marcos que não podem ser removidos. Nosso fundamento é a palavra de Deus, mas a forma de comunicar pode ser mudada. Uma casa você reforma ela toda, mas você não pode modificar os alicerces.”

Comedido, o pastor, dessa forma, estabelece um certo “limite”, entendendo que a comunicação deve ser feita mas o norte, a matriz bíblica e a mensagem de Cristo, sobre a qual a igreja se alicerça, não deve ser afetada – a comunicação é, assim, um catalisador, nunca o mote principal da organização.

Ainda a respeito da crise denominacional, Rodrigo é um pouco mais prolixo e enfático:

“É um fenômeno global, sem dúvida [a crise denominacional], é o feedback que eu tenho da Europa, por exemplo, né, onde as convenções não conseguem criar e romper, algumas, e [...] a crise existe e ela precisa ser superada, e ela só vai ser superada com inovação, com mudança, né? E é muito difícil você fazer isso em instituições muito antigas. Eu vi um pastor dizendo que o problema da igreja é que ela pode se tornar um monumento em vez de um

⁷ Disponível em: <https://www.icaleaders.com/>. Acesso em 17/08/2022.

movimento. Então simplesmente fica um uma coisa monumental, parou. [...] que é o que está a acontecer com as catedrais europeias, né? Você paga um dinheirinho ali pra dar uma visita, é só arte. O que antes era devoção, agora é só arte. Não tem mais... perdeu vida, entendeu? Perdeu em movimento, perdeu em poder. [...] O problema deles é só de espaço pra inovação e mudança. Eles estão engessados nas suas estruturas, e aí a igreja começa a ficar esganada, ela começa a decrescer. E aí todo tipo de autojustificação aparece, né? “Não, nós somos a última torre de resistência, nós somos tal...” não, cara, tem que ver o que tá dando e errado, a nível global mesmo. Recentemente eu tive na Alemanha, né, aí tu ir lá visitar as igrejas mais históricas, tradicionais. Elas não têm nada. Só velhinho. Só velhinho, cara. Cadê o filho desse pessoal? As pesquisas indicam que o maior fator pra conversão de uma pessoa, o que mais traz pessoas pra conversão, o que mais traz pessoas pra Jesus é a família, a hereditariedade da fé. Aí você vê toda uma geração nessas igrejas históricas na Europa, nos Estados Unidos, que não se multiplicou, os filhos não frequentam mais igrejas, a igreja só tem velhinho. Né? Parou, cara. Vai acabar. Vai acabar. O único lugar onde a igreja de Jesus ainda cresce na Terra é na América Latina, onde a igreja tem avançado, alguns países ali da Ásia, onde tem havido algum tipo de avivamento, só. Nos Estados Unidos parou, né, na Europa está retrocedendo, está decrescendo. É muito sério. E poxa, a gente precisa de todo mundo, precisa das igrejas presbiterianas, batistas brasileiros, todo mundo. Agora, pra voltar a crescer, tem que ter mudança. Entendeu? E, assim, não é uma neopentecostalização das igrejas batistas, protestantes. [...]

Fazendo um paralelo entre a contemporaneidade e as idades modernas e medievais, Rodrigo chama atenção para as capelas e catedrais católicas europeias, onde “você paga um dinheirinho pra visitar” e ver arte, somente arte. Teme, dessa forma, enquanto pastor de uma igreja que tenta constantemente inserir-se no seu tempo, que não somente as denominações virem monumentos assim, de uma outra era, um outro mundo, mas teme por algo maior: o cristianismo global em si, a palavra do seu deus.

Se na fala de Joaquim apenas parece que o investimento e a diligência com as redes de relacionamento surgem como uma “resposta” a essa crise denominacional vista por eles – fenômenos que, na nosso modo de ver, como já disse, acontecem de forma relacional –, na fala de Rodrigo fica bastante claro: as igrejas vinculadas às convenções tradicionais e as organizações denominacionais estão perdendo espaço no cenário cristão, estão “regredindo”, se apequenando, e não conseguem mais se comunicar tanto com igrejas de teologias outras quanto com as novas gerações de pessoas. Por isso, então, o pastor insiste em dizer que são memórias fechadas em si, restritas, que têm muita dificuldade no diálogo multidenominacional e presas à liturgia tradicional, ao seu ethos denominacional originário – importante termo que já chamamos a atenção anteriormente. Quando o pastor fala que “precisamos de todo

mundo”, expressa muito claramente um dos motes principais da AGA: conectar líderes evangélicos do mundo todo, compartilhando estratégias e buscando formas de responder à essa crise denominacional que, de uma maneira geral, eles entendem que existe no cristianismo atual.

Importante notar que, mesmo recebendo igrejas originalmente pentecostais dentro da cobertura da Aliança e dialogando reciprocamente com elas, Rodrigo defende que não há uma neopentecostalização das denominações protestantes com quem o Angelim se relaciona – algo que, como discutiremos bastante a seguir, é amplamente debatido e estabelecido dentro da pesquisa brasileira que ainda enxerga a questão evangélica nacional a partir do ethos denominacional. Para Rodrigo, e também para seus pares dentro da Aliança, como já disse, o próprio vocabulário denominacional não faz sentido, lhes é estranho, “é detalhe”, como diz Joaquim.

Eles, dessa forma, não entendem que sua igreja e outras igrejas protestantes estão se neopentecostalizando: estão, na verdade, se comunicando entre si; comunicando-se com seu tempo, se movimentando no espaço temporal porque, na verdade, é dessa forma que entendem conseguir espalhar melhor a palavra de Cristo. Nas palavras de Rodrigo:

“[...] Toda vez que você começa a andar só em modo de manutenção, você começa a decrescer. Tem que ser sempre modo de inovação, crescimento, novas coisas, ânimo pra criar. Como é que nós vamos ganhar essa geração aí nas faculdades, como é que a gente vai falar do evangelho pessoal do TikTok, entendeu? Como é que a gente vai alcançar os jovens casais? Hoje, o grosso da igreja são pessoas de até trinta e cinco anos com filhos. Como é que a gente pode servi-los pra que eles caminhem com Jesus e formem seus filhos na palavra de Deus? Isso aí é importante. Essa, essa é a missão.”

Como podemos notar sem esforço, abundam exemplos de ênfase na movimentação da igreja, no dinamismo da teologia e das práticas institucionais a fim de acompanhar os movimentos do espaço social que a circunscreve e, assim, continuar conquistando fiéis e cumprindo a missão principal da igreja: comunicar a palavra de deus, o evangelho de Cristo.

Conversando com Joaquim, pai de Rodrigo, ele nos conta que, já em idade avançada e confessando que não consegue mais acompanhar o ritmo de aprendizado dos mais jovens, cercou-se de um conselho de jovens para auxiliá-lo na gestão da igreja. Em suas palavras:

“[...] Eu vou fazer 64 anos e eu saí da frente da igreja e estou atrás pra correr com os olhos dos jovens, meu conselho aqui é de jovens, líderes e pastores jovens que eu ouço. Eles olham o mundo com o olhos do dia, do contexto. [...]”

Ainda que separados por décadas de vida e, em alguns pontos, encarem o evangelho de forma diversa, Joaquim e Rodrigo estão em sintonia em relação ao eixo principal – digamos assim – de sua igreja: a ênfase nas conexões e a habilidade de se comunicar com o contemporâneo, de movimentar-se, de “não parar de criar”. Nas falas de ambos podemos perceber as simultâneas preocupações em mover-se na comunicação do evangelho de acordo com as transformações sociais do espaço e de não perder a sua essência, seu objetivo principal, que é a missão da igreja na terra, a tarefa de uma vida: propagar o evangelho no mundo, levar a palavra para as pessoas.

Desde o começo do presente texto, alertamo-nos a nós mesmos sobre um perigo iminente: o perigo dessa pesquisa, que se pretende análise histórica, desbocar em biografia de uma instituição. Para que isso não aconteça, então, já indicamos alguns meio-caminhos – como o jogo entre local e global e a conexão clara com evangelismos extra-nacionais – que, a partir de agora, nos esforçaremos no sentido de dar seguimento não só paralelamente, de forma a isolá-los, mas, na verdade, conectando-os, relacionando-os entre si – porque, como já dissemos, não pode ser, senão assim – para que essa análise ganhe algum sentido e cumpra seu objetivo primeiro.

Fenômeno que, felizmente para nós, dispensa ao pesquisador a tarefa de atribuir ao seu objeto tal caráter porque, como vimos, tanto nas falas de Rodrigo quanto de Joaquim, aparecem vivos e impregnados no tal objeto, o constante – e reconhecido – fluxo entre local e global é algo que nos ajuda a lançar luz sobre a questão que pretendemos estudar. Num exercício de escalas (REVEL, 2010), assim, tentamos focar na história do Angelim para, a partir dela, compreender e caracterizar uma nova forma de evangelho que desenvolveu-se na cidade, no país e, por que não, no mundo a partir dos anos oitenta e noventa, mas que prosperou e encontrou sua expressão máxima a partir dos anos dois mil.

Além disso, orientados pelas metodologias e pressupostos das históricas interconectadas (FAZIO, 2019; MARQUESE, 2019; GRUZINSKI, 2001), entendemos, assim, que falar em “neopentecostalização” de igrejas protestantes ou entende-las como igrejas “transdenominacionais” (SIMÕES, 2016) é, na verdade, fechar os olhos

para as conexões extra-nacionais estabelecidas por esses agentes do novo evangelho brasileiro pós anos dois mil e, também, ignorar as relações estabelecidas pelas memberships dentro das partnerships network com denominações norte e sul americanas, europeias e sul-coreanas, por exemplo. Pr. Rodrigo, a quem demos bastante atenção há pouco, deixa bem claro que, na sua perspectiva pessoal, não existe uma transformação de igrejas protestantes em neopentecostais – fazendo desse fenômeno, então, mais complexo do que essa redução.

Essa “neopentecostalização” ou a definição dessas instituições como “transdenominacionais” é, no nosso modo de ver, apenas uma maneira estreita de analisar o quadro do cristianismo contemporâneo brasileiro e mundial – que estão, como já mostramos, em constante relações, comunicações e trocas entre si. Uma maneira reducionista que, como já dissemos, alicerça-se na perspectiva denominacional de análise do cristianismo que, para esses agentes em questão, é um vocabulário obsoleto, que não compreende nem traduz sua nova forma de adorar a deus e espalhar o evangelho.

A história do cristianismo e das denominações cristãs, como sabemos, é a história de dissidências, cismas, rupturas e, também, de criações, inovações (NIEBUHR, 1992). O Angelim, que nasce no meio da década de noventa e realiza-se no bojo do “novo evangelho do começo do século XX”, como já indicamos, não nasce do nada, sem relacionar-se com o tempo e o espaço: ao contrário, suas raízes, como pontuaremos a seguir, já encontravam-se em comunicação com outros fenômenos evangélicos de relevância – tanto no Brasil, quanto no mundo.

Pastor Joaquim, que confunde sua trajetória no cristianismo com a trajetória do nascimento e crescimento do ministério Angelim, como já mostramos, converte-se na igreja do Bom Milagre, do Pastor Óseas (educado nos seminários da CBN, que comentaremos a seguir), para depois fundar sua própria membresia ainda sob a cobertura da Convenção Batista Nacional, até, descontente com os “engessamentos da organização”, romper com ela no final da década de noventa.

Os Batistas Nacionais, por sua vez, iniciam sua história no cristianismo contemporâneo brasileiro com o movimento de Renovação Espiritual na década de 50 (SERRA, 2009), fenômeno que influenciaria todo o quadro da religião no país.

Como nos conta Maxsandro Serra (2009), o movimento iniciou-se no Brasil a partir da década de 50 com o trabalho missionário de Rosalee Mills Appleby, a “mãe” do movimento, no programa de rádio “Renovação Espiritual” e a distribuição em Minas

Gerais dos “folhetos de poder” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007) , estratégias que tinham o intuito de espalhar ideias e práticas originalmente “pentecostais” entre as igrejas protestantes no Brasil, sobretudo entre os Batistas – denominação da qual fazia parte.

Para não restar dúvidas, entre as ideias e práticas difundidas por Rosalee, que vieram a caracterizar a “renovação espiritual” dos protestantes no Brasil, destacamos o batismo no espírito santo – prática em voga no Angelim até hoje –, o falar em línguas estranhas, a cura de enfermidades, a capacidade de profetizar e a habilidade de manifestação corporal da presença divina – algo parecido com um estado de transe. Amarrando todos esses pontos num único grupo, podemos dizer que a diferenciação das ideias da renovação espiritual é a forte ênfase em alguns dons espirituais descritos por Paulo no livro de Coríntios, que podem ser manifestados pelo fiel.

Em outubro de 1958, com o crescimento do trabalho missionário de Rosalee o estado de Minas, o pastor José Rego, alcançado por aquelas ideias, começa a colocá-las em prática na igreja da qual era líder e fundador: a Igreja Batista de Lagoinha – com a qual, como já vimos, o Angelim mantém estreita relação de trocas –, na cidade de Belo Horizonte. Batizado pelo espírito santo em um seminário batista, José Rego, em contato com outro grande nome da renovação, Eneas Tognini, assim, começa a praticar, dentro da sua igreja, a “segunda experiência, línguas estranhas e confusão nas reuniões” (TOGNINI; ALMEIDA, 2007), como relata o Manifesto da Minoria organizado por membros da Lagoinha que eram contra esse movimento pentecostal implementado por Rego na instituição.

Concomitante a José Rego em Lagoinhas, Eneas Tognini, outro alcançado pelas ideias de Rosalee, publica o livro Batismo no Espírito Santo, que serviu como base doutrinária para a divulgação e convencimento das pessoas a respeito da prática. Juntos, Rego e Tognini, encabeçando a renovação espiritual no Brasil a partir de Belo Horizonte, entre 1960 e 1961 começam a enviar boletins nomeados de Renovação Espiritual para outros pastores batistas do Brasil, num intuito claro de fazer o movimento crescer dentro das igrejas protestantes e alcançar mais e mais pessoas no território nacional.

Ainda em 1961, com o crescimento dessa cisma no seio da denominação batista em Minas Gerais, a igreja de Lagoinha e outras trinta e duas membrasias – originalmente batistas – são desligadas, mediante assembleia, da Convenção Batista de Minas Gerais. Aguardando a decisão superior da Convenção Batista Brasileira (sob a qual Lagoinha esteve debaixo da cobertura), José Rego continua seu trabalho de

divulgação dos ideais renovadores pelo Brasil sem abandonar a alcunha batista denominacional até que, três anos após a decisão da Convenção Batista de Minas Gerais e repetitivas discussões a respeito da permanência ou desligamento dessas trinta e três igrejas – a maioria do estado de Minas Gerais –, a CBB finalmente decide por desligá-las da organização.

Assim, rompendo com o modelo de igreja da CBB, Rego, Tognini e as trinta e três igrejas, na necessidade de dar nome e reificar aquele movimento de pessoas, oficializaram-se enquanto grupo religioso com a Ação Missionária Evangélica, organização voltada apenas para “batistas renovados” – não aceitando, assim, igrejas de outras denominações. Em setembro de 1967, então, na Primeira Assembléia Geral, realizada na Igreja Batista da Lagoinha, a AME tornou-se a Convenção Batista Nacional como a conhecemos hoje, nos dias atuais, com um corpo institucional organizado e investimentos em seminários por todo o país, visando, de forma estrutural, difundir o modo-de-pensar batista renovado.

Como podemos notar nesse breve relato, a CBN, organização com a qual o Angelim rompe na passagem do século XX para o século XXI, nasce, ela mesma, de uma ruptura: descontentes com o modelo organizacional e teológico da CBB, José Rego e Enéas Tognini (que chegou, inclusive, a presidir a Convenção Batista Nacional), influenciados pelo trabalho missionário da norte-americana Rosalee Appleby, começam a pregar a renovação dentro da denominação batista e do protestantismo, levando-os, nessa trajetória, à criação de uma convenção que se ajustasse com sua fé, com a sua forma de ver o cristianismo: uma prática ainda denominacional, ainda batista, mas com ênfase nos dons e no avivamento pessoal.

Interessante também notar que a Lagoinha, igreja que Joaquim elege como um modelo organizacional que muito o influenciou durante sua caminhada, que serviu de inspiração para a arquitetura do Angelim e que ainda é uma igreja-irmã do Angelim, nasceu e foi fundada nesse contexto de cisma e ruptura com a Convenção Batista Brasileira – coisa que, acreditamos, não acontece por acaso. Encabeçando a criação de uma nova convenção nacional, de acordo com a sua forma de ver o evangelho de Cristo, Rego e sua Lagoinha também fazem parte dessa onda do novo evangelho na passagem do século XX para o século XXI, deixando de nomear-se batista nacional para, a exemplo do que aconteceu com o Angelim, tornar-se apenas Igreja Batista Lagoinha ou, recentemente, só Lagoinha – como somente “Angelim”. Ainda que exista há mais tempo e, hoje, alcance mais pessoas no Brasil e no globo (com o projeto

Regional Nations, presente no site da igreja⁸), são trajetórias religiosas semelhantes, que se encontram em muitos momentos e que, hoje, estão afins, alinhadas e em plena operação de uma relação que, segundo Joaquim, é frutífera para ambas igrejas.

Dessa forma, também assim como o Angelim, Lagoinha, que não pretendemos estudar aqui no presente texto, é uma outra membresia que se inscreve no tempo, que relaciona-se com o contexto e a hora, que transforma-se conforme os movimentos da sociedade que a circunscreve, mas que mantém, segundo dizem, o seu mote principal, a sua raiz: levar a palavra de deus para o maior número de pessoas possível. Não é por acaso também que, assim, Joaquim a tenha elegido como um tipo de igreja-exemplo do seu Angelim e, aproximando-se da liderança de Lagoinha, tenha assimilado diferentes elementos da sua identidade, da sua organização, da sua estratégia – ou, em outras palavras, do que ela é.

Ainda que alinhada com o avivamento e a renovação espiritual, como já vimos, o Angelim entra em desacordo com o decoro da CBN justamente no que chamamos de ethos denominacional: desde o início do ministério, Joaquim foi um fundador que via nas relações e nas comunicações uma das chaves para o desenvolvimento da igreja, e não se contentava a se relacionar apenas com batistas nacionais renovados; o vocabulário denomacional, como já enfatizamos, deixa de fazer sentido tanto para o Angelim quanto para o novo evangelho do começo do século XXI – destacado por Joaquim Neto. O Angelim, assim, torna-se um exemplo relevante, dado o seu tamanho e o seu alcance, desse novo evangelho que não se orienta mais nem pelo protestantismo denominacional e muito menos pela tradição que não dava espaço para os dons e o avivamento dentro da igreja. O Angelim exemplifica – é o que queremos dizer – esse novo evangelho do século XXI no Brasil, a ruptura de uma outra ruptura – que possibilitou as condições sociais, teológicas e históricas para essa mais recente.

Se, a nível de sede nacional, Joaquim elege Lagoinha como um modelo de igreja – e de evangelho – a se seguir, numa escala maior, global, como ele mesmo nos conta, o modelo de igreja é outro (ainda que, como mostrado acima, tanto Lagoinha quanto o Angelim já sejam, elas mesmas, instituições globais): a Igreja do Evangelho Pleno de Seul, ou Yoido Full Gospel Church.

⁸ Disponível em: <https://lagoinha.com/pagina/21688/nations>. Acesso em 17/07/2022.

Fundada pelo pastor David Yonggi Cho e sua sogra em 1958, numa tenda cedida pelo exército americano presente na Coreia do Sul, a Igreja do Evangelho Pleno, já referenciada no presente texto quando destacamos a conferência internacional feita por Joaquim no ano de 1997, é apontada por muitos, nos dias atuais, como a maior igreja do planeta, com quase um milhão de fiéis (ANDRADE, 2010).

Uma das coisas que mais chamou a atenção de Joaquim, e que ele imediatamente aplicou no Angelim, o modelo de visão celular passou a ser utilizado pela igreja de Seul em 1964, inicialmente como um sistema de administração destes grupos familiares chamado de G-5 (ANDRADE, 2010). No ano em que adotaram o sistema, a igreja ainda contava com 2.400 membros; em 1993 chegaram a ter cerca de 700 mil membros e 51.000 líderes⁹. Em 2008, igreja completou 50 anos, consolidando o modelo de células e alcançando a marca dos 800 mil membros e mais de 500 pastores, dentro de uma rotina de oito cultos por domingo, com duração de duas horas cada e traduzidos para oito idiomas e veiculados ao vivo pela internet.

Atualmente, a membresia, com capacidade para abrigar 25 mil pessoas na sede principal, também conta com um complexo de prédios na ilha de Yoido (à exemplo do que o Angelim faz em São Luís, outra ilha), construídos com vários andares para abrigar os departamentos ministeriais e administrativos. Entre os maiores templos evangélicos do mundo, a sede principal da igreja de Seul lidera a lista, recebendo em seus cultos, semanalmente, quase um milhão de pessoas, numa metrópole com pouco menos de dez milhões de habitantes. Impossível não notar que, dessa forma, em diferentes níveis, trata-se de uma das maiores organizações evangélicas do mundo.

Para termos uma noção mais detalhada do crescimento e do tamanho da igreja nesses quase sessenta anos de existência, vale destacar alguns pontos da sua trajetória: em março de 1973, a organização funda a Montanha de Oração de Jejum Memorial Osanri Choi Ja-sil, hoje visto até como ponto turístico da cidade, com mais de 200 grutas de oração nas quais as pessoas podem se trancar, para jejuar e orar; hoje, a Montanha da Oração recebe mais de um milhão de visitantes por ano, incluindo cerca de 50.000 estrangeiros. Em 1977, um Centro Evangélico Mundial, de dez andares, para servir como uma instituição educacional ligada à igreja, inaugura-se na

⁹ Disponível em: <http://www.visãog12.com.br>. Acesso em 04/07/2022

cidade. Vinte e três anos após sua fundação, em 1981, a instituição, visando a ênfase nas mídias – que sobressalta nas denominações ditas pentecostais –, constrói um estúdio de televisão para transmitir cultos, eventos e toda sorte de serviços religiosos para o país e para o mundo. Um outro investimento educacional, a Universidade Hansei, construída em 1986 na cidade de Gunpo, nos arredores de Seul, foi erguida filiada à igreja no intuito de promover educação cristã-evangélica para a cidade, aumentando o raio de influência social da instituição.

Originalmente pentecostal, como Joaquim nos conta e como podemos atestar nas conferências listadas no site da própria igreja, desde sua criação a Igreja do Evangelho Pleno, à exemplo do Angelim e de Lagoinha, relaciona-se com pastores, líderes e ministérios de diferentes denominações, trocando influência, teologia e estratégias de crescimento, como vimos, também, nas falas de Joaquim. Além de importar o modelo de Visão Celular, que marca seu crescimento e o crescimento de várias igrejas na América Latina (ANDRADE, 2010), podemos perceber, assim como entre o Angelim e Lagoinha, outras conexões históricas entre o Angelim e o Evangelho Pleno, para além das já apontadas por Joaquim: a tendência a se espalhar pela cidade, criando um complexo predial, gerando influência geográfica para a instituição; a presença nas mídias e o uso das tecnologias de comunicação como estratégias para espalhar a palavra; o detalhe da tenda do exército norte-americano na fundação da igreja, da mesma forma que o evangelismo estadunidense fez-se presente nos primórdios do Angelim; a conexão com igrejas e instituições do mundo inteiro, fundando sucursais em outros países, estabelecendo as mesmas redes de relacionamento, ou, como chamou Rodrigo, as *partnerships network*.

Seja no bairro do Angelim, em São Luís do Maranhão, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ou na capital da Coréia do Sul, percebemos, por conta dessas redes de relacionamentos não-denominacionais empreendidas por seus líderes, expressões afins de um cristianismo contemporâneo que, como tentamos dizer, não se orienta mais por um ethos denominacional, ou sequer mesmo entende o vocabulário denominacional e que, se conectando e se relacionando, inscrevendo-se no tempo, desenvolvem ainda mais suas influências locais e globais. O Angelim, dessa forma, é tanto expressão desse “novo evangelho do século XXI” quanto provedor dele – em São Luís, no Brasil, e, por conta da Aliança Global, também em outros países do mundo.

2 UM ESFORÇO DE SÍSIFO: COMPONDO O HIPOTÉTICO EVANGÉLICO DO HOJE

Anunciado pelos seus como uma “nova forma de adorar a Deus”, esse “novo evangelho” batista e protestante, que rompe com os modelos eclesiais das convenções nacionais, é um problema que outros pesquisadores no Brasil tentam dar conta dentro dos seus espaços locais, não sendo uma questão exclusiva nossa. Nosso esforço agora, então, será de tentar jogar luz nas falas de Joaquim e de Rodrigo, que proclamam esse nascimento em território brasileiro nas últimas duas décadas, pormenorizando os elementos que compõem esse evangélico contemporâneo – problema que, como já disse, muitos estudiosos tentam dar conta – e, consultando os cadernos institucionais do Angelim de treinamento (Escola de Líderes; Escola de Aconselhamento; Curso das Águas), ensino e discipulado como fontes documentais, empreender as conexões possíveis entre o debate acadêmico sobre esse tipo-evangélico e o tipo-evangélico “construído” dentro da igreja que estudamos.

Como nos conta Ricardo Mariano (2011), ainda que marcadas por um forte funcionalismo que entendia as movimentações sociais evangélicas como um desdobramento determinado pelo seu contexto espacial e temporal, análises e pesquisas sobre a história das denominações evangélicas (protestantes históricas e pentecostais) existem em quantidade suficiente no país – ainda que, para uma questão tão multifacetada, talvez nunca seja, na verdade, suficiente. Trata-se, portanto, de um fenômeno histórico, relacional e múltiplo, que se apresenta no próprio dia a dia da sociedade urbana e que, também, desperta grande interesse acadêmico.

Diferentemente de outros países, no Brasil o termo *evangélico* – central para nossa pesquisa –, usado de maneira mais geral, engloba duas grandes categorias bastante plurais e de complexa relação entre si: os protestantes históricos¹⁰ e os pentecostais e neopentecostais¹¹. Entretanto, esses dois grandes grupos originaram-se e expandiram-se no Brasil de maneira bastante diversa: o protestantismo histórico, surgindo no bojo da Reforma Protestante europeia, começa a se estabelecer concretamente no país através de fieis luteranos vindos da Alemanha

¹⁰ Luteranos, batistas, metodistas, anglicanos, presbiterianos etc.

¹¹ Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional do Reino de Deus etc.

(simultaneamente à chegada de outras denominações no Brasil, inclusive os batistas vindos do sul dos Estados Unidos), em movimento de imigração no começo do século XIX, especialmente no estado do Rio Grande do Sul (GONÇALVES e PEDRA, 2007).

A partir de 1855, como constatam Elizete da Silva (2011) e Magali Cunha (2004), as diferentes denominações protestantes históricas se instalam no Brasil e, motivados pelo espírito proselitista que marca esse grupo religioso e através das atividades missionárias, começam a alcançar e se fixar no território nacional.

Incentivados pelo governo imperial e empurrados pelos conflitos civis que dominavam o cenário social dos Estados Unidos (SILVA, 2011; SERRA, 2009), grupos de batistas sulistas do país norte-americano que, dentre outras coisas, simpatizavam com a estrutura escravagista, chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, estabelecendo-se no Rio de Janeiro e, posteriormente, na Bahia – onde foi organizada a primeira Convenção Batista Brasileira, em 1907.

Mesmo a partir daqui, da origem das duas grandes denominações cristãs no Brasil, já podemos perceber as conexões de escala global estabelecidas entre esses agentes: dos Estados Unidos ou da Europa, esses agentes chegam ao Brasil estabelecendo relações de troca material e simbólica, conectando diferentes territórios nacionais na construção histórica da identidade evangélica.

Desde sua chegada em diante, através das missões de evangelização que ocorriam em todo país, a denominação batista conseguiu se multiplicar pelo território nacional, chegando na cidade de São Luís em 1908 com a fundação da Primeira Igreja Batista realizada pelo Rev. Erik Nelson, que veio para o Maranhão em dezembro de 1907 por questões de saúde (SANTOS, 2006).

Fato recorrente na história das denominações religiosas, a dissidência também se fez presente nos primeiros anos da Igreja Batista da capital: em 1918, surgiu a segunda igreja Batista de São Luís, localizada no bairro do João Paulo – estando a primeira localizada no Centro. Tendo saltado de trinta para cinquenta e quatro por cento entre os anos de 1930 e 2000 da população evangélica no Brasil (CAMPOS, 2008), os batistas são a denominação protestante histórica que mais cresceu durante o século XX, e seguem crescendo até hoje no país e na cidade de São Luís – chegando à marca de quase 240 mil evangélicos ludovicenses no censo IBGE 2010, cerca de um quarto da cidade.

Os batistas, bem como toda denominação religiosa, historicamente guardam valores que, compondo sua identidade religiosa, os diferenciam das outras

denominações, estruturando a sua práxis específica e orientando o modo-de-viver de um convertido à religião protestante, além de dar norte para o corpo organizador da igreja. Fortemente influenciados pela Reforma Protestante (SILVA, 2011; SERRA, 2009; CUNHA, 2004; GONÇALVES E PEDRA, 2017), os batistas prezam pela autonomia da congregação, afirmando para a instituição local o pleno poder de se organizar de forma independente e desenvolver seu funcionamento interno (SERRA, 2009). Rejeitariam, assim, determinações políticas externas, bem como outras instâncias regionais ou nacionais e formas verticais de estruturar o corpo da igreja, além de, teologicamente, não entenderem os “dons espirituais” como práticas a serem adotadas na sua fé denominacional.

Elaborada pela Convenção Batista Nacional (CBN) em 1982, aquela que desenvolveu-se a partir da ruptura com CBB – fenômeno já comentando no capítulo um –, como uma resposta à preocupação religiosa de entregar à convenção nacional alguma especificidade identitária, a lista dos valores batistas enumera: igreja como espaço democrático autônomo nos níveis individuais e eclesiais, ênfase na separação entre Igreja e Estado, absoluta liberdade de consciência, responsabilidade individual diante de Deus e cooperação voluntária entre igrejas (AZEVEDO, 1996), bem como a ênfase no uso dos dons espirituais, como já vimos.

Anticatólico e pró laicismo, o modo protestante de pensar é, dessa maneira, um modo liberal clássico de pensar, sobretudo no que se refere à afirmação da liberdade individual e à separação entre Igreja e Estado (AZEVEDO, 1996). Preza-se fundamentalmente pelo conceito de liberdade do indivíduo, que deve se dar em sua relação com Deus: cada discípulo da denominação, em teoria, tem a garantia de que possui a liberdade de servir a Deus segundo sua própria consciência, de forma que não aja de maneira irresponsável (SERRA, 2009).

O pentecostalismo, por sua vez, é caracterizado em três ondas históricas no Brasil (FREESTON, 1993; MAFRA, 2001; MARIANO, 2012), sendo elas o pentecostalismo clássico por volta de 1910, o deuteropentecostalismo nos anos 50 e 60 e o neopentecostalismo surgido durante a década de 70, em plena ditadura militar. O movimento pentecostal, portanto, origina-se no território nacional logo durante a primeira década do século XX, por meio da obra dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg — ex-batistas, inclusive — com a criação da Assembleia de Deus no ano de 1911 em Belém-PA e a fundação Igreja Congregação Cristã no Brasil pelo missionário Louis Francescon — ex-presbiteriano — em 1910 em São Paulo

(MARIANO, 2012), missionários que, embora europeus, têm suas trajetórias pentecostais localizadas nos Estados Unidos.

Em comum, as três ondas partilham o proselitismo urbano e a expansão através das camadas mais pobres e marginalizadas da sociedade, constituindo uma marca histórica do pentecostalismo de uma maneira geral (GONÇALVES E PEDRA, 2017; MARIANO, 2008; ORO, 2001).

Historicamente, o pentecostalismo cresceu na pobreza e nas zonas metropolitanas periféricas e rurais (MARIANO, 2008), transformando, inclusive, essas zonas “terras de ninguém” para um lugar habitável em que o trabalho comunitário dentro da igreja proporcionou uma melhoria de vida para aqueles cidadãos (MAFRA, 2007), agindo, em suas comunidades religiosas, como lugares de apoio para que aqueles sujeitos, por meio da religiosidade, pudessem conseguir mudanças positivas em suas vidas e algum tipo de conquista social (GAMA E ALMEIDA, 2015), fenômeno social e geográfico que pudemos acompanhar com a IBA e o bairro do Angelim, como enfatizamos no capítulo um.

Teologicamente fundamentadas na Teologia da Prosperidade que, ao contrário da moral protestante exposta por Weber (2004) em seu clássico *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, estimula no fiel o desejo de alcançar o sucesso material de seus pastores e lideranças — marcando-se, aqui, a ostentação dos bens materiais — e na Batalha Espiritual que elege as outras formas de manifestações religiosas como seus inimigos conferindo-lhe um caráter demoníaco, as igrejas neopentecostais conseguiram empreender um exponencial crescimento em solo brasileiro nas últimas décadas. São, nas terminologias adotadas por Magali Cunha (2004), o pentecostalismo independente e pentecostalismo independente de renovação.

O exemplo mais famoso e mais bem-sucedido dessas teologias, articuladas com uma estruturação empresarial do corpo eclesiástico (GONÇALVES E PEDRA, 2017) além de estratégias midiáticas de proselitismo (rádio e TV), trata-se, portanto, da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977 pelo bispo Edir Macêdo.

Essas igrejas, e sobretudo a IURD, caracterizam-se, resumidamente, por um monopólio exclusivo dos meios de salvação com pouca abertura para outras denominações; ênfase nos rituais emocionais e, sobretudo, de cura; uso ostensivo dos meios de comunicação de massa; combinação de religião com marketing, dinheiro

e, também, política; inclinação para captar não somente fiéis oriundos das classes mais baixas, fruto de um projeto de expansão constante e intenso (ORO, 2001).

Além, é claro, de operar numa lógica de mercado tipicamente capitalista, promovendo concentração de poder dentro da igreja, estruturando as relações verticalmente e centralizando a gestão da instituição (MARIANO, 2008).

Dialogando, de certa forma, com o que Serra (2009) chama de neopentecostalização da Igreja Batista do Bom Milagre, Magali Cunha (2004) tenta dar conta desse fenômeno que tem se manifestado com intensidade nas últimas décadas dentro do cenário evangélico, onde predomina um hibridismo nas práticas religiosas. A esse hibridismo, caracterizado, entre outras coisas, por uma forte ênfase no consumo e no entretenimento, em práticas tipicamente empresariais, expressando forte influência da lógica capitalista neoliberal, a autora dá o nome de cultura gospel.

Na contramão de autores que atestam uma neopentecostalização dos protestantes históricos (MARIANO, 2009; GONÇALVES E PEDRA, 2007; SERRA, 2009), Gedeon Alencar, em *Protestantismo Tupiniquim* (2005), propõe uma outra interpretação desse processo sócio-histórico: não há uma quebra, uma corrupção dos valores protestantes, mas uma contextualização necessária – processo que marca a história do cristianismo desde suas origens. A história do protestantismo no Brasil é, assim, mais de continuidade que de ruptura – uma continuidade de rupturas contextualizadas, digamos. Afirma, então, concordando com outros autores não citados, que o cristianismo recebeu e ainda recebe influências culturais (e podemos supor que não apenas culturais, mas sociais, históricas, econômicas etc.) em todas as épocas e lugares (ALENCAR, 2005).

Caracterizando os protestantismos históricos como religiões fortemente ligadas ao racionalismo, à intelectualidade formal e, inclusive, ao poder, Antônio Mendonça e Prócoro Velasques Filho, em sua *Introdução ao Protestantismo no Brasil* (1990), além de concordar com autores como Weber (2004) e o próprio Alencar (2005) nesse sentido, entende que as religiões pentecostais, uma religião de pobres para pobres incultos (ALENCAR, 2005), estão mais inclinadas ao misticismo, ao êxtase, ao ritual e à magia, entregando pouco valor ao “fator epistemológico” (MENDONÇA E FILHO, 1990).

É em certa “contraposição não-intencional” à racionalidade formal - e burocrática - dos protestantismos europeus, portanto, que se dá essa construção de identidade mais ligada à magia, ao êxtase, à experiência direta e ao carisma nas

denominações pentecostais, interpretam Mendonça e Filho (1990) e outros autores que pesquisam o campo religioso (MAFRA, 2007; MARIANO, 2008; ORO, 2001, 2004; FRESTON, 1999).

Além disso, movimento de pessoas que é (NETO, 2002), o evangelicalismo brasileiro, onde insere-se, entre outros processos, essa neopentecostalização das denominações protestantes, é marcado por uma fraca (ou inexistente) demarcação institucional e denominacional, envolvendo, na sua expansão, diferentes identidades ideológicas de grupos religiosos cristãos e amalgamando-as dentro da sua identidade múltipla e em constante movimento no tecido social. Trata-se, assim, de um movimento transdenominacional (SIMÕES, 2016), ou não-denominacional, cuja definição semântica, a palavra “evangélico”, oferece dificuldade aos empenhados em elucidá-lo.

É razoável estabelecer que, historicamente falando, a práxis das denominações protestantes históricas europeias encontraram algumas dificuldades para crescer no Brasil, enfrentando entraves de diferentes naturezas – vindo a crescer de forma relevante apenas no século XX, concomitante as denominações pentecostais. Por outro lado, chegando ao Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX, as denominações pentecostais cresceram massivamente nos estratos mais baixos da sociedade brasileira urbana, nas zonas marginais e na classe trabalhadora – e a razão desse crescimento é algo que muitos autores buscam responder há décadas no Brasil.

Um marco importante nessa relação histórica entre o protestantismo histórico e o pentecostalismo brasileiro, como vimos no capítulo anterior, é o movimento de Renovação Espiritual ocorre no começo dos anos 60, encabeçado pelo pastor Enéas Tognini e José Rego. Incorporando de forma institucional valores pentecostais como o dom de novas línguas adquiridas pelo indivíduo através do batismo, bem como profecias e curas milagrosas (TEIXEIRA, 2017), além de interpretar o Espírito Santo como um fogo consumidor que, levando o fiel a um tipo de gozo espiritual, o faz experimentar emocionalmente a presença de Deus - experiência incompatível com a racionalidade protestante histórica.

Influenciada, portanto, pela teologia pentecostal inclinada à magia e ao êxtase, a Renovação Espiritual, como já vimos, criou tanto fracionamentos nas denominações protestantes e pentecostais, por ser interpretada tanto por alguns acadêmicos quanto pastores e teólogos como um movimento de ruptura e dissidência com os ensinamentos históricos, quanto hierarquias ao estabelecer o Modelo G12 e a Visão

Celular, originalmente pentecostais, como forma de organização interna de igrejas protestantes.

Orientado pelas metodologias e pressupostos das histórias interconectadas (FAZIO, 2019; MARQUESE, 2019; GRUZINSKI, 2001), entendemos, assim, que falar em neopentecostalização de igrejas protestantes é, na verdade, fechar os olhos para as conexões extranacionais estabelecidas pela identidade evangélica brasileira e, também, as relações estabelecidas pelas memberships estudadas com denominações sul-coreanas, europeias, latino e norte-americanas, por exemplo; essa neopentecostalização é, portanto, apenas uma fenômeno específico do quadro mais amplo – e mais enredado – que é o evangelismo brasileiro e ludovicense.

Essencialmente capitalista e historicamente anticomunista (SIMÕES, 2016), essa identidade evangélica, além de exposta a partir de uma perspectiva de conexões locais e extranacionais, também não deve ser alienada do seu contexto no sistema-mundial capitalista (WALLERSTEIN, 1997) e as determinações materiais e simbólicas que tais configurações mundiais (mas, também, locais) empreendem, de maneira total ou parcial, sobre as denominações e as identidades cristãs. Ainda que maneira pouco detalhada, não podemos perder de vista, mesmo enquanto pano de fundo desses processos sociais e identitários, que os sujeitos históricos em questão agem dentro de um modo de produção capitalista planetário (ACCO, 2018; WALLERSTEIN, 1997).

Amalgamando práticas de outras denominações, sobretudo denominações neopentecostais ou pentecostais independentes, o Angelim portanto, insere-se nesse quadro histórico de hibridismo religioso, rupturas e dissidências com sua originária "práxis" protestante histórica – e batista. Torna-se valioso, portanto, entender os processos sócio-históricos que marcam tal dissidência material-objetiva da construção de sua identidade e da sua história, e a influência dessa identidade no cenário religioso local.

Como começamos a pontuar, definir o que é o evangélico brasileiro é um desafio com a qual a pesquisa acadêmica tem se ocupado há algumas décadas no país, numa condição parecida com a Tântalo ou a de Sísifo, sem nunca chegar a uma resposta fechada, clara, fixa. Perguntar-se “quem é o evangélico brasileiro?” e sair em busca dessa resposta, na ideia de chegar a algum lugar específico e bem delineado, no nosso entender, é iniciar-se numa empreitada que desde o começo está condenada a não acabar, porque afasta-se da realidade, afasta-se da grandeza das marcas sociais, econômicas, regionais, culturais, históricas e religiosas que

atravessam esse termo linguístico e sua utilização plural no Brasil. Antes, então, contentar-se com a pluralidade do termo e, assim, iniciar-se na busca compreensiva dos seus pormenores e seus desdobramentos em território nacional. É assim, entendemos, que nossa pedra pode não cair do morro de novo e de novo, ou que os frutos podem não escapar de nossas mãos assim que nos atiramos a pegá-los.

2.1 O evangélico do angelim

Dito isso, agora, contentando-se com a incompatibilidade epistemológica entre o que conseguimos compreender dentro de uma pesquisa e a amplitude heterogênea do termo evangélico usado no Brasil, fazemo-nos a seguinte pergunta, um pouco mais modesta: quem é o evangélico da Igreja Batista do Angelim? A resposta, acreditamos, pode estar contida dentro de alguns documentos da membresia, que indicam o comportamento que seu fiel deve ter tanto dentro da igreja quanto na sua vida pessoal, fora de lá, no mundo.

Expostos alguns pontos desses manuais, nos esforçaremos, então, no sentido de problematizá-los dentro da literatura acadêmica a respeito desse evangelicalismo contemporâneo, seguindo a discussão que já apresentamos nas páginas até aqui, envolvendo outros autores do campo que produzem análise e enriquecem o debate dentro do contexto brasileiro.

Hoje, o Angelim é uma igreja que possui um complexo predial no bairro homônimo, composto por inúmeras salas destinadas para diferentes tipos de atividades eclesiais, burocráticas e educacionais. Assim, no âmbito educacional – e não menos eclesial, tendo em vista que trata-se de uma educação para a vida evangélica “correta” –, tomaremos, como fontes documentais, três cadernos-manuais que a igreja usa para doutrinar seus fiéis para, relacionando com o debate acadêmico sobre a questão, contribuir, de alguma forma, com a composição desse tipo-evangélico e, além disso, conectar elementos presentes nos manuais institucionais da igreja com características mais amplas do evangelicalismo nacional.

2.1.1 O curso das águas: fundamentos da caminhada

O primeiro caderno, chamado de “Curso das Águas”, aplicado ao convertido que deseja batizar-se – nas águas –, tem como objetivo lançar os fundamentos da fé

cristã trazendo ao coração do fiel o entendimento bíblico sobre questões como pecado, batismo e a ceia, tratando-se, segundo o próprio caderno, de “os tijolos principais” e a base para o entendimento do evangelho na sua caminhada com Cristo (Curso das Águas, Igreja Batista do Angelim, pg. 11-12)

O livreto, com pouco mais de cem páginas, divide-se em dezesseis capítulos, que são: A Importância dos Fundamentos, O que é Pecado?, Arrependimento: como lidar com o pecado, O Sangue de Jesus, Fé para Salvação, Fé em Deus, Quem somos Nós em Cristo?, A pessoa e a obra do Espírito Santo, Todo crente deve ser cheio do Espírito Santo, A doutrina dos batismos, Imposição de mãos, A ressurreição dos mortos, O Julgamento Eterno, A comunhão da Igreja, Mordomia Cristã e Arrolamento como membro da Igreja.

Sustentado somente na bibliografia da Bíblia sagrada, o manual, sem dar conta de temas mais “mundanos”, de como o fiel deve agir fora da igreja (ao contrário dos outros dois, que pontuaremos a seguir), tenta orientar o crente na sua caminhada dentro da igreja, no seu relacionamento com Deus e seus companheiros de religião, antes e depois dos três batismos: o nas águas, comum entre os batistas tradicionais, e outros dois que, recuperando a discussão do capítulo anterior, expressa a assimilação dos dons espirituais entre os batistas pós renovação espiritual: o batismo no Espírito Santo e o batismo no fogo – que logo explicaremos do que se trata.

No fim de cada capítulo, que não se alonga além de sete páginas, uma seção de “resumo e aplicação” apanha o assunto tratado nas páginas anteriores de forma mais direta, simples, para que não tenha dúvidas na cabeça do que lê. Aproveitando-a, recortaremos, então, essas seções de alguns capítulos do livro que contribuam para a nossa discussão e ajudem a compor o modelo alvo de “evangélico-ideal” construído na Igreja Batista do Angelim.

Nos capítulos dois, três e quatro, intitulados *O que é Pecado?*, *Arrependimento: como lidar com o pecado* e *O Sangue de Jesus*, respectivamente, o livreto orienta o fiel leitor a respeito de algo fundamental na prática do cristianismo: o pecado. No segundo capítulo, suas orientações resumem-se em:

- Todas as pessoas nascem com uma natureza pecaminosa;
- Como seres humanos, nossa tendência natural é seguir as coisas que desagradam a Deus;
- Todo mundo é responsável e será cobrado pelos seus próprios pecados;
- Deus enviou Jesus para que Ele levasse o nosso pecado na Cruz;

- Para participarmos dos benefícios da obra de Jesus, precisamos pedir a Deus que nos perdoe por tudo que temos feito de errado, e receber Jesus com nosso Senhor e Salvador.”
(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 20)

Fazendo lembrar o sentimento de culpa descrito por Freud no *Mal-estar na Cultura* (2010), que funda-se quando o cristianismo elege Jesus como um ser-alvo para o homem perseguir, mas, ao mesmo tempo, sabendo que o homem nunca chegará lá – fazendo lembrar outro castigo grego, o de Tântalo –, a natureza humana, o *corpo*, aqui, é entendido como pecaminoso, corruptivo, negativado – fazendo lembrar, também, a concepção platônica do terreno mundano (FREUD, 2010, pg. 76-79) Nega-se, assim, o corpo, a carne, para mirar algo maior. No capítulo três, eles desenvolvem essa caminhada:

- Aquilo com que alimentamos nossa mente, acabará tornando-se a coisa mais importante para nós.
- Todos nós precisamos nos arrepender, abandonar nossos caminhos de pecado, voltar-nos para Deus e seguir o eu caminho. Ele nos ama e quer somente o melhor para nós.
- Precisamos destronar o ego de nossas vidas e oferecer-nos a Deus, para sermos sua propriedade exclusiva. Deixe Jesus ser o Senhor e sua vida!
(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 24)

Por mais que sejamos determinados pelo pecado e pela corrupção corporal, assim como em Platão (2019), existe um caminho para o Sol, para a luz, para uma condição de vida melhor e mais elevada: o caminho de Jesus, o caminho de Deus. É nesse sentido que, saindo do negativo, dando uma resposta para aquela condição condenada, que o homem vê um caminho para a salvação, para o algo maior; quando Jesus assume o controle da sua vida, livrando-o da sua condição natural de pecado. O homem deixa as trevas da condição do pecado, e caminha na direção do Sol, da luz, da salvação.

- O Sangue de Jesus é suficiente para pagar o preço a fim de nos resgatar das consequências do pecado. E, dessa forma, abriu-nos o caminho para mantermos novamente relação com Deus.
- O Sangue de Jesus nos purifica de todo pecado, desde que andemos na luz com Deus e confessemos nossos pecados.
- O Sangue de Jesus só precisou ser derramado uma única vez, porque Ele era o sacrifício perfeito e completamente aceitável a Deus de uma vez por todas.
- O Sangue de Jesus é eficaz para nossas vidas diárias e nos permite servir a Deus, com uma consciência pura e com a paz de Deus em nossos corações.

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 32)

No quarto capítulo, então, intitulado *O Sangue de Jesus*, o fiel é ensinado de que o sacrifício da cruz empreendido por Jesus Cristo foi o ato perfeito para que ele, homem de natureza impura, pudesse encontrar uma vida mais santa, mais elevada, liberto das suas cadeias naturais.

- Temos a herança gloriosa, quando estamos em Cristo Jesus.
- Precisamos deixar pra trás a desculpa da ignorância e aprendermos a expressar “o que nós somos em Jesus Cristo”.
- Precisamos morrer para a nossa velha vida e natureza, e viver como Cristo Jesus planejou que vivêssemos: no poder do Espírito Santo.
- (IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 46)

Arrematando os ensinamentos dos capítulos anteriores, que tratam da relação pessoal entre o fiel, o pecado e Jesus Cristo, o salvador, o capítulo sete, *Quem somos nós em Cristo?*, de certa forma, encerra esses primeiros ensinamentos para, no capítulo seguinte, começar a tratar das relações do homem com o Espírito Santo, os batismos e outros temas tidos como fundamentais para o fiel cristão.

- Como discípulo de Jesus, nós nos mostramos parte do Corpo de Cristo, quando somos batizados em nosso corpo pelo Espírito Santo.
- Há uma segurança em saber que Jesus é o Cabeça do Corpo, a Igreja, e que Ele se preocupa conosco como indivíduos.
- Através do Batismo nas Águas, estamos declarando que tanto a velha vida quanto a natureza pecaminosa estão mortas. Agora, a nova vida e a nova natureza de Jesus estão ao nosso dispor, por intermédio do Espírito Santo.
- O batismo no Espírito Santo nos enche de poder para vivermos como discípulos de Jesus.
- O batismo com fogo é o processo depurador pelo qual todo discípulo de Jesus precisa passar, para que possa tornar-se semelhante a Ele. (IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 68)

Tradição distintiva dos batistas, o batismo nas águas, esse para o qual o livreto *O Curso das Águas* existe, é o primeiro dos três batismos pelos qual passará o fiel cristão na sua caminhada. Ao se batizar, justifica o livro, a pessoa declara publicamente que, agora, em Cristo, morreu para o pecado e vive para Deus, identificando-se, de boa vontade e alegremente, com a obra redentora da Cruz. Somente um gesto simbólico, o batismo nas águas significa o ato de lavar-se e limpar-se daquela natureza pecaminosa – e é apenas símbolo porque, na verdade, é o

Sangue de Jesus e a Palavra de Deus que, de fato, pode remir o homem dos seus pecados.

Fundamentado em alguns textos bíblicos, o manual, avançando para o segundo batismo, defende aquele no Espírito Santo por tratar-se de um mandamento (Efésios 5.18). É através dele, então, que os dons do espírito, aqueles que levaram à cisma e a cisão entre os batistas brasileiros no meio do século XX – que também referenciamos no capítulo anterior –, podem ser manifestados pelo fiel. Enchendo ainda mais o fiel do poder de Jesus Cristo e habilitá-lo ainda mais para cumprir sua missão na terra, o batismo no espírito santo expressa-se no ato de falar as línguas dos deuses e na capacidade do cristão de fazer profecias – expressando, assim, seus dons espirituais.

Às vezes confundido com o batismo no Espírito Santo, por ser fruto da obra de Jesus Cristo – e não mais de João Batista ou o pastor responsável, como o batismo nas águas – o batismo pelo fogo, também referenciado na Bíblia, mais precisamente nos livros de Mateus e Lucas, acontece quando o fiel recebe o poder de Cristo em forma purificadora, manifestando-o corporalmente, mas não expressando os dons espirituais. Através dessa limpeza purificadora, então, que pode chegar a ser dolorosa, o cristão pode tornar-se uma “árvore com ramos mais frutíferos”, melhores do que eram anteriormente, pelo trabalho de Jesus Cristo. Facilmente confundido com o batismo do Espírito Santo, por se expressarem no corpo, no êxtase, o batismo no fogo diferencia-se nesse detalhe: ele não é expresso através dos dons espirituais.

Por fim, mas não menos importante, o livro trata do Juízo Final:

- “Ao homem está destinado morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo” (Hb 9.27).
- Deus é santo e não pode mentir. Dentro d’Ele não há nenhuma sombra de mudança. Ele não tem alternativa, se não ser verdadeiro por causa da sua natureza e caráter. Sendo assim, o pecado e a rebelião do homem contra Deus devem ser julgados. (Tg 1.17; Nm 23.19).
- O justo em Deus irá para um lugar onde a morte e as maldições forem destruídas. Ali, ele viverá para sempre com Jesus.
- Aqueles que não aceitam a Jesus como caminho para Deus, irão para o castigo eterno.
- O Juízo Eterno é uma verdade fundamental que deveria nos motivar, como discípulos de Jesus, a viver no temor do senhor e a alcançar aqueles que ainda estão perdidos.
(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 88)

Empreendido por Deus, o Filho e os santos, o Julgamento Final separará o trigo do joio e, como sabemos, condenará os pecadores ao castigo e os cristãos ajustados e à salvação. Seguindo os passos do manual – que são, também, alguns passos bíblicos –, o fiel nada temerá, pois, remido com o Sangue de Cristo, poderá aquilo que é o maior, a grande realização da sua caminhada na fé: a salvação, a recompensa eterna.

Tendo uma noção distanciada de como deve ser, em termos ideais, a caminhada do cristão na fé de Jesus até a sua salvação, dentro desse espaço interno da igreja, do relacionamento da pessoa com Cristo e as diferentes manifestações que podem aparecer desse contato, pontuaremos agora, então, como esse “modo de ser” institucional também possui diretrizes para o comportamento do fiel fora da igreja, na sua relação com o mundo, com a sociedade e a cultura do seu contexto.

2.1.2. *Escola de líderes: o evangélico, a célula e o outro*

No livro da *Escola de Líderes*, que prepara os discípulos para liderarem suas células dentro da igreja (modelo organizacional que explicaremos melhor a seguir), obedecendo e readaptando o modelo de Visão Celular da Igreja do Evangelho Pleno, recortaremos a única passagem do livro que trata de um tema externo à igreja, do âmbito social, que é a forma que o líder – e o cristão, de uma maneira geral – deve se portar em relação as outras religiosidades, diferentes da sua. No último livro, da *Escola de Aconselhamento*, que, somando com a *Escola de Líderes* e a *Escola de Voluntários*, oferta diferentes “carreiras” que o fiel pode seguir dentro da igreja, há um capítulo que trata da questão da homossexualidade dentro do cristianismo, e tenta orientar o aconselhador a lidar com essa questão respeitando os princípios bíblicos e cristãos. Serão esses, portanto, estrategicamente escolhidos, os nossos recortes.

No módulo três do livro, chamado *Princípios de uma Célula*, o manual define do quê, então, esse fiel poderá ser líder:

- O QUE É UMA CELULA?

É simplesmente a igreja se reunindo nas casas. Não existe tal como a igreja em células. Não é um grupo de oração, ainda que a oração seja um ingrediente básico; não é um grupo de discipulado, ainda que o discipulado deva acontecer naturalmente, um a um; não é um grupo de estudo bíblico, ainda que o ensino seja enfatizado nas reuniões; não é um grupo de cura interior, ainda que seja um lugar de cura e restauração; não é um ponto de pregação, ainda que o princípio básico de cada célula seja a multiplicação. A célula é um pouco de

cada grupo; é um lugar de oração e comunhão, de estudo da Palavra, discipulado, cura interior, apoio e evangelismo.

Porém, a célula possui características e identidade bem definidas, que são: acontece uma vez por semana (num dia fixo), sempre no mesmo horário (não varia o horário), com duração máxima de 1h a aproximadamente 1h e 15min e sempre no mesmo local (lugar fixo), imprimindo assim regularidade e constância que possibilitam o crescimento, o fortalecimento e a multiplicação da célula.

A célula é a “igrejinha” dentro da “igrejona”. A célula é o útero da igreja.

Por esse motivo temos como lema: cada membro um discípulo, cada casa uma igreja. Pois através das células alcançamos pessoas nas casas, escolas, empresas, praças, bairros e etc. Pois levamos o reino de Deus até elas.

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, ESCOLA DE LÍDERES, pg. 31)

Atualizando para o contexto ludovicense a estratégia já posta em funcionamento pela Igreja do Evangelho Pleno de Seul, como já antecipamos no capítulo primeiro, o modelo de Visão Celular, no contexto da Igreja Batista do Angelim, cumpre diferentes funções organizacionais, externas e internas: primeiro, externamente, é uma prática de proselitismo que, segundo seus próprios pastores, é a causa do “sucesso” popular da igreja e pelo seu crescimento urbano, algo enfatizado pelo próprio livro quando fala-se que “através das células alcançamos pessoas nas casas, escolas, empresas, praças, bairros e etc.”. Por meio das inúmeras células pertencentes à igreja, ela consegue, assim, penetrar no tecido social e urbano da cidade, alcançando mais pessoas, espalhando-se no território urbano, na vida cotidiana, nos espaços públicos e privados – ou, melhor dizendo, na vida social de uma forma geral.

Em segundo lugar, internamente, todo o corpo da igreja, distribuído verticalmente, organiza-se tendo a fundação da célula como mastro principal. Na cadeia de “autoridades”, o líder de célula, indo de baixo para cima, é seguido pelo discipulador de células (que só pode atingir esse nível se treinar três líderes diferentes e, assim, fundar três células diferentes):

“10. DISCIPULADOR DE CÉLULAS (Discipula líderes e células)

A pessoa atingirá o nível de Discipulador se estiver cuidando de pelo menos três líderes de células e após ser avaliado, por critérios subjetivos, se está habilitado para tal. O compromisso, a fidelidade e o amor estão entre as principais características de quem almeja essa tarefa.”

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 46)

Acima do discipulador, aparece o líder de geração, que, também crescendo de três em três, é aquele que multiplicou três discipuladores sob sua cobertura:

“11. LÍDER DE GERAÇÃO

É aquele que gerou pelo menos três discipuladores, passando a reunir-se com estes frequentemente. O Líder de Geração também é avaliado por critérios subjetivos, se está habilitado para tal. O compromisso, a fidelidade e o amor estão entre as principais características de quem almeja esse cargo.”

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 47)

O líder de geração, então, responde ao pastor de rede, responsável por um grupo específico de líderes de geração e pastores auxiliares, mantendo ambos sob sua cobertura:

“13. O PASTOR AUXILIAR DE REDE

Está diretamente submisso ao Pastor de Rede, auxiliando-o no acompanhamento e aconselhamento de Gerações e ainda podendo liderar uma Geração ou rede auxiliar.

14. O PASTOR DE REDE

É responsável por um grupo de Líderes de Geração e pelos Pastores Auxiliares. Cabe a ele acompanhar o trabalho de cada líder de geração e/ou pastores auxiliares, reunindo-se com eles quinzenalmente.”

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 51)

E, por fim, cobrindo todos esses agentes e essa estrutura, encontra-se o pastor principal, responsável pelo funcionamento da igreja, hoje encabeçada por Joaquim Neto:

“15. O PASTOR PRINCIPAL

É o responsável pelo funcionamento de toda estrutura. Cabe a ele treinar e motivar todos os pastores, pastores auxiliares, líderes de geração, e líderes de ministério dentro da igreja.

(IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 51)

Dessa forma, como podemos ver, o modelo celular sustenta não somente toda a organização da igreja, suas divisões e subdivisões, seus líderes e seus subordinados, como também garante a ela, através desse caráter multiplicador e proselitista constantemente enfatizado em seus manuais, a capacidade de espalhar-se na cidade, levando a palavra de Cristo para as pessoas em diferentes espaços e âmbitos sociais, trazendo-as para dentro da cobertura dessa igreja institucionalmente organizada e burocraticamente estabelecida.

No tópico dez do módulo seis do livro, que trata do tema do *Evangelismo*, o texto anuncia-se com o título “Como lidar com as diferentes seitas e religiões”, referenciando um excerto da segunda carta de João: “Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo afora, os que não confessam a Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo... Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus;” (2 Jo 7,9).

Iniciando o tópico defendendo o direito universal de liberdade religiosa e enfatizando que a tolerância deve ser praticada por todos, já no terceiro período do primeiro parágrafo o tom muda um pouco:

“[...] Dar a cada pessoa, porém, o direito de escolher a própria religião não significa que todas sejam boas. Nos dias de Jesus havia vários grupos religiosos, como: os saduceus (At 5.17) e os fariseus (At 15.5). Ambos tinham posições religiosas distintas (At 23.8). Mesmo assim, Jesus não poupou palavras duras a esses grupos religiosos, chamando-os de hipócritas, filhos do inferno, serpentes, raça de víboras (Mt 23.13, 15, 33). Assim, deixou claro que não aceitou as ideias de que todos os caminhos levam a Deus. Há apenas dois caminhos que ensinou: o estreito, que conduz a vida eterna, e o largo e espaçoso, que leva à morte (Mt 7. 13, 14),”
(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 97)

Vemos, assim, que todos os caminhos lhes são lícitos, mas nem todos lhes convêm. Por mais que cada pessoa tenha a liberdade de escolher qual religião praticar e qual Deus adorar em vida, nem todas elas serão salvas – porque, como dito, Jesus ensinou apenas dois caminhos, e o caminho estreito, que se pretende único caminho correto, é o cristianismo. O direito de escolha religiosa é universal; o direito de ser salvo e ter acesso à tal vida eterna, entretanto, não o é.

Com base em dados do Instituto Cristão de Pesquisas, o capítulo divide as outras religiões em cinco categorias:

- Secretas: Maçonaria, Teosofia, Rosacruz, Exoterismo, etc.
- Pseudo-cristãs: Mórmons, Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, Ciência Cristã, A Família (Meninos de Deus), etc.
- Espíritas: Kardecismo, Legião da Boa Vontade, Racionalismo Cristão, etc.
- Afro-brasileiras: Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Cultura Racional, etc.
- Orientais: Seicho-no-iê, Messiânica Mundial, Arte Mahikari, Hare Krishna, Meditação Transcendental, Unificação (monismo), Perfeita Liberdade, etc.

(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 96)

Vemos assim então que, recortadas essas citadas, só restam, como deve ser, as religiões de orientação cristã-evangélica, como os pentecostais e os protestantes – ou seja, as igrejas com as quais o Angelim mantém estreita relação. Mesmo os mórmons, os adventistas e as testemunhas de Jeová que, em tese, adoram ao mesmo deus, são entendidas como religiões falsas, enganosas.

Além disso, como estratégia para o proselitismo religioso, principal tema do capítulo onde o módulo se insere, o livro orienta o leitor a, entendendo que essas religiões são religiões que não levarão à vida eterna e que sua missão na terra é ganhar o maior número de almas para Cristo, buscar conhecimento sobre essas religiões outras por dois motivos principais. O primeiro:

- Para defesa própria: várias entidades religiosas treinam seus adeptos a ir de porta em porta à procura de elementos para sua organização. Algumas são especializadas em trabalho com os evangélicos, principalmente os novos convertidos. Os cristãos devem se colocar à par do que os vários grupos ensinam, devem conhecer a forma de refutá-los biblicamente (Tt 1.9).
(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 99)

Entendendo bem o contexto de mercado religioso (MARIANO, 1997), o Angelim orienta, então, seus discípulos a se prepararem tanto para resistir as ofertas e pregações de outras religiões, quanto de sair ao mundo e evangelizar as pessoas estranhas, cumprindo aquela missão primordial de ganhar as pessoas para Cristo. É dever do cristão, então, se colocar “a par” do contexto religioso mais amplo, ter um conhecimento do mundo fiel maior do que onde se encerram os muros das suas igrejas, fazendo com que a palavra ali pregada se espalhe pela sociedade, sustentando-se sempre no ensino bíblico. O segundo motivo, então, relaciona-se com o primeiro, completando-o:

- Para ajudar aos outros: o fato de conhecermos o erro em que se encontram os sectários nos ajuda a apresentar-lhes a verdade de que necessitam. Entre eles se encontram muitas pessoas sinceras que precisam se libertar e conhecer a Palavra de Deus. Outra objeção levantada por alguns é esta: “Não gosto que se fale contra outros religiões. Fomos chamados para pregar o Evangelho“. Concordamos plenamente, todavia, lembramos que o Apóstolo Paulo foi chamado para pregar o Evangelho e disse não se envergonhar de fazê-lo (Rm 1.16), mas também disse que Cristo o chamou para defender esse mesmo Evangelho (Fl 1.16). A objeção mais comum é a seguinte: "Jesus disse para não julgarmos, pois com a medida que julgarmos seremos julgados. Quem somos nós para julgar?". Ora, o contexto mostra que não estava proibindo todo e qualquer julgamento, pois no versículo 15, ele alerta: "acautelai-vos dos falsos profetas". Pergunte-

se: como poderíamos nos acautelar contra os falsos profetas se não pudéssemos identificá-los como tais? Não teríamos de emitir um juízo classificando alguém como falso profeta? Assim, há juízos que podem ser estabelecidos em bases corretas, mas para isso, é preciso usar um padrão correto de julgamento e, no caso, esse padrão é a Bíblia (Is 8.20). Há exemplos nos Escrituras de que nem todo juízo é incorreto. Certa vez Jesus disse: "Julgaste bem" (Lc 7.43). Paulo admitiu que seus escritos fossem julgados (1Co 10.15). Disse mais: "O que é espiritual julga bem todas as coisas" @Co 2.15) (ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 100)

Aqui, então, vemos uma interpretação própria das escrituras sustentar o argumento de evangelizar no mundo: ainda que Jesus tenha dito que não nos cabe o julgamento, isso não se aplica em toda e qualquer situação, sobretudo quando você, cristão e praticante do evangelho, possui os padrões de referência verdadeiros, que é a base de pensamento da sua própria prática religiosa. Assim como cabe ao cristão discernir qual prática religiosa é verdadeira e qual não é, cabe a ele, também, evangelizar e trazer os adeptos dessas outras práticas para dentro da sua prática, a prática verdadeira, a prática com os "padrões corretos" – os padrões bíblicos, portanto.

Voltando-se mais para os ditos pseudocristãos e não se alongando com as outras quatro categorias de religiões "menos verdadeiras", o módulo desenvolve-se identificando as "falhas" fundamentais dessas práticas religiosas. Quanto aos adventistas e as testemunhas de Jeová, eles dizem:

- ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA — têm os escritos de Ellen White por inspirados tanto quanto os livros do Bíblia. Declaram: "Cremos que Ellen White foi inspirada pelo Espírito Santo, e seus escritos, o produto dessa inspiração, têm aplicação e autoridade especial para os adventistas do sétimo dia." (...) Negamos que: A qualidade ou grau de inspiroção dos escritos de Ellen White seja diferente dos encontrados nos Escrituras Sagradas.
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ — crêem que sem o "corpo governante" (grupo formado por dez homens nos EUA), a Bíblia jamais será entendida. Declare: "Meramente ter a Palavra de Deus e le-la não basta para adquirir o conhecimento exato que coloca a pessoa no caminho do vida". Outra decloraçao: "A menos que estejamos em contato com este canal de comunicação usado por Deus, não avançaremos na estrada do vida, não importa o quanto leiamos a Bíblia".
ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 98)

E, sobre os mórmons, acrescentam:

- Mórmons: afirmam crer no sacrifício expiatório de Jesus, mas sem o cumprimento das leis estipuladas pela igreja, não haverá salvação. Outro requisito foi exposto pelo "profeta" Brigham Young, que disse:

“Nenhum homem ou mulher nesta dispensação entrará no reino celestial de Deus, sem o consentimento de Joseph Smith”. Daí o apego que eles têm a Smith. Doutrinas semelhantes são ensinadas pela Igreja da Unificação/Moon, que desdenha dos cristãos por acharem que foram salvos pelo sangue que Jesus verteu na cruz, chegando a dizer: “expiamos nossos pecados por meio de atos de penitência específicos”. As Testemunhas de Jeová ensinam que a redenção de Cristo oferece apenas a oportunidade para a pessoa alcançar sua própria salvação através das obras. Jesus apenas abriu o caminho; o restante é com o homem. Uma de suas obras diz: “Trabalhamos arduamente com o fim de obter nossa própria salvação”. Já os adventistas creem que a vida eterna só será concedida aos que guardarem a lei, que para eles implica a guarda obrigatória do sábado.

(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 99)

Além de examinar, em um parágrafo, a literatura religiosa da prática em questão, eles também acrescentam outras características, essas mais genéricas, que atribuem a essas formas de fé o caráter de seita:

- Falsas Profecias: as Testemunhas de Jeová, os Adventistas e os Mórmons já proclamaram o fim do mundo para datas específicas. [...]
- Negam o Ressurreição de Cristo: Ressuscitou em espírito (Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã, Igreja da Unificação, Kardecismo); outros dizem que nem sequer ressuscitou (LBV), e ainda outros duvidam que tenha morrido na cruz (Mulçumanos, Rosacruz).

(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 101)

Encerrando o módulo, então, seguindo a orientação de guiar o fiel e líder em treinamento na sua atitude em relação ao mundo que o circunscreve, o livro alerta para o cenário brasileiro, onde supostamente as seitas e as pseudo-religiões cresceram recentemente:

- A investida das seitas no Brasil:
- O Brasil é o país com o maior número de espíritas no mundo e o terceiro maior em número de Testemunhas de Jeová.
- Os Mórmons consideram seu crescimento no Brasil como um de seus maiores sucessos: eles cresceram 50% nos últimos anos.
- As religiões orientais já atraíram mais de um milhão de brasileiros e continuam se expandindo rapidamente.
- Como estar preparado? O Apóstolo Paulo exorta: “Antes santificai a Cristo como Senhor em vossos corações e estais preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15).
- Os cristãos têm duas salvaguardas contra o erro doutrinário: a revelação bíblica e o espírito santo.

(ESCOLA DE LÍDERES, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 102)

Desde seus cadernos institucionais, formalmente falando, a igreja preocupa-se com a inserção do seu fiel, do seu líder, no tempo e no espaço em que ele atua, em que ele vive – retornando, como dissemos no começo, ao fato do Angelim ser uma igreja *no tempo*. Parcialmente tolerante a outras formas religiosas, esse fiel deve ter certeza de que sua fé é a mais verdadeira que existe, que sua caminhada deve ser a caminhada de todos e, assim, dedicar sua vida à evangelização dessas outras pessoas, que se encontram equivocadas em outras práticas religiosas, mas que, como o texto fala, não necessariamente são más, pecadoras irremediáveis, irrecuperáveis. É dever do líder trazer, então, esses equívocos para dentro do evangelho de Cristo, da Cruz, do Sangue, da Salvação e da Vida Eterna – coisas que elas não vão encontrar nessas outras práticas equivocadas.

2.1.3 O manual de aconselhamento: questão de sexualidade

Menos carreira, como a *Escola de Líderes*, e mais uma preparação adicional para a vida pessoal do cristão, a *Escola de Aconselhamento* tem como objetivo educar, ensinar e orientar o fiel a lidar da melhor forma com os diferentes desafios que ele pode – e vai – encontrar em vida, além de prepará-lo para, também, ensinar e amparar outras pessoas que precisarem de algum tipo de ajuda. No livro, também de autoria exclusiva da igreja, a atividade é definida como

- “[...] um chamado para todo cristão, pois todos nós somos potenciais conselheiros quando decidimos viver de fato conforme as orientações do Espírito Santo, NOSSO MAIOR CONSELHEIRO (Jo 14:16,26), além disso, somos seres relacionais e o aconselhamento ocorre no meio dos relacionamentos, e isso nos habilita a sermos conselheiros.”
(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 5)

Dessa forma, o livro diz, todos podem ser agraciados pelo processo de aconselhamento, pois toda humanidade, em alguma área da sua vida, pode apresentar fragilidade em algum momento específico (IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 6). Curso aberto para todo e qualquer membro da igreja, com duração média de três meses, a Escola, então, se apresenta como uma “formação complementar” na caminhada do fiel dentro do cristianismo e da igreja, pautada tanto no ensino bíblico quanto na obra de Gary Collins (2004), e sobretudo voltada para o

âmbito da vida pessoal daquele que se interessa. Seus objetivos principais, expressos no livro e referenciados à Collins, são:

- Estimular e desenvolver o desenvolvimento saudável da personalidade;
 - Ajudar as pessoas a enfrentar, com sabedoria, as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais;
 - Auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos e melhorar a qualidade de dos seus relacionamentos;
 - Ajudar as pessoas que apresentam padrões de comportamento autodestrutivos a mudarem suas perspectivas de vida;
 - Ajudar os outros a se tornarem discípulos de Cristo e discipular outras pessoas;
 - Levar os aconselhados à cura, aprendendo a lidar com situações desafiadoras e vivenciarem crescimento espiritual.
- (ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 70)

Combinando esses ensinamentos com o objetivo principal de evangelizar as pessoas para Cristo, o conselheiro, que pode ser qualquer fiel, tem o papel de contribuir para que as pessoas estabeleçam um relacionamento com Jesus, ajudando-as a encontrar perdão e a se livrarem das consequências danosas do pecado e da culpa (COLLINS, 2004). Com ênfase na vida pessoal, então, o aconselhamento ensina o cristão a lidar da melhor forma com, em tese, toda sorte de questões e desafios que se impuserem contra ele em vida e que, de alguma forma, possa atrapalhar sua caminhada com Cristo.

Dividido em treze capítulos, o livro, até o capítulo quatro, esforça-se em definir o que é aconselhamento e, do quinto ao décimo terceiro, constrói-se em cima da narrativa da igreja enquanto lugar de cura e refrigério em meio a uma sociedade contemporânea fragmentada e adoecedora. Elencando a Ansiedade, Depressão, Luto e Homossexualidade como temas centrais dessa sociedade contemporânea, o texto tenta dar conta da totalidade desses supostos problemas, orientando, da melhor forma, o leitor a lidar com eles em vida. Da mesma forma que, no livro anterior, estrategicamente recortamos o tema das outras formas de práticas religiosas, por conta do seu valor sociocultural, aqui não nos alongaremos nos outros temas abordados, dando ênfase apenas para a forma que a igreja aborda a homossexualidade.

Pautado no respeito aos direitos e na empatia ao próximo, o capítulo onze do livro de aconselhamento pretende-se um manual para uma atitude muito simples, amorosa e cristã: estender a mão para aqueles homossexuais que “não desejam viver

ou praticar” sua homossexualidade, porque, no seu entendimento, existe uma diferença entre uma coisa e outra:

“A homossexualidade não é crime no Brasil e sabemos que muitas vezes a igreja tem dificuldade em reconhecer esse direito, assim como a comunidade LGBTQ+ tem dificuldade em reconhecer o direito de não praticar a homossexualidade (VARGAS, 2020). Como apontado acima, esse é um tema que deve ser tratado com muito respeito.”

(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 71)

Dessa forma, o livro diz claramente que não pretende, de forma prioritária, orientar seu conselheiro a dialogar com os tais “homossexuais que querem praticar a vida homossexual”, entendendo que existe o homossexual que quer viver a “vida gay” e o homossexual que quer viver a vida cristã. Como, então, ajudar essa segunda parcela, trazê-la para a vida santa? O livro responde:

[...] Não estamos falando em “cura gay”. Estamos falando de uma identidade deteriorada pela idolatria, que tirou Deus da sua posição de Senhor. Quando o ser humano decide se ele é homem ou mulher, ele está ocupando o lugar de Deus na criação.”

(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 71)

Formada a atitude geral que todo crente deve ter em relação à “questão” da homossexualidade, o livro, então, sustenta-se numa pesquisa realizada por Michael Hobbes para a revista HuffPostBrasil¹² a respeito de uma suposta “solidão gay” no país que, segundo ele, não tem ligação com a homofobia e o preconceito sociais do país que mais mata LGBTQIA+ no mundo, mas que se explicava por razões religiosas:

- 2 a 10 vezes mais probabilidade de cometer suicídio em relação a heterossexuais;
 - 2 vezes mais propensos a ter episódios depressivos relevantes;
 - 3/4 sofrendo de ansiedade ou depressão, abuso de álcool ou drogas ou mesmo estavam fazendo sexo desprotegido (ou a combinação dos três);
 - Menos amigos próximos.
- (MICHAEL HOBBS, 2019)

¹² HUFFPOSTBRASIL. A epidemia da solidão gay. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/solidao-gay_br_5ca7c2d4e4b0dca0330178df. Acesso em 18/07/2022.

Seguindo o mesmo raciocínio, de que a homofobia e o preconceito sociais do espaço que as circunscreve não são suficientes para explicar esse “vazio existencial” presente em pessoas não-cisgêneras, o texto argumenta, referenciando o artigo da revista, que mesmo pessoas de núcleo familiares acolhedores não estão livres dessas tendências “negativas” de comportamento. O mesmo vale para cidadãos de países supostamente liberais como os Estados Unidos, a Holanda, que permitem o casamento entre pessoas do mesmo sexo há mais de vinte anos, mas supostamente vê sua população masculina homossexual dez vezes mais propensa a uma “automutilação suicida”, e a Suécia, que têm sua união civil legalizada desde 1995 e o casamento completo desde 2009, mas que vê seus homens inseridos em matrimônios homossexuais apresentarem taxa de suicídios três vezes maiores do que homens inseridos em casamentos heterossexuais: por mais que o ambiente em volta desse homem ou dessa mulher seja um ambiente seguro e acolhedor, ele ou ela nunca estarão libertos, pois falta algo:

“[...] é preciso falar de homossexualidade não com a lente do mundo, que glamouriza o pecado e afirma o erro, mas com a luz de Cristo, e da Palavra de Deus que transforma e nos convida para o liberdade no físico, na alma e no espírito.”
(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 72)

Sempre que a Bíblia faz referência à homossexualidade – o texto argumenta após citar trechos de Gênesis 19: 1-11, Levítico 18:22; 20:13, Juízes 19:2-25, Romanos 1: 25-27, 1 Coríntios 6: 9-10, 1 Timóteo 1: 9-10, Deuteronômio 23:17, 1 Reis 14:14; 15:12; 22:46 e 2 Reis 23:7 –, ela o faz de maneira “negativa”, enfatizando seu caráter impuro e pecaminoso, fazendo de outra coisa senão: pecado. Portanto, dada essa condição, o que falta para o suposto homossexual é aquilo que falta a todos nós: a palavra de deus, o sangue de Jesus. Se a própria manifestação da homossexualidade é pecado, os ditos pensamentos, sentimentos e comportamentos homossexuais também o são, e devem ser remediados com o ensino bíblico:

“A Bíblia nos traz a mensagem de esperança, nos ensina que é possível não alimentarmos pensamentos pecaminosos e não cedermos às tentações de todo tipo, inclusive as homossexuais. Mas para isso, precisamos estar alimentados na Palavra Deus, pois se o nosso espírito não é preenchido com a Verdade de Cristo, se nós mantivermos comunhão com o Senhor, a nossa alma e nossos desejos estarão vulneráveis a todo tipo de tentação, pois cada um é tentado pela própria cobiça. (Tg 1:14j).”

(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 72)

Nem tudo, portanto, está condenado: há esperança, e a esperança passa direto pelo ensino e a prática da palavra do Senhor. Além disso, elencando níveis de pecado, o livro entende que o pecado da homossexualidade (ou, pior, da “expressão da homossexualidade”) não é o pior dos pecados, mas encontra-se parêlo a outros:

“Não! A homossexualidade não é o pior dos pecados. como foi visto em 1 Co 6:9-11, pois no mesmo nível dos homossexuais estão os:

- o) imorais (independente da orientação sexual, e podemos afirmar com toda a certeza que há muitos heterossexuais que são devassos);
- b) os idólatras (tudo que ocupa o primeiro lugar do seu coração é idolatria e muitos idolatram pessoas, dinheiro, trabalho, filhos, maridos, esposas etc.);
- c) os adúlteros (prática cada vez mais comum atualmente e que tem destruído muitas famílias);
- d) os ladrões;
- e) os avarentos (e o que dizer do Brasil? Um país de muitas riquezas, mas que tem pessoas passando fome. Um terço de todas as riquezas do Brasil estão concentradas nas mãos dos 1% mais ricos - alguém deve estar roubando ou não abençoando aqueles que estão em situação de extrema pobreza);
- f) os bêbados (vícios como os do alcoolista é uma realidade no mundo, assim como os viciados em comer, em usar internet, jogos, drogas ilícitas, etc.). Tudo que exerce domínio sobre o ser humano, deixando este de ser governado por Deus, não pode afirmar que “posso todas as coisas naquele que me fortalece”, pois o vício não deixa.”

(ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 74)

Para esclarecer as supostas causas da homossexualidade, o livro referência a missionária Andréa Vargas, membra da Igreja Missionária Unida do Brasil e missionária em tempo integral na Missão Avalanche, que ministra cursos ao redor do Brasil a respeito de temáticas comportamentais e sexuais, a fim de expor sua própria visão sobre o tema:

- 1º Genético - não se nasce gay, não há um gene gay, nenhum estudo comprovou isso até hoje. Acredita-se que há uma predisposição em função do ambiente:
- 2º Questão Hormonal - o hormônio não determina orientação sexual, trala-se do "quanto" se deseja o e não "o que" deseja.
- 3º Possessão demoníaca - se a questão fosse apenas de possessão demoníaca, apenas a libertação seria suficiente para resolver o problema. Não se trata de uma questão apenas espiritual, ainda que a Andrea Vargas não descarte essa interferência em algumas situações específicas.

- 4• Opção - não se trata de escolher ter atração por pessoas do mesmo sexo, não se escolhe sentir o que sente, porém é possível escolher o que se pratica. O justo vive pela fé e não pela atração.” (ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 76)

Como já vimos, o manual hesita em condenar e reprovar de maneira definitiva a não-cisgeneridade, mas, ao mesmo tempo, não aceita outras formas de se relacionar que não pautadas na heterossexualidade normativa. Sem dizer exatamente onde a missionária baseia seus estudos, como também podemos ver na última citação, o manual não chega a uma resposta clara das “causas da homossexualidade”, citando quatro causas não-totais, incompletas, mas, chegando a um consenso, eles estabelecem algumas “influências finais”, que conversam com essas causas insuficientes:

“História de vida com situações de rejeição; expectativa frustrada dos pais quanto a ter um menino ou menina; sistema familiar disfuncional (sobretudo no que tange as funções de pai e mãe); muitos não praticam abortos físicos, mas o fazem no coração; experiência de abusos físicos, sexuais e psicológicos.” (ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 76)

No entender da missionária e do Angelim quando a pessoa vivencia situações do tipo, ela, supostamente, desenvolve uma crise de identidade e se lança numa busca reparadora: busca em homens a figura do pai ou da família, que não deu a devida atenção nas primeiras fases do desenvolvimento pessoal. O caminho da igreja, portanto, é aconselhar, acolher e preencher esse vazio, esse vácuo, com a palavra e o evangelho de Cristo – e, assim, corrige-se a tal crise identitária.

Como a Bíblia, ao falar de relacionamento e casamento, não cita a relação homoafetiva entre pessoas, sendo o modo de relação heterossexual o modo originário da humanidade, é por essa suposta crise de identidade que o manual explica a não-cisgeneridade:

“Isso mostra que há uma crise de identidade, identidade essa que só se forma a partir de Cristo. Mostra o quanto a humanidade está distante ou abandonou o primeiro amor. Andrea Vargas declara que abandonar o amor a Deus trouxe a trágica crise sobre quem somos e qual o sentido da vida. Sem o criador, desconheço minha identidade e conseqüentemente, a minha sexualidade. Essa é uma realidade que o mundo tenta encobrir. Estão sempre colocando nas mídias ou mesmo na cultura deste século frases de efeito, como: "consideramos justo toda a forma de amor". Há uma romantização do fenômeno da homossexualidade que desconsidera

as estatísticas que revelam maior propensão a uso e abuso de álcool e outras drogas, solidão, tristeza, ansiedade, depressão, medo, baixa autoestima, etc. O mundo nos diz: "seja feliz do jeito que você é"; "saia do armário", mas não estende as mãos para o homem e a mulher que desejam abandonar a vida gay ou estão enfrentando grande sofrimento por não saberem lidar com seus desejos e emoções." (ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 78)

Posicionando-se contra o discurso não-preconceituoso, o livro entende aceitação como romantização, condenando tal atitude da sociedade, de movimentos LGBTQIA+, da mídia, das empresas – e das pessoas, de uma forma geral. Insistindo que o “comportamento homossexual” é a expressão de uma falta, de uma carência e de um vácuo – que deve ser preenchido pela santa palavra –, ele conclui que

“Deus é o preenchimento e a completude de tudo que necessitamos. Estar em Cristo verdadeiramente é destruir os ídolos que destroem a nossa alma, corpo e espírito. É preciso usar a nossa fé para enfrentar as lutas interiores, pois muitas vezes não iremos sentir o que cremos, e isso gera grandes dilemas. Então, o papel da Igreja e do conselheiro não é transformar gay em hetero, mas ajudar na transformação da sua identidade, trabalhar contra as mentiras implantadas pelo mundo. E isso é um processo que exige muita sabedoria e direção de Deus, não devendo portanto, o conselheiro, ficar angustiada pela busca de resultados rápidos.” (ESCOLA DE ACONSELHAMENTO, IGREJA BATISTA DO ANGELIM, pg. 79)

Com “mentiras implantadas pelo mundo”, o livro, como vimos há pouco, refere-se à luta LGBTQIA+ e a transformação da nossa sociedade em uma sociedade menos preconceituosa, que não marginaliza e nem fere os direitos da comunidade. O papel da igreja, então, não é o de marginalizar, mas, em teoria, de acolher e transformar a tal identidade dessas pessoas com o poder da palavra e do evangelho, amenizando sua natureza pecaminosa – aquilo que nos define universalmente enquanto humanos.

Tanto a orientação em relação as outras práticas religiosas quanto à comunidade LGBTQIA+, ainda que em livros diferentes, indicam algo a respeito do comportamento do crente do Angelim e, também, de um tipo de crente no Brasil. Temas diferentes que são, mas com forte valor social, podemos perceber que ambas as orientações se baseiam em um modo de pensar fundamentalista, segregador, marginalizador e, por que não, também preconceituoso. Ter isso em mente, esse “pressuposto” ideológico, acreditamos ser algo importante na dura tarefa de levar a nossa pedra para cima do topo, antes de vê-la cair outra vez, no esforço de Sísifo de compor um quadro geral do evangélico brasileiro.

3 PARADIGMA DENOMINACIONAL

Como já adiantamos nos capítulos anteriores, no nosso modo de ver, existe uma incompatibilidade entre o presente objeto de estudo – uma igreja originalmente batista nacional que se transforma em outra coisa com o passar dos anos – e a abordagem estritamente denominacional empregada pela pesquisa acadêmica – ou parte dela.

Encontramos, então, ruptura com essa perspectiva justamente com a abordagem da história conectada, que joga luz sobre as diferentes relações e conexões empreendidas por essa mesma igreja durante sua história. Assim, seguindo essa mesma linha de raciocínio, nos esforçaremos, agora, em mostrar como o objeto anteriormente apresentado e discutido seria insuficientemente analisado por essa perspectiva denominacional – que é tanto religiosa, quanto acadêmica.

Entretanto, da mesma forma que, para empreender um estudo sério e atento as determinações sociais sobre o nosso objeto de estudo no desenvolvimento histórico, devemos estabelecer o terreno seguro de tentar instrumentalizar a biografia desse mesmo objeto, partindo desse pressuposto, também devemos entender, afinal, o que é o denominação – e denominacionalismo, por conseguinte – e o que quer dizer essa palavra tanto em seu sentido secular quanto em seu sentido religioso, teológico – para assim, então, estabelecendo esse outro terreno seguro, seguir com as discussões pormenorizadas.

3.1 O que é denominação, afinal?

Conceito que não requer tanta disputa a respeito do seu significado, apresentando mesmo algum consenso geral sobre sua definição, podemos definir “denominação” como: “Cada uma das variedades que constituem o cristianismo; cada igreja que se derivou do cristianismo” (Dicionário Online de Português)¹³.

Como se sabe, o Cristianismo, até o século XVI, caracterizou-se pelo domínio exclusivo por parte do Catolicismo na Europa e em outros territórios do mundo, sem ramificar-se em outros sub-grupos religiosos. É a partir da Reforma Protestante,

¹³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/denominacao/>. Acesso em 20/09/2022.

então, com Martinho Lutero¹⁴, que cria-se uma cisma dentro da religião cristã, e outros sub-grupos, ou denominações, são criadas a partir daí. Como no presente texto estamos mais interessados com a história do protestantismo – e, mais recente, do pentecostalismo – na contemporaneidade, não nos aprofundaremos, aqui, com o Catolicismo nem com o Cristianismo pré Reforma Protestante, mas com a história da religião a partir do século XVI – e, como já vimos, com ênfase na contemporaneidade, a partir do final do século XX.

Referenciando Ricardo Mariano (2005), importante pesquisador já referenciado no nosso texto, entendemos que a Reforma se divide e se organiza em:

“anglicano, luterano e calvinista, ou reformado propriamente dito. Feita aquela ressalva quanto ao anglicanismo, os protestantes propriamente ditos são os luteranos e calvinistas que se espalham pelo mundo em numerosa diversificação, particularmente estes últimos. Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento” (MARIANO, 2005).

Quanto aos princípios gerais do movimento, como a liberdade individual e a autonomia da igreja, já vimos no capítulo dois. Entretanto, para o que estamos tentando caracterizar aqui, os anglicanos, os luteranos e os calvinistas, que ainda não são a totalidade das ramificações criadas com a Reforma, definem o que chama-se de denominações: grupos independentes, localizados no Cristianismo maior, que interpretam a palavra de forma particular e possuem uma ética religiosa e teológica sua, um *ethos* individual, que a difere de outras – mas que, também, a une no propósito maior, que é espalhar a palavra do Deus cristão. A família das denominações cristãs e protestantes, então, é composta pelas

“luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Estas últimas, as batistas, também resistem ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora mantenham os princípios da Reforma. Creio não ser, por isso, necessário criar para elas uma categoria à parte. São integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico, tanto sob o ponto de vista teológico como eclesiológico. Esses cinco ramos ou famílias da Reforma multiplicam-se em numerosos sub-ramos, recebendo os mais diferentes nomes, mas que, ao guardar os princípios fundantes, podem ser incluídos no universo do protestantismo propriamente dito.” (MARIANO, 2005).

¹⁴ Tendo vivido entre 1483 e 1546, foi o grande idealizador da Reforma Protestante contra as práticas de simonia e a venda de indulgências por parte da Igreja Católica, dominante no cenário cristão até o momento.

Derivadas da ruptura com o cristianismo católico, a partir da Reforma, entende-se que essas são as cinco grandes famílias que vão compor o que seria o protestantismo, sendo cada uma delas, cada família, uma denominação protestante, ou seja, um grupo protestante razoavelmente independente e diferente dos outros – característica central do que chamamos aqui de denominação.

Além dessas cinco, todas fundadas dentro do protestantismo histórico, algumas outras, que veremos mais detalhadamente a seguir, também construíram suas fronteiras denominacionais dentro do protestantismo histórico, com suas próprias cismas e rupturas dentro dessas cinco grandes famílias.

Antes, vale pontuar, mesmo que brevemente, as origens da outra grande vertente, ou movimento, que estudamos aqui (que, por sua vez, abrange outras tantas denominações): o pentecostalismo. Segundo o Novo Dicionário de Teologia REF, escrito por Sinclair Ferguson¹⁵ e David Wright¹⁶,

“o pentecostalismo é uma corrente dentro do evangelicalismo arminiano, com forte ênfase distintiva em experiência adicional do crente, posterior à conversão, o chamado batismo no Espírito Santo, que resulta em capacitação de poder no Espírito, evidenciado no falar em línguas (glossolalia) e em dons do Espírito dentre os listados em ICoríntios 12.8-10.”

(SINCLAIR FERGUSON; DAVID WRIGHT, 2011).

Desenvolvido e fundado por Jacobus Arminius¹⁷, ou somente Arminius, teólogo holandês, o arminianismo, de onde nasce o pentecostalismo, tem como principais características a eleição baseada na presciência, a depravação parcial, a expiação universal ineficaz, a graça universal resistível, uma visão voluntarista da fé, a cooperação (semipelagianismo) de uma pessoa com a graça de Deus e a possibilidade de o verdadeiro crente cair da graça com o concomitante enfraquecimento da certeza da salvação (SINCLAIR FERGUSON; DAVID WRIGHT, 2011). O trecho bíblico citado pelos autores, por sua vez, diz o seguinte:

“Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;

¹⁵ Teólogo escocês, nascido em 1948, conhecido pelo seu reformismo cristão e pela atuação tanto no ensino quanto na escrita teológicas. Também é ministro da Tron Church, em Glasgow, e ex-professor de teologia sistemática do *Westminster Theological Seminary*, na Filadélfia, EUA.

¹⁶ Historiador de formação falecido em 2008, era professor catedrático de história eclesiástica do *New College*, na Universidade de Edimburgo, também na Escócia.

¹⁷ Teólogo neerlandês, Jacobus Arminius (10 de outubro de 1560 – 19 de outubro de 1609) foi importante personagem no período da reforma protestante. Além disso, escreveu muitos livros e tratados sobre teologia, forjando, com sua visão, o arminianismo.

E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar;
E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas.” 1 Coríntios 12:8-10.

É através dos temas relacionados ao Espírito Santo e aos Dons, então, que o arminianismo funda-se em oposição ao luteranismo e, também a partir desses dois temas centrais, que o pentecostalismo, mais recente, vai encontrar seus primeiros sustentos teológicos e que, como vimos nas rupturas tanto da CBN quanto da IBA, são os temas responsáveis pelas discordâncias entre esses agentes e as tradições batistas e protestantes históricas – indicando, claramente, uma permanência histórica muito forte, que perdura por séculos a fio.

Além da forte conexão com o arminianismo, a denominação pentecostal (que, como vimos e veremos, também desmembra-se em outras tantas denominações), tem sua origem debatida entre os estudiosos do tema, mas podemos, com razoável razão, estabelecer que:

“as origens do pentecostalismo podem ser remontadas a 1º de janeiro de 1901, quando a srta. Agnes Ozman, uma estudante do Bethel Bible College [Faculdade Bíblica Betei], de Topeka, Kansas, EUA, falou em línguas, após o diretor, Charles Fox Parham (1873-1929), impor as mãos sobre ela e orar para que recebesse o poder do Espírito. Daí em diante, para os adeptos do pentecostalismo em geral, a evidência categórica de ser batizado no Espírito seria o falar em línguas. É considerado como a abertura para uma experiência vivida com Deus, para uma adoração fervorosa, o recebimento de dons do Espírito, particularmente o de cura divina, e de poder para o testemunho e o serviço cristão.” (SINCLAIR FERGUSON; DAVID WRIGHT, 2011).

É nos Estados Unidos e no começo do século XX, então, que entende-se a origem do que chamamos hoje de pentecostalismo. Além dessas características teológicas, podemos enumerar, também, outras marcas distintivas dessa grande denominação recente, de caráter mais organizacional:

“os pentecostais têm rejeitado invariavelmente o batismo infantil, exercendo o batismo de adultos como pública profissão de fé após a conversão. [...] O governo das igrejas toma geralmente a forma congregacional ou presbiteriana. Há em alguns países uma influência mais recente, proveniente do movimento de “igreja em casa”, que se traduz em reconhecimento maior da igreja local pentecostal como o corpo de Cristo, com implicações de comunhão mútua seriamente compromissada e tendo os presbíteros leigos uma participação governativa e pastoral na assembleia local, juntamente com o pastor.

Oração pela cura dos enfermos com a imposição de mãos tem sido uma prática regular dos pentecostais, tanto em cruzadas e campanhas evangelísticas quanto em cultos normais das igrejas. Milagres são relatados e testemunhos de conversão e cura são encorajados, nos cultos. Os pentecostais em geral creem na “cura pela expiação”, considerando haver Cristo levado nossas enfermidades, assim como nossos pecados, com a sua morte na cruz, embora mais recentemente sustentem uma doutrina menos dogmática da cura divina. É frequente a pregação sobre a segunda vinda de Cristo, quase sempre apresentada como iminente, mantendo a maioria dos pentecostais uma visão pré-milenarista da volta do Senhor. [...] Em grande parte de sua história primitiva, o pentecostalismo foi conduzido, principalmente, por ativistas evangelisticamente orientados e com pouca preocupação por erudição bíblica acadêmica, formação teológica ou preocupações de caráter social.” (SINCLAIR FERGUSON; DAVID WRIGHT, 2011).

É congregando em uma Batista Nacional, vale lembrar, que Joaquim, o pastor-fundador da igreja aqui estudada, relata ter sido curado daquela apendicite crônica que havia lhe acometido, exemplificando perfeitamente a cura por milagres citada no trecho acima. Além disso, também podemos perceber outras aproximações dessa definição geral com o que já vimos a respeito da Igreja Batista do Angelim e de outras instituições batistas ligadas à CBN, originalmente protestantes históricas: a “igreja em casa”, ou Visão Celular, a oração pela cura e a imposição de mãos, os milagres nos momentos de culto, a Segunda Vinda de Cristo e, também, a condução da denominação por líderes carentes de educação bíblica erudita, com enfoque maior no emocionalismo e no carisma.

Essas características, presentes ainda hoje em denominações protestantes, remontam à história de outra grande denominação: o pentecostalismo. Evidencia-se assim, outra vez mais, aquela forte inclinação que o cristianismo moderno e contemporâneo, ou pós-Reforma, tem de hibridizar-se, misturar-se, conectar-se e comunicar-se em teias, irrestritamente – e não como sugere termos como “neopentecostalização” de igrejas protestantes, algo também já comentado – e, assim cremos, superado – no presente texto.

Dentro da grande denominação pentecostal, podemos, a exemplo do protestantismo (como faremos melhor, a seguir), listar outras igrejas (ou sub-grupos) que a compõem e se originaram do começo do século vinte em diante, se espalhando por todo mundo: Assembleia de Deus, a Igreja Wesleyana, a Quadrangular, Igreja O Brasil para Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Casa da Bênção, a Igreja de Deus no Brasil e, como uma de suas expressões mais famosa – e mais recentes também, como vimos – a Igreja Universal do Reino de

Deus. Todas elas, e algumas outras não mencionadas aqui, são o corpo que compõe a denominação pentecostal e neopentecostal atualmente, no Brasil e no mundo.

No campo do protestantismo, para exemplificar o conceito de denominação dentro dessa vertente do cristianismo, podemos eleger os luteranos, anglicanos, batistas, presbiterianos ou reformados, metodistas e congregacionais – além de outros grupos, que mantêm em parte a herança dos reformados radicais.

Em poucas palavras, podemos entender “denominação” como os diferentes grupos razoavelmente independentes que se formaram no seio do cristianismo a partir da Reforma Protestante, compondo um quadro heterogêneo e múltiplo da religião.

3.2 Uma breve história do denominacionalismo

Um clássico da literatura religiosa e da teologia, *As Origens Sociais das Denominações Cristãs* (1992), de Richard Niebuhr¹⁸, aborda historicamente a construção das diferentes identidades cristãs e protestantes, relacionando-as com o seu tempo e o seu espaço, delineando com clareza o *ethos* de cada denominação. A partir dele, pretendemos ilustrar como a construção desses *ethos* dentro do cristianismo é múltiplo e marcado por rupturas históricas, bem como entender que, entre essas diferentes formas de adorar a Deus e espalhar o evangelho de Cristo, existe um terreno em comum entre todas elas: o denominacionalismo religioso, a diferença que une esses diferentes grupos.

Antes de entrar propriamente na obra, gostaríamos de alertar que, claramente insatisfeito com as múltiplas divisões do cristianismo, o autor, platonicamente, entende que existe uma forma pura da religião cristã, abstrata e absoluta, que nunca existiu na história mas, em algum lugar antes de tudo isso, existiu – platonicamente, portanto. Dessa forma, poderemos perceber, nos trechos citados, forte influência dessa insatisfação e desse platonismo, mas em nada acarretará na seriedade de sua análise histórica – e nem da nossa, com sorte.

“o cristianismo tem frequentemente obtido aparente sucesso ao ignorar os preceitos de seu fundador. Como instituição interessada em autopreservar-se e em ganhar poder, a Igreja tem às vezes

¹⁸ Considerado um dos maiores teólogos cristãos do século XX, Richard Niebuhr (1894-1962) nasceu no Missouri, EUA, e publicou livros importantes para o desenvolvimento da teologia, como *Cristo e Cultura*, *O Eu Responsável* e *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*.

achado a mensagem da cruz tão impropria quanto tem achado grupos nacionais e econômicos. [...] Essa tendência para a concessão, que caracteriza toda a história da Igreja, não é mais difícil de entender do que a semelhante e inevitável inclinação pela qual cada cristão adapta individualmente as exigências do Evangelho às necessidades da existência tanto no corpo quanto na sociedade.” (NIEBUHR, 1992).

Dessa forma, o que falamos a pouco fica claro: por mais que seja uma característica presente em toda história da religião, a de adaptar-se as condições de vida, cultura e sociedade de onde se desenvolve (o que ele chama de “concessão”), isso não caracteriza sua essência, mas apenas um desdobramento, um desvio, uma concessão. Existe o cristianismo de verdade, o de Cristo, e o cristianismo do mundo sensível (PLATÃO, 2019).

Deixando transparecer, ainda, essa insatisfação (que entendemos ser possível filtrar), ele define assim o denominacionalismo, ou a tendência – teologicamente sustentada – que o cristianismo tem de se dividir em “sub-grupos”:

“o denominacionalismo é, na Igreja cristã, essa hipocrisia inconfessada. Aceitam-se levemente conluios entre o cristianismo e o mundo. [...] Representa a acomodação do cristianismo ao sistema de castas da sociedade humana. [...] A divisão das igrejas segue de perto a divisão social em castas de grupos sociais, nacionais, raciais e econômicos. [...] Faz ricos e pobres sentarem separados à mesa do Senhor, onde os afortunados desfrutam da abundância que granjearam enquanto os outros se alimentam das migalhas de sua pobreza.” (NIEBUHR, 1992).

Fica claro, então, o que Niebuhr quer dizer: o denominacionalismo, ou a tendência da “divisão”, nasce no momento em que o cristianismo adentra à modernidade, misturando-se com a multiplicidade social que vem com ela. Moralidade que se adequa a todo tipo de injustiça e hierarquização da comunidade, o cristianismo, ele também, serve como instrumento de divisão, separação e injustiça ao ceder-se ao mundo – algo que, em sua opinião, contraria os primeiros ensinamentos da religião.

Alertando para o que ele chama de fracasso ético da igreja dividida (e essas divisões, então, são as denominações), o autor entende que

“o preconceito racial do sistema de castas expresso, por um lado, na exclusão de orientais dos privilégios desfrutados pelos grupos raciais ocidentais e nas limitações sociais e políticas dos negros e, por outro lado, nos repulsivos louvores as superiores qualidades das tribos nórdicas, parece não menos contrário aos ideias do Nazareno e ao espírito da comunidade que ele fundou. Mas o mundo cético nota, divertido quando irreverente e desesperado quando na busca de uma

palavra salvadora, que a organização que louva mais alto a fraternidade e critica mais intensamente discriminações de raça e de classe é, em outros âmbitos, o grupo mais desunido de todos, que alimenta em sua própria estrutura o mesmo espírito de divisão que condena em outras relações.” (NIEBUHR, 1992).

Fica claro, assim, a incompatibilidade ética – ou o fracasso, segundo ele – entre a mensagem original de Cristo e o que a igreja – mesmo antes da Reforma e das denominações – fez com essa palavra, adaptando-a ao mundo verdadeiro, real, das divisões e das injustiças sociais. Acrescentando outra crítica a esse raciocínio, ainda aponta a incapacidade do cristianismo olhar para si, “o grupo mais desunido de todos”, nos momentos de condenação e reprovação da desunião do mundo afora. Niebuhr que, da mesma forma que o mundo é um lugar de divisão e desunião, assim também o é o cristianismo em seu seio – algo que não deveria acontecer, dada a missão original de seu messias, Jesus Cristo.

Essa incompatibilidade ética, para ele, pode ser entendida num jogo de oposição entre duas: a ética religiosa, e a ética de classes, como podemos perceber aqui:

“O denominacionalismo origina a fraqueza moral do cristianismo não só por dividi-lo e exaurir suas energias, mas principalmente porque a ética de castas acaba com a ética da fraternidade. [...] A ética especificamente cristã é levada a enfraquecer-se nos bastidores, enquanto a ética das classes sociais assume seu lugar, exceto, na verdade, quando é possível reinterpretar o ideal cristão de tal maneira que fique demonstrado seu inteiro acordo com a moralidade social.” (NIEBUHR, 1992).

Cristão que é, Niebuhr, isso fica claro, ressentido-se dessa “dominação” da ética cristã pela ética social, ou ética de classes, que marca o crescimento do denominacionalismo dentro da sua religião. Na construção desse cristianismo universal, platônico e unificado, as igrejas, em sua opinião, são ineficazes justamente porque perderam essa luta contra a moral “secular”, das classes, dos estados nacionais e da política.

Citando o exemplo da crise escravista nos EUA para ilustrar o que está tentando dizer, ele comenta:

“o metodismo sempre incluiu, desde o início, certas doutrinas antiescravistas em sua plataforma, muito embora até Whitefiel tenha apoiado a intenção de eliminar na Constituição da Geórgia a proibição da escravatura. Quando o metodismo tornou-se Igreja de senhores de escravos e comerciantes pobres, logo dividiu-se nas igrejas do Norte e do Sul, apesar da eliminação gradual da cláusula

antiescravista do antigo programa destinar-se à preservação da paz às expensas do princípio. O mesmo aconteceu com batistas e presbiterianos. De novo os interesses econômicos de classe submeteram à sua vontade a ética da igreja cristã, que foi incapaz de dizer a palavra certa sobre o problema da escravidão. Quando o conflito irreprimível recaiu sobre as diversas denominações, como era de se esperar, elas se revelaram porta-vozes dos grupos econômicos e dos locais que representavam.” (NIEBUHR, 1992).

Se, até então, ainda não havíamos exprimidos com clareza e objetividade do que se tratava essa “luta” entre ética de classe e ética religiosa, aqui, com o exemplo da escravidão nos EUA, a questão fica clara: a igreja cristã, em suas diferentes denominações, através de seus pastores, líderes e porta-vozes, escolheram a defesa desse sistema injusto e sanguinário, direcionado contra etnias específicas, para sustentar seu lugar nas classes sociais em que estavam – ao invés de interpretar o problema com a leitura de Cristo e, assim, condená-lo.

Podemos perceber, também, aqui, mas sem se alongar na percepção, uma permanência histórica: não é de hoje, em tempos de forte destaque para o bolsonarismo dentro do mundo cristão e evangélico, que a relação entre essa ética cristã pura e essa ética social, política, mantêm, entre elas, uma relação criticável. Desde o século XIX, com o tema da escravidão, há essa discordância dentro do cristianismo, entre o que defender e o que condenar, em como interpretar tanto a sua própria ética e sua própria fé quanto, por outro lado, o mundo que nos rodeia, os acontecimentos sociais que nos envolvem.

Voltando ao autor, Niebuhr, a respeito dessa relação entre as denominações do cristianismo e o espectro social e divisório que a circunscreve, bate o martelo:

“Cada grupo religioso dá expressão ao código que forma a moral das classes políticas ou econômicas que representa. Elas funcionam como instituições políticas e de classe, não como igrejas cristãs.

[...] Quase sempre e em quase todos os lugares nos tempos modernos as igrejas tem representado muito mais a ética das classes e das nações que a moralidade cristã.

[...] Isso é assim porque as denominações, igrejas e seitas são grupos sociológicos que baseiam suas diferenças nos compromissos assumidos com castas e classes sociais. Não é que tenham propósitos religiosos. O fato é que acomodam a religião ao sistema de classes e castas. Simbolizam, portanto, a vitória do mundo sobre a Igreja; da secularização do cristianismo e demonstram a aprovação das igrejas ao divisionismo que o próprio Evangelho das igrejas sempre condenou.

O denominacionalismo representa, assim, o fracasso moral do cristianismo.” (NIEBUHR, 1992).

Enfático, como que batendo o martelo, a lá Nietzsche, Niebuhr entende que, nessa contenda entre éticas, a cristã e a mundana, aquela foi vencida por essa, absolutamente assimilada pelos interesses econômicos, políticos e sociais de grupos, classes, empresas – ou toda sorte de conjuntos dotados de uma representação sociopolítica e algum interesse nos processos sociais. Entendendo que essa luta se dá na era moderna, a partir da democratização dos estados nacionais e a multiplicação dos espaços sociais na Europa e no mundo, a responsabilidade, então, recai sobre aquela tendência da religião crista desse período, ou a era das denominações, como já dissemos antes: o denominacionalismo.

Outro ponto importante entre os pressupostos da obra, além da perspectiva das contendas éticas e o fracasso da ética cristã, é o fundamento de análise de Niebuhr. Entendendo que, mesmo em seu âmago, essas denominações não guardam mais somente a ética cristã, mas uma adaptação da ética cristã às suas condições sociais do momento, ele entende que também a análise dessas denominações não pode cair no erro de ignorar suas condições materiais de existência e desenvolvimento (MARX; ENGELS, 1989), fazendo lembrar o sentido marxiano – mas sem citá-lo.

“não é possível reduzir todas as opiniões religiosas e ideias à categoria da racionalização, isto é, explica-las como resultados da tendência humana universal para encontrar razões aparentemente defensáveis para práticas que nada têm a ver com razões alegadas. A psicologia, que considera toda atividade intelectual mero processo de racionalização, mostra-se demasiadamente unilateral. Apesar disso, é evidente que muitas opiniões ou crenças não passam de racionalizações e que as razões dadas para determinarmos atos estão frequentemente longe do motivo inspirador. O que ocorre com muitas plataformas políticas e, ao mesmo tempo, com diversas opiniões teológicas. As ideias que não cabem na definição de racionalização, no sentido que adotamos aqui, são evidentemente de caráter secundário, e refletem intelectualmente certas condições sociais, culturais e religiosas fundamentais. Exemplo óbvio desta relação entre ideias e condições sociais subjacentes encontra-se na atitude dos cristãos face a instituições como propriedade privada, democracia e escravidão.” (NIEBUHR, 1992).

Numa análise extremamente materialista e quase marxiana, Niebuhr leva em consideração, em razoável seriedade, em outras palavras, o espaço e o tempo onde se desenvolvem e nascem cada denominação, cada igreja, para, assim, tentar entender a sua psicologia, seu modo de pensar e agir em sociedade e, em última instância, sua ética, seu *ethos* denominacional. Entendendo que, na modernidade, essas denominações existem justamente por causa das condições materiais,

espaciais e temporais de existência assim propiciaram para que fosse empreender um estudo dessa ética sem levar em consideração essa camada determinista de suas formações seria um erro considerável. É na relação entre ideologia e mundo, entre fé e materialidade, que se desenvolve a ética as múltiplas denominações – e perceber isso é fundamental tanto para seu estudo quanto para qualquer estudo de religiões. Por mais que, platônico, se ressinta desse fato, Niebuhr sabe que a Igreja *está no mundo* – no sentido mais forte dessa expressão. E ele segue:

“o que é verdade em ética e política também é verdade em teologia. Menos diretamente, mas não menos efetivamente, as opiniões teológicas tem suas raízes na reação entre a vida religiosa e as condições culturais e políticas prevalecentes em qualquer outro grupo cristão. Isto não ignifica que a interpretação econômica ou puramente política da teologia se justifique, mas que a vida religiosa é tão entrelaçada com as circunstâncias sociais que a formulação da teologia é necessariamente condicionada por elas. Onde a teologia é considerada somente a partir do ponto de vista ideológico, perde-se a visão das verdadeiras condições que influenciam a diversidade de e suas formas, e as diferenças são explicadas em bases intelectualmente capciosas sem levar em conta as razões fundamentais dessa variação. [...] Considerando a teologia deste ponto de vista, descobrir-se-á como as exigências da disciplina da Igreja, as demandas da psicologia racional o feito da tradição social, a influência da herança cultural e o peso dos interesses econômicos desempenham seu papel na definição da verdade religiosa.” (NIEBUHR, 1992).

As razões fundamentais da pluralidade de teologias e denominações, em sua opinião, são as condições materiais de existência, o mundo verdadeiro. Ainda que, enquanto fiel, Niebuhr se ressinta do “fracasso” do cristianismo unificado, universal e essencialmente platônico, enquanto estudioso, enquanto analista histórico das denominações, ele entende que levar em considerações as diferentes condições sociais, os diferentes espaços que envolvem cada denominação em cada momento da história, é peça chave para a compreensão de sua própria teologia.

Sua análise, então, essencialmente relacional e materialista, entende que é nesse jogo entre o exógeno (o mundo) e o endógeno (a teologia pura) que uma igreja cristã, uma denominação cristã, existe e pode existir – inscrevendo-se no tempo, tal como fizeram as ondas pentecostais, os batistas nacionais e, aqui referenciada com mais atenção, assim como faz a IBA e suas igrejas relacionadas.

No nosso entendimento, fazer a crítica ao seu ressentimento é necessário pois ressentir-se de um cristianismo uno, absoluto, ideal e puro é se ressentir-se do fato de uma cultura europeia católica, cristã, absoluta e incontestável – sem brechas para

nada, nem para cismas, concessões ou sincretismos com outras culturas e outros locais – não existir em território europeu, em território ameríndio, em território africano, em território asiático ou, resumindo, não existir de forma única no mundo inteiro, em todas as culturas, em todos os tempos, em todos os espaços – algo que, no seu modo de ver, era o propósito do Nazareno. Niebuhr, sem perceber, concebe o mundo ideal como um mundo essencialmente colonizado, platônico e eurocêntrico – algo que não nos alongaremos aqui.

Feita essa crítica, essa pequena crítica, na verdade, podemos, então, nos contentar com a parte útil para nós de sua obra, que é a novidade de empreender seu estudo a partir de uma perspectiva materialista, relacional, tanto quase marxiana quanto quase bourdiana, mesmo sem referenciar esses dois grandes autores das ciências sociais.

A importância de Niebuhr, então, para o que essa pesquisa se pretende, é atestar aquilo que queremos: como que a igreja e as denominações, há muito tempo e atualmente, se inscrevem no tempo e no tecido social, transformando-se em coisas outras, assimilando práticas de diferentes campos sociais e diferentes denominações religiosas, não necessariamente de forma linear e calculada mas, na verdade, mais por acaso que por intenção e, no acompanhar dessas transformações, desgastando mais e mais seu *ethos* denominacional (que, como vimos, desde o começo não é puro, absoluto, racional, mas essencialmente mundano e mutável), se movimentando de acordo com interesses, estratégias, planos e éticas outras – sejam elas teológicas, endógenas, ou mundanas, políticas, econômicas etc.

Entendemos, assim, que Niebuhr estende para trás esse mesmo fenômeno que, nos capítulos anteriores, nos esforçamos em compreender: a transformação social e teológica de uma igreja local mas global, específica mas sintomática. Mesmo que discordando do que se desenrolava no tecido da história, Niebuhr mostra sua importância como narrador, como cientista e como estudioso da religião cristã justamente ao mostrar que, de certa forma, aquilo que estamos vendo hoje com o que chamamos de “nova forma de ser igreja” não é exatamente inédito na história do cristianismo, ou pelo menos absolutamente inédito. Aproximações e rupturas, que, como já podemos perceber, são as marcas da história dessa grade religião, também fazem-se presentes na relação da IBA com a construção de outras igrejas denominacionais históricas. Para melhor exemplificar isso, então, essas aproximações entre a fundação e o desenvolvimento da Igreja Batista do Angelim com

a fundação e o desenvolvimento de outras igrejas e denominações na histórias – referenciadas, ainda, por Niebuhr –, agora, brevemente, ilustraremos a história dessas algumas igrejas, no intuito de detalhar as semelhanças que estamos tentando apontar.

3.2.1. Aproximações entre presente e passado

Como sabemos, o pentecostalismo, desde sua origem e de uma maneira geral, cresce em centros urbanos através das camadas mais pobres e marginalizadas da sociedade (GONÇALVES E PEDRA, 2017; MARIANO, 2008; ORO, 2001). No cenário brasileiro, cresce entre os pobres, nas zonas metropolitanas periféricas e rurais (MARIANO, 2008), e também age como um agente transformador, fazendo dessas zonas “terras de ninguém” um lugar mais digno e habitável, em que o trabalho comunitário dentro da igreja proporciona, geralmente, uma melhoria de vida para os cidadãos locais (MAFRA, 2007). Além disso, age, em suas comunidades religiosas, como lugares de apoio para que aqueles sujeitos, por meio da religiosidade, possam conseguir mudanças positivas em suas vidas e, mais que isso, algum tipo de conquista social (GAMA E ALMEIDA, 2015).

Acontece que, nascido do congregacionalismo norte-americano – e, portanto, também do protestantismo –, o pentecostalismo, de uma forma geral, desde suas origens em diante, apresenta características que podemos atestar nas origens de outras denominações cristãs e protestantes, como os anabatistas, metodistas, quacres, milenaristas, antinomianos, seekers e ranters (NIEBUHR, 1992). Essas características, então, ou essas repetições e aproximações históricas, é o que nos esforçaremos a ilustrar a seguir.

“o desenvolvimento da religião dos deserdados é exemplificado não somente pela história das várias seitas do cristianismo, mas pela sua própria origem. O cristianismo começou como religião de pobres, aos quais fora negada a participação na civilização do seu tempo. Não foi um movimento socialista, como alguns pretenderam demonstrar, mas uma revolução religiosa centrada não no paraíso terrestre, mas no culto de Cristo. Foi dirigida aos pobres da terra, aos pescadores e camponeses, aos publicanos e aos párias.” (NIEBUHR, 1992).

O que Niebuhr chama de “religião dos deserdados” nada mais é, na verdade, que o próprio cristianismo. Desde suas origens, desde sua primeira expressão na terra, a religião teve como sua maioria os incultos e os poucos privilegiados que,

dando sentido à própria existência, produziram inúmeras vezes novas formas de praticar o evangelho de Cristo e de adorar a Deus, bem como novas formas de ser igreja, desde o Império Romano até os Estados Unidos do século XX, até o presente.

No contexto da Reforma, a primeira seita de deserdados – ou a primeira denominação protestante – a surgir, em Zurique, é o anabatismo¹⁹, segundo o autor:

“foi um movimento”, assinala, Bax, constituído principalmente pelas classes deserdadas da época: camponeses, artesãos e assalariados urbanos, a cuja situação de opressão econômica e política ela apelava fortemente. Seus interesses éticos se manifestaram não somente nos primeiros movimentos revolucionários, mas – e muito mais – na prática posterior da moralidade pacífica e não resistente, na rejeição do juramento, na recusa de participar em guerras e no governo, na prática da igualdade e da ajuda mútua, bem como no comunismo frequentemente adotado por certos grupos.”
(NIEBUHR, 1992).

O caráter religioso do anabatismo, portanto, evidenciava-se na insistência pela participação voluntária, no batismo de adultos convertidos, na eleição democrática bem como a ordenação de pastores pelas igrejas locais, na pregação leiga e organização congregacional, e especialmente no fenômeno do reavivamento, no emocionalismo do espírito (NIEBUHR, 1992).

No contexto social da Zurique do começo do século XVII, podemos destacar que esses deserdados, como os anabatistas, foram excluídos do protestantismo – que tinha tendências aristocráticas, racionais, intelectualizadas e, assim, crescia na nobreza – e descobriram que essa sua nova situação social era pior que a anterior, com o domínio católico, porque o dualismo da ética social católica privilegiava o espiritual e não primariamente a aristocracia política e econômica, enquanto que a nova fé proclamava que “o asno levará pancadas e o povo será governado pela força” (NIEBUHR, 1992), mostrando, assim, que mesmo nos primeiros anos do movimento reformista essa tendência divisória baseada nas classes econômicas já estava lá, de alguma forma.

¹⁹ O Anabatismo foi um movimento religioso surgido com as Reformas Protestantes do século XVI, inspirado nas ideias de Martinho Lutero, que foram desenvolvidas contra o poder religioso, social e político da Igreja católica. O nome foi em decorrência dos batizados dos anabatistas ocorrerem na fase adulta da vida, escolhendo conscientemente se entregar à religião cristã, em oposição ao ritual católico, por exemplo, em que o batismo é realizado com recém-nascidos. Dentre os pregadores anabatistas os que se destacaram foram Thomas Münzer, Conrad Grebel, Felix Manz, João de Leyde e Nicolau Storch. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/anabatistas-igualdadesocial.htm#:~:text=O%20Anabatismo%20foi%20um%20movimento,e%20pol%C3%ADtico%20da%20Igreja%20cat%C3%B3lica>. Acesso em 22/09/2022.

Saindo da Suíça do século XVII para a Inglaterra, temos o quaquerismo²⁰, que se desenvolve no mesmo período:

“as desordens sociais dos tempos eduardianos, apesar de relacionadas com os acontecimentos do Continente, tinham poucas características religiosas. As massas inglesas permaneciam católicas porque suas necessidades eram aparentemente atendidas de modo adequado pelo ritualismo e pelo imaginário romano. Quando o catolicismo foi extinto no reinado de Elizabeth, o povo descobriu que as reformas moderadas na Igreja Anglicana continuavam a lhes satisfazer. Mas, quando a Reforma afinal se estabeleceu de fato na Inglaterra, despertando as esperanças populares de completa cristianização da sociedade e assumiu as formas intelectuais tipicamente de classe média do puritanismo, tornou-se inevitável a revolta religiosa dos pobres.”
(NIEBUHR, 1992).

Fazendo semelhança com o que houve na Suíça e o anabatismo, essa classe dos “deserdados” ingleses alinhou-se, inicialmente, com os reformadores porque, segundo Niebuhr, esperavam que o movimento conduziria às transformações sociais, econômicas e políticas que eles, necessitados, demandavam, pediam e sonhavam – e que, como logo ficou perceptível, não fazia parte do plano das classes mais privilegiadas, onde a ética protestante luterana, calvinista e presbiteriana era mais assimilada.

Esses – os quacres – continuaram, ainda, por algum tempo sendo a representação do idealismo social das igrejas dos deserdados, por conta do seu amor pela igualdade, pela rejeição da guerra, pela atitude firme à respeito da escravidão, pela produção de sujeitos proto-socialistas que viriam a influenciar outros nomes como, por exemplo, Robert Owen, pelo contínuo apoio às atividades humanas etc. E, assim, como os anabatistas, foram uma religião de pobres que foi reprimida e perseguida pelo estado e pelas classes mais altas, tendo alguns de seus líderes capturados e suas atividades desarticuladas, sofrendo forte rejeição social dentro da Inglaterra – algo que, na opinião do autor, facilitou a formação do quaquerismo enquanto denominação.

²⁰ Quaker (também denominado "quacre" em português) são vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. A denominação quaker é chamada de quaquerismo, Sociedade Religiosa dos Amigos (em inglês: Religious Society of Friends), ou simplesmente Sociedade dos Amigos ou Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade, rejeitando qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática activa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. Estima-se que haja 360 mil quakers no mundo, sendo o Quênia, na África, o local que possui a maior comunidade quaker. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quaker>. Acesso em: 22/09/2022.

No século XVIII, na mesma Inglaterra – cada vez mais industrializada –, vemos nascer, então, a última das três denominações protestantes aqui destacadas, o metodismo de John Wesley²¹:

“em seu *Conelho ao Povo Chamado Metodista* o próprio John Wesley diz aos seus seguidores que eles ‘têm sido até agora, e ainda continuam, sem poder (porque vocês são um povo fraco e insignificante), sem riquezas (vocês são pobres quase sem exceção, tendo pouco mais que o necessário para a vida), e sem nenhum dos dons extraordinários da natureza ou a vantagem da educação, sendo a maioria mesmos dos seus professores sem preparo e (entre outras coisas) ignorantes’. Os adversários do movimento frequentemente pareciam pensar que o maior argumento contra ele é que era composto por ‘gentalha’, por ‘pessoas do mais baixo estrato, na maioria analfabetas e desesperadas’, enquanto seus líderes eram chamados de ‘cabeças e mentores espirituais de sapateiros exaltados.’” (NIEBUHR, 1992).

A denominação, que começou como movimento, encontrou entre as pessoas que se reuniam na Fundação, em Londres, todos pertencentes à classe mais baixa, bem como entre os Tecelões de Bristol, mineiros de Kingswood, mineradores e transportadores de carvão da Cornualha, Staffordshire e Gales (NIEBUHR, 1992), a maior parte dos seus fiéis e convertidos, expandindo-se, assim, pelo estrato mais baixo, na Inglaterra pós primeira revolução industrial.

Além de suas origens e as ocupações de seus fiéis, os traços teológicos e ideológicos do metodismo também marcavam-na como igreja de pobres: seu emocionalismo, marca que vemos tanto no anabatismo quanto no quaquerismo, fez com que fosse rejeitada pelas classes mais altas e cobiçada pelas classes mais baixas, que buscavam salvação em vida, a quem, nas palavras de Niebuhr, “a religião precisava significar mais do que prudentes conselhos de fé e racional” (NIEBUHR, 1992, p. 45).

Esse emocionalismo, que caracteriza a experiência direta do fiel para com Deus, Niebuhr entende que, como fator psicológico, oferecia às pessoas um escape

²¹ Os metodistas são cristãos que surgiram de um movimento na Inglaterra no séc. XVII, XVIII, no período da revolução industrial, no qual um líder, professor de teologia da Universidade de Oxford, John Wesley, percebeu o alto índice de desemprego e o alcoolismo como algo extremamente marcante. Disponível em: https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=188#:~:text=Os%20metodistas%20s%C3%A3o%20crist%C3%A3os%20que,alcoolismo%20como%20algo%20extremamente%20marcante. Acesso em: 22/09/2022.

de suas vidas duras, enfadonhas e laborais, preenchendo um vazio, um vácuo deixado pela pobreza. A respeito disso, ele comenta:

“[...] havia algo de extremamente repulsivo nas lágrimas (do pregador metodista), gemidos e exclamações amorosas, na vulgar familiaridade antropomórfica, no forte dogmatismo com que lidava com as coisas mais sagradas, na estreiteza de compreensão da vida e na total insensibilidade às influências que a ampliam e a embelezam, no misto de credulidade e autoconfiança com que ele imaginava o curso da natureza e alterando-se segundo suas conveniências. Mas, as mesmas qualidades que prejudicavam sua influência numa esfera ajudavam-no em outra. Suas orações e exortações exaltadas comoviam os corações de multidões até então indiferentes em face de pregadores tradicionais. A atmosfera sobrenatural de milagre, decisões e inspirações em que se movia envolvia a vida mais prosaica numa aréola de aventura. As doutrinas que ensinava, a visão da vida que inculcava, tornavam-no capaz de excitar nas grandes massas um entusiasmo piedoso dificilmente ultrapassado nos primeiros tempos do cristianismo, capaz de erradicar inveterados vícios e de ajustar e direcionar natureza impulsivas e rebeldes ameaçadas de deterioração completa. A eficácia moral desta religião emocional constituía, é claro, sua característica mais significativa.” (NIEBUHR, 1992)

No entendimento do autor, portanto, o sucesso do metodismo na Inglaterra pós industrial é justamente o fato de dar alguma vazão para a carga emocional de cada fiel pobre e desprivilegiado socialmente, que usa toda essa energia para adorar a Deus de forma corpórea, com gemidos, danças, lágrimas, exclamações e gritos – outros comportamentos que, como já vimos, iriam marcar forma que o fiel pentecostal se relaciona com Deus nesses momentos de experiência direta. Se essa tendência encontrava resistência por parte das classes mais altas, cultas, racionais, humanistas e eruditas, entre os mais pobres ela encontrava o terreno ideal para seu crescimento.

Dessa maneira, a partir dos relatos a respeito dos metodistas, dos quakres e dos anabatistas, podemos, assim como Niebuhr estabelece, que essas várias divisões e subdivisões dentro das igrejas cristãs são ocasionadas menos pelo interesse religioso e teológico humano que por determinações sociais dos fatores econômicos e políticos, que circunscrevem a religião – algo que, como mostramos com a IBA e suas redes de relacionamento, marca a relação do cristianismo com a sociedade na contemporaneidade.

De certa forma, arrisca Niebuhr (1992), certa fase da história do denominacionalismo, essa entre os séculos XVI E XVIII, revela-se como história dos pobres religiosamente desprezados que, como dito acima, modelam um novo tipo de

cristianismo correspondente às suas próprias necessidades, que ascendem na escala econômica sob a influência da disciplina religiosa.

Outro ponto relevante que podemos chegar a algum consenso é que movimentos religiosos criativos e transformadores, que geralmente mudam o curso do desenvolvimento do cristianismo, geram-se no seio dos estratos mais baixos da sociedade, entre os pobres e desprezados. Somente nesses lugares, afirma Niebuhr, pode-se encontrar a imaginação reprimida, a simplicidade da vida emocional, o pensamento de caráter irrefletido, a espontaneidade do vigor e a força veemente da necessidade, de onde brotam a fé incondicional na revelação divina, a inocência da plena submissão e intransigência da certeza (NIEBUHR, 1992).

As mesmas condições sociais europeias, portanto, que precederam o surgimento do socialismo, do anarquismo, das Primavera dos Povos e de toda sorte de movimentos revolucionários organizados que transformaram para sempre a história da humanidade, são as condições, na leitura do autor, que produziram o pano de fundo e sustentaram as bases materiais das revoluções religiosas dos nos séculos anteriores, entre o XVI e o XVII. Esses pobres e marginalizados eram excluídos de igrejas intelectualizadas e frias, eticamente rígidas e neutras, além de social e economicamente aristocráticas e privilegiadas – coisas que, pelas mesmas determinações sociais, não faziam parte do seu mundo.

O mesmo podemos fazer com seus líderes, não apenas com seus fiéis: Pr. Joaquim, como já falamos, um típico *outsider* no sentido elisiano (ELIAS, 2000) não é um pastor com estudo formal nem seminarista, mas um homem convertido numa quinta-feira de cinzas que, impulsionado pela vontade e pelo espírito, consegue fundar uma igreja e construir uma instituição sólida. Assim, por exemplo, eram os líderes anabatistas, quakres, metodistas e de outros movimentos deserdados: liderados por sujeitos iletrados, “ignorantes”, desprovidos de estudo formal que, na tentativa de dar sentido à sua dura vida, viam na religião uma maneira de organizar sua vida socialmente.

Podemos perceber, dessa forma, como a origem do pentecostalismo e as diferentes ramificações que dele saíram mostram processos muito semelhantes aos citados acima com algumas outras denominações protestantes, ilustrando o que, desde o início, tentamos mostrar: as aproximações e as repetições entre essas diferentes histórias.

Quanto à IBA – que, desde o começo, entendemos que se aproxima das características das denominações pentecostais, mas sem se *pentecotalizar* –, percebe-se, cruzando essas histórias com o que já relatamos nos capítulos anteriores a respeito do nosso objeto de estudo, algumas outras repetições e aproximações: lembramos que o Angelim, localizado às margens da Jerônimo de Albuquerque, é um bairro de classe majoritariamente trabalhadora, construído para abrigar operários industriais e, em seus entornos, é ladeado por bairros de ocupação espontânea, a maioria de pessoas vindas do interior, todas também da classe trabalhadora e mais baixa.

Quando, por exemplo, o Pr. Joaquim lembra da primeira visita de um ministro norte-americano e o primeiro grande evento sediado pela IBA, ele nos disse:

“[...] Aqui era [um bairro] de pessoas muito pobres, o Angelim era um bairro muito humilde, cercado de invasões, Piquizero, Novo Angelim, Pão de Açúcar que recebeu um ministério americano com uma equipe de dezesseis pessoas.”

Ainda hoje, quase trinta anos depois da fundação da igreja e sendo ela visitada por todas as classes da cidade, podemos ver fiéis que vão aos cultos a pé, caminhando dos bairros adjacentes ou, para aqueles que moram longe, em outros bairros periféricos, a igreja disponibiliza uma rede de ônibus que os buscam nesses locais e os levam para a igreja, enfileirando-se no estacionamento improvisado na praça do bairro. Vemos, assim, ainda que de forma sutil, uma outra aproximação.

Exemplificando, também, elementos endógenos e teológicos, do domínio da adoração e não institucional, podemos lembrar da fala do Pr. Joaquim a respeito a prática da fé dentro da igreja:

“[...] escandalizou muita gente porque eles vieram com outro tipo de música, muita liberdade, eles quebraram toda a liturgia, o povo no chão rolando, manifestações. [...] Era a igreja do cai-cai, era não sei o quê... se eu não tivesse muita convicção no valor daquilo que a gente tinha vivido eu teria aberto mão, porque a pressão foi muito grande. [...]”

Fortemente influenciada pelas expressões corporais, pelo uso dos dons espirituais, pela experiência direta com Deus e, sobretudo, pelo emocionalismo (que vai distinguir, como vimos, todas as denominações dos deserdados no protestantismo e, depois disso, o próprio pentecostalismo), a IBA nas diferentes assimilações que

empreendeu durante seu desenvolvimento, também vê seus fiéis, em momento de culto, caírem no chão, falarem em línguas, pularem, dançarem e expressarem, através do corpo e da emoção – ou através do fogo do espírito santo, como eles falam –, a sua fé cristã renovada – algo que já caracterizamos, no capítulo anterior.

Se, no seu período de formação e desenvolvimento, essas denominações cristãs, alimentadas pelo emocionalismo e pela informalidade, romperam com as estruturas reificadas do seu tempo e do seu espaço, assim, entendemos, o fez o pentecostalismo, o neopentecotalismo e, também, assim o fez – e ainda o faz - a IBA com as estruturas eclesiais que a rodeia, nesse jogo movimentado de aproximações e rupturas com o passado das várias denominações cristãs.

3.3 A perspectiva denominacional dentro da academia

Como já dito durante as páginas anteriores, no nosso modo de entender o campo de pesquisa religiosa no Brasil, sobretudo o campo de pesquisa que se debruça sobre os evangélicos contemporâneos, existe uma cisma, uma insistência em abordar essa identidade, esse *ethos* – se é que podemos falar em algo tão homogêneo dentro de uma identidade tão diversa – a partir da perspectiva denominacional, algo que, como também já mostramos, sequer faz sentido para alguns expoentes desse novo evangelho.

Para além desse denominacionalismo religioso, ou denominacionalismo usual, abordado e descrito nas páginas anteriores, entendemos que, dentro da academia e da pesquisa religiosa brasileira, existe um outro tipo de denominacionalismo: um denominacionalismo acadêmico, uma perspectiva, uma forma de abordar o cristianismo no Brasil profundamente enraizada no denominacionalismo religioso.

Em resumo, é uma perspectiva que, analisando e enxergando o cenário cristão brasileiro, só vê denominação e denominacionalismo, entendendo as complexas relações estabelecidas por essas igrejas com uma visão que, presa à tradição denominacional, não deixa espaço para a riqueza de processos que vão compor essas interações.

Dessa forma, como já dissemos nos capítulos anteriores, a composição múltipla do evangélico brasileiro é entendida de forma reducionista, e os diferentes processos que caracterizam essa construção social de uma identidade religiosa são apagados ou, em melhor caso, não são devidamente analisados. Como exemplo

disso, já citamos a utilização dos termos “neopentecostalização” e “pentecostalização” por parte de acadêmicos para nomear aproximações entre protestantes e pentecostais, algo que, no nosso entender, como também já deixamos claro nos capítulos anteriores, é um engano.

Para ilustrar o que estamos tentando dizer, que é o paradigma denominacional dentro dos estudos de religião na academia, não precisamos ir tão longe de onde estamos agora, que é a cidade de São Luís – apesar de que, como veremos a seguir, tenhamos exemplos de outros lugares do Brasil, de uma maneira mais geral e não local.

Antônio Barbosa, pesquisador já referenciado outras vezes no decorrer do presente texto, no seu estudo sobre a nova reforma apostólica e novos discursos e práticas políticas entre os evangélicos no Brasil, em diferentes atesta, claramente, essa perspectiva que, aqui, tentamos superar:

“o fenômeno da pentecostalização compreende a adoção do pentecostalismo por parte de igrejas protestantes tradicionais, ou pelo menos a influência daquele movimento nestas, de modo que a partir de meados do século XX é possível se observar presença de elementos carismáticos na liturgia e práticas religiosas de instituições originalmente não pentecostais.” (BARBOSA, 2017, p.88).

Esses “elementos carismáticos”, anteriormente referenciados no nosso texto, compreendem aqueles que se alimentam do emocionalismo na prática do cristianismo, algo que, como vimos, faz-se presente mesmo em denominações históricas, como o metodismo e o quaquerismo. Quando o autor fala, claramente, em pentecostalização, refere-se, sem deixar dúvidas, à assimilação de uma grande família cristã de outra: protestantes e pentecostais. Por mais que, como mostramos, os elementos carismáticos e emocionais já fizessem parte do protestantismo desde o século XVII, o autor entende que trata-se de uma “pentecostalização”.

“é cedo para se falar em um novo paradigma, para estabelecer nomenclaturas (pós-neopentecostalismo?). Por hora basta afirmarmos que a NRA parece evidenciar uma intensificação do processo de neopentecostalização do campo evangélico brasileiro, isto é, os cristãos cada vez mais interessados neste mundo e, agora, não mais somente em prosperarem em suas vidas pessoais, mas dominarem o mundo civil. Esse é novo sentido da conquista: deixa de ser (como no G12/M12) de almas, indivíduos e passa a ser de cidades, Estados e Nações.” (BARBOSA, 2017, p.188).

Para além da pentecostalização de igrejas protestantes, segundo o autor existe uma aceleração desse processo: a adoção do Modelo G12, já referenciado no capítulo um, seria, em sua opinião, uma catalização do fenômeno de pentecotalização, ou neopentecostalização, de igrejas protestantes históricas. Um processo que não somente existe, mas existe de forma intensa, acelerada.

“com base em nossas leituras sobre o atual campo protestante brasileiro e na nossa experiência de pesquisa, consideramos que as comunidades Batistas na Visão, por nós abordadas neste trabalho, se encontram “neopentecostalizadas”, mesmo pertencendo ao grupo do protestantismo histórico de missão.” (ANDRADE, 2010, p. 15).

Na obra de Eliana Andrade, citada acima, em que a autora tenta dar conta da visão celular no governo dos 12 dentro do cenário das igrejas protestantes baianas, também podemos perceber a permanência dessa perspectiva denominacional acadêmica: a tal “visão”, que é a visão celular anteriormente explicada (em que a IBA, por exemplo, assimila da igreja do Evangelho Pleno de Seul), é vista, aqui, como uma prática essencialmente neopentecostal – e, portanto, também denominacional.

Além disso, podemos perceber a autora falar não somente da cena religiosa no estado da Bahia, mas de todo o campo protestante brasileiro: as igrejas soteropolitanas, então, servem de exemplo, de sintoma para o quadro nacional, onde supostamente as igrejas protestantes estão assimilando práticas de outras denominações e, assim, se neopentecostalizando.

“os novos discursos, práticas e representações surgidos com a fundação destas novas igrejas influenciaram o meio evangélico, provocando mudanças também nos velhos grupos. Para Bastian (2000), nos últimos anos surgiram mais do que novos protestantismos, mas uma “nebulosa de heterodoxias” pentecostais, sincretismos, novos movimentos e uma tendência das igrejas históricas de se “neopentecostalizarem” em busca de técnicas de crescimento exponencial, ocasionando uma explosão nunca antes vista na história religiosa da América Latina. Os novos grupos e seus líderes detêm os meios suficientes para resistir ao tempo e fazer durar seus projetos de autonomia religiosa, como o exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus.” (ANDRADE, 2010, p 53).

As diferentes transformações no cenário evangelho nacional, elaboradas e assimiladas pelas igrejas de diversas formas diferentes, como aconteceu na IBA, são interpretadas sobre um único viés: o viés denominacional. O emocionalismo, as “heterodoxias” pentecostais nebulosas, os sincretismos, as adaptações, que são de

toda ordem, recebem o mesmo nome, o mesmo termo que, também como já dissemos, apaga boa parte dos elementos que compõem esses fenômenos: pentecostalização, ou impacto do pentecostalismo sobre o protestantismo.

“a partir dos anos 60, cismas pentecostalizantes (“carismáticos”) surgiram em todas as igrejas históricas. Contudo, estes representaram não a descida das igrejas históricas para as massas brasileiras, mas a subida e adequação do fenômeno pentecostal a novos níveis sociais”.²²

Aqui, Leando Seawright, na sua pesquisa a respeito da CBN na década de sessenta, referencia um importante autor nacional, Paul Freston, para ilustrar assimilação, por parte de igrejas protestantes, de elementos que, ao ver dos dois, são pentecostais. Trata-se, outra vez, de elementos carismáticos, que se relacionam com o emocionalismo na prática do evangelho de Cristo, como o foco nos dons do Espírito, o falar em línguas, o fogo e o cair, coisas que, anteriormente, quando tratamos da ruptura da igreja de Lagoinhas com a CBB, a construção da CBN e, mais recentemente, a ruptura da IBA com essa última convenção. Ao que parece, na mesma velocidade que o protestantismo gera novos e novos cismas, novos emocionalismos, ele também reifica os antigos, gerando barreiras e resistências para aqueles que se seguem – e essa perspectiva acadêmica essencialmente denominacional, por partir desse pressuposto, não percebe esse fenômeno.

Mesmo ainda havendo outros exemplos, alguns que, inclusive, já citamos anteriormente no decorrer do texto, percebe-se, sem dificuldade, nesses recortes e casos ilustrativos, o que estamos tentando mostrar: como a perspectiva denominacional, dentro da academia, pode atrapalhar o desenvolvimento da pesquisa, nublando algumas compreensões, desenvolvendo alguns equívocos de estudo e, dessa forma, dificultando ainda mais a construção desse entendimento geral que podemos – e queremos – ter sobre o cristianismo contemporâneo e o tal evangelismo brasileiro. Partir da perspectiva denominacional, ao nosso ver, faz da nossa subida de Sísifio um caminho ainda mais pedregoso, íngreme, que com mais facilidade parece ver sua pedra voltar de onde saiu.

²² SEAWRIGHT, Leando. Poder e experiência religiosa: uma história de um cisma pentecostal na convenção batista brasileira na década de 1960. Dissertação de Mestrado; Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, 2008, p. 29. Apud. FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment, p. 264.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossa pesquisa, colocamos em hipótese e como alvo a tentativa de superar esse paradigma denominacional dentro da academia através da metodologia conectada, que abre caminho para entendermos como essas igrejas se relacionam globalmente de forma diversa, estratégica mas imprevisivelmente, se conectando e se relacionando no tempo em que se inscrevem, sem dar-se conta das suas supostas obrigações com os diferentes *ethos* denominacionais – algo que, na maioria das vezes, sequer faz algum sentido para esses agentes, para esses pastores alheios ao vocabulário denominacional.

Almejamos, então, não compreender nosso objeto de estudo – os batistas nacionais que se relacionam globalmente – partindo de um pressuposto, de um arcabouço de ideias que lhes é absolutamente estranho e alheio, como que tentando encaixar esse objeto de estudo dentro de metodologias e perspectivas que não lhe são compatíveis e suficientes – algo, ao nosso ver, bastante prejudicial para uma pesquisa séria.

Saindo por essa tangente, então, entre o isso e o aquilo, pretendemos superar esse paradigma denominacional dentro da academia e, assim, acomodar melhor a abordagem científica com esse objeto de estudo que, como também mostramos, tanto tem preocupado os cientistas brasileiros, entregando uma modesta contribuição para esse debate tão amplo que se move e se complexifica cada dia mais.

Adequando o método ao objeto, como entendemos que deve ser, nos esforçamos em evitar os vícios dos termos “pentecostalização” ou “neopentecostalização”, algo que nublará ainda mais nosso empreendimento científico. Objeto que, como mostramos no início, nos obriga a olhá-lo globalmente, relacionando-o com diferentes fenômenos extra-nacionais, o crescimento histórico da IBA, se visto através da lente denominacional, cairia, como caíram outros estudos, em uma explicação mais restrita, quase rasa, que não daria conta da amplitude e da complexidade das suas relações.

Expressão de um evangelismo que se anuncia novo e “do futuro”, a partir do fenômeno da IBA podemos compreender um pouco mais desse cenário que, como vemos nas diferentes pesquisas, segue preocupando cientistas sociais, historiadores, filósofos, teólogos e toda sorte de interessados.

A partir daí, então, dessas modestas respostas que acreditamos ter encontrado nessas páginas, entendemos ser possível responder à seguinte pergunta, no futuro: se não mais o *ethos* denominacional orienta essas igrejas, que *ethos*, afinal, orienta? Se essa forma de ser igreja não existe mais, que nova forma é essa anunciada por seus representantes?

REFERÊNCIAS

ACCO, Marco. **Os Estados, o sistema-mundo capitalista e o sistema interestatal: uma leitura crítica das contribuições de Immanuel Wallerstein**. Revista de Economia Política, vol. 38, nº 4 (153), pp. 708-730, outubro-dezembro/2018.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses de (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Arte Editorial, 2006.

ANDRADE, Eliana. **A VISÃO CELULAR NO GOVERNO DOS 12: Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008**. Profa. Dra. Miriam Rabelo. Co-orientadora: Profa. Dra. Elizete da Silva. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2010.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do Indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

BARBOSA JUNIOR, Antônio de Oliveira. **A NOVA REFORMA APOSTÓLICA: Um estudo acerca dos novos discursos e práticas políticas observadas entre os Evangélicos no Brasil (1960 – 2015)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão. 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007**. Rever – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, p. 09-47, dez. 2008.

COSTA, Fernando. **O Discurso de Robinson Cavalcanti: Uma contribuição ao debate sobre protestantismo e política no Brasil das décadas de 1970 a 1990**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“VINHO NOVO EM ODRES VELHOS”. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola da Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CURVELO-MATOS, Heloísa. **Topônimos maranhenses: testemunhos de um passado ainda presente**. Prof^a. Dr^aa. Emília Maria Peixoto Farias. 2009. 282. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

FAZIO, Luciana. **MÁS ALLÁ DE UNA SIMPLE BIOGRAFÍA: “EL CASO CERRUTI” UNA HISTORIA CONECTADA Y MULTINIVEL ENLAZADA POR UN “HISTORIADOR ELECTRICISTA”**. Esboços, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 270-289, maio/ago. 2019.

FERGUSON, Sinclair. Wright. David. **Novo Dicionário de Teologia**. Hagnos São Paulo, 2009.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. **A Igreja Universal do Reino de Deus na Europa**. Lusotopie, Paris, v. 1999, n.1, p. 383-404. 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. L&PM. São Paulo, 2010.

GONÇALVES, Rafael; PEDRA, Graciele. **O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença na política**. Diversidade Religiosa, v. 7, p. 69-100, 20. 2017.

GRUZINSKI, Serge. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories***. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome**. L&PM. São Paulo, 2009.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAFRA, Clara. **Casa dos Homens, Casa de Deus**. Analise Social, Lisboa, v. 42, n. 182, p. 145-161. 2007.

MARIANO, Ricardo. **Sociologia do crescimento pentecostal do Brasil: um balanço**. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fenômenos internos**. Revista de Estudos da Religião. São Paulo, p. 68-95, dez. 2008.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A HISTÓRIA GLOBAL DA ESCRAVIDÃO ATLÂNTICA: BALANÇO E PERSPECTIVAS**. Esboços, Florianópolis, v. 26, n. 41, p. 14-41, jan./abr., 2019.

KARL, Marx; Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. Boitempo. São Paulo, 2007.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

NIEBUHR, Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. Aste. São Paulo, 1992.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo: dinheiro e magia**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis. v. 03, n. 01, p. 71-85, nov. 2001.

ORO, Ari Pedro. **O neopentecostalismo macumbeiro**. Revista USP, São Paulo, v. 68, p. 319-332. 2006.

PLATÃO. **A República**. Edipro. São Paulo, 2019.

REVEL, Jaques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

SILVA, Elizete da. **Os Batistas no Brasil**. In: SANTOS, L. A.; ALMEIDA, V. Fiel é a Palavra: Leituras Históricas dos Evangélicos Protestantes no Brasil. 1ed. Feira de Santana: Editora UEFS, v. 1, p. 283-332. 2011.

SERRA, Maxsandro Pereira. **Entre Conflitos e Mudanças: Uma análise da trajetória da Primeira Igreja Batista Nacional de São Luís (1970-2002)**. 2009. Monografia (Bacharelado em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. 2009.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As Outras Faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira**. 1. ed. São Luis: EDUFMA/Edições ABHR, 2006.

SEAWRIGHT, Leandro. **Poder e experiência religiosa: uma história de um cisma pentecostal na convenção batista brasileira na década de 1960**. Dissertação de Mestrado; Universidade Metodista de São Bernardo do Campo, 2008, p. 29. Apud. FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**, p. 264.

SIMÕES, EDUARDO. **Evangelicalismo Latino-Americano: uma perspectiva histórica**. Profa. Dra. Ana Rosa Coclet da Silva. 2016. 115. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **“... nós os batistas...”: um estudo de história das mentalidades**. Salvador: Sagga, 2017.

TOGNINI, Enéas; ALMEIDA, Silas Leite de. 3 ed. **Brasília: Senado Federal, História dos Batistas Nacionais**. Brasília: LERBAN, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **A reestruturação capitalista e o sistema mundial**. Perspectivas, São Paulo, 20/21. 249-267, 1997/1998.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONTES DOCUMENTAIS

IGREJA BATISTA DO ANGELIM. Curso das Águas. São Luís. 2020.

IGREJA BATISTA DO ANGELIM. Escola de Aconselhamento. São Luís. 2020.

IGREJA BATISTA DO ANGELIM. Escola de Líderes. São Luís. 2020.

ANEXO A – ENTREVISTAS

ENTREVISTA – PASTOR JOAQUIM NETO

1. No livro *Ele Vive*, o senhor relata que seu pai era um homem sábio, mas com pouca escolaridade. Qual o grau de escolaridade e as profissões dele e da sua mãe?

R: Realmente, né, meu pai era um homem de muita sabedoria e você sabe que sabedoria não tem a ver com conhecimento, sabedoria é a capacidade de percepção da vida e ele conseguia ter essa visão de futuro e por isso ele foi bem-sucedido na criação dos filhos. Somos uma família de dezessete irmãos, três morreram, somos quatorze irmãos vivos e ele realmente fez um bom trabalho. Você sabe que o quê se requer pra edificar uma família, uma casa ou qualquer coisa na vida é a sabedoria. A primeira profissão do meu pai foi pedreiro, até bem pouco tempo atrás eu tinha a carteira de trabalho dele. Ele trabalhou na construção do hospital Getúlio Vargas e depois ele começou a negociar, foi comerciante, fazendeiro, minha vida toda foi com meu pai comércios e fazenda. Quando morreu ele deixou serrarias, tendo trabalhado mais de quarenta anos com isso, e deixou mais duas fazendas e foi o suficiente para minha mãe terminar de criar os filhos.

2. Então o senhor e seus irmãos são a primeira geração da família a ingressar no ensino superior?

R: Exatamente. Meu pai tinha uma consciência muito grande do valor da educação e ele fez um grande sacrifício para proporcionar uma boa educação pra nós. Tenho dois irmãos que são comerciantes e nunca se interessaram, mas tiveram a oportunidade de fazer um curso superior; as minhas irmãs todas se formaram e são bem sucedidas, graças a Deus. A minha mãe ajudava meu pai no comércio, foi professora de primário num período da vida dela mas ela sempre esteve ao lado do meu pai nos negócios e era bem envolvida nessa atividade. Tendo muitos filhos, naturalmente isso já era uma responsabilidade muito grande que tomava muito tempo, mas era uma mãe maravilhosa que soube dividir a atenção dela com todos e fez um excelente trabalho sendo uma mulher muito humilde, honrada e fiel à família.

3. No livro, o senhor conta um episódio marcante na sua vida, a primeira visita à uma igreja presbiteriana. Qual foi a igreja? Na época, qual a sua idade? Como foi sua participação naquela membresia?

R: Em 1978 eu estava no período de fazer o vestibular. Na minha época, não havia faculdades particulares. Nós tínhamos a UEMA que proporcionava três cursos que eram Engenharia Civil, Agronomia e Administração e tinha a UFMA que possuía um leque maior de opções, e eu optei por fazer Odontologia, o segundo curso mais concorrido na época. Eu fiz um segundo grau muito fraco, e tudo que eu precisava aprender eu aprendi nos cursinhos preparatórios, fui aluno no cursinho de Zé Maria, professor famoso, e ali a gente se preparava pra enfrentar a concorrência que, no meu caso, eram vinte e cinco pessoas para uma vaga. E eu me excedi, né, passei mas entrei num quadro depressivo muito, muito sério. Tinha uma irmã mais nova que estava visitando a Presbiteriana ali na Oswaldo Cruz e ela me convidou para ir um dia e eu fui; lá, eu tive minha primeira experiência, fui discipulado e esse discipulado me ajudou porque trabalhou a minha fé. Eu encontrei na bíblia, em Deus, em Cristo, a fé que eu precisava pra vencer a mim mesmo. Depressão é uma coisa íntima, né, pessoal, que as vezes as pessoas tem apoio lá fora, uma palavra, mas a pessoa tem que construir isso, construir a sua força dentro de você e a fé é tudo. Então eu fiquei seis meses lá e depois me afastei, retornando no ano de 1986.

4. Em 1986 é o ano do episódio do carnaval, quando o senhor vai ao culto na quinta-feira depois das festas?

R: Sim, na igreja do Pastor Oséas, mas quem estava pregando no dia era o pastor Mário. Ele não era nem pastor da igreja, era um evangelista, ele auxiliava lá. E nessa quinta-feira ele pregou e naquela hora aquela palavra encontrou meu coração de uma forma muito tremenda e quando me dei conta eu estava chorando e naquele dia eu dei a resposta. Eu não conhecia o pastor Mário, a minha cunhada estava congregando lá e me fez o convite pra ir numa quinta-feira, meio de semana, e eu fui com a minha esposa. Nessa ocasião eu ouvi a palavra e a palavra encontrou meu coração. Eu já havia tido a primeira experiência na igreja Presbiteriana e ali eu entendi que precisava funcionar. E graças a Deus, a melhor decisão foi consagrar minha vida e minha casa ao Senhor.

5. Após a cirurgia de apendicite, o senhor relata que se dedicou muito ao Evangelho. Na época, qual igreja o senhor visitava? Como foi esse período na sua vida?

R: Sim, em 1987, estava recém convertido. Diferente de como aconteceu na presbiteriana, na minha experiencia na Batista do Bom Milagre eu entendi que mais do que me curar da depressão eu precisava mudar minha vida. E no final do ano de 1987, de novembro pra dezembro, eu tive essa apendicite que é raríssima, difícilíssima de operar, e eu fui operado tendo que ficar oito dias com a barriga aberta, fui ao centro cirúrgico duas vezes e ali realmente eu pus o pé do outro lado, tive parada cardíaca, mas também fiz um voto em relação à minha dedicação. Eu tava recém casado, com as crianças muito novas, e ali eu fiz o voto que se o senhor me desse a oportunidade de vida eu e minha casa serviríamos a ele e foi a partir dali que eu assumi um novo nível de compromisso não só de ser um crente mas estar disponível à me dedicar ao evangelho na Batista do Bom Milagre com o Pastor Oséas Barbosa de Lima. Foi Deus que me tirou dessa situação. Quando eu vim fazer o trabalho aqui no Angelim, eu fiquei oito meses ainda no Bequimão por questão de conveniência, como o Bequimão tava perto daqui e eu tinha alguns amigos lá que se dispuseram a me ajudar aqui eventualmente, então eu achei melhor mudar porque eu morava no Shalom e tinha que ir no Bom Milagre e depois vir pra cá, era complicado. Então eu fiquei oito meses na Batista Nacional do Bequimão até IBA realmente se tornar uma congregação.

6. Em 1991, o senhor batiza no espírito santo na conferência do pastor Dave Robinson. Nessa conferência, havia pastores do mundo todo? Como foi esse contato com o evangelho norte-americano?

R: Isso, no Centro de Cultura Japonesa. Tinha pastores do mundo todo, era uma conferencia grande, o Dave já veio umas três vezes aqui o Brasil e nessa conferência tinha gente do Brasil todo, muitos pastores ali do sudeste que eram conhecidos na época, e a tônica da conferencia era a fé, a oração por cura e tudo isso. O Dave é um pastor muito conhecido nos EUA, lá de Oklahoma, e o foco da mensagem dele é fé e a experiencia pessoal dele, a importância do orar em línguas para a edificação de fé. E eu tinha seis anos já na igreja mas eu era muito racional, na minha adolescência e na segunda juventude eu fazia muitas leituras, era muito questionador, meio filósofo, meio pensador, então eu tinha algumas fortalezas mesmo estando numa igreja muito renovada onde os dons eram ali muito presentes, eu tinha

minhas dificuldades. Mas nesse dia, realmente, foi algo sobrenatural na minha vida que me liberou pro ministério. Eu era uma pessoa muito focada na época, eu tinha uma pequena empresa, duas filiais, uma clínica odontológica, eu trabalhava no serviço público, era muito focado e isso mudou depois da experiência com o espírito santo eu fui liberado. Aquilo que me prendia de uma entrega maior se quebrou naquele dia e eu entrei aqui na loucura, né, muita gente achava que eu tinha ficado realmente louco porque eu era aquele pregador da praça, eu botava a caixinha de som, não tinha ninguém ali e eu pregava, os moradores antigos sabem disso. Eu vim aqui pra um lugar inóspito, horrível, era muito lixo, muito feio esse canto. Então quem me conhecia, o dentista, eu tinha um consultório lá no centro de olhos Afonso Farias, uma clientela boa, então as pessoas que olhavam a situação diziam “que pena, esse rapaz ficou louco mesmo”, as coisas de Deus são assim. Mas se eu não tivesse vivido essa experiência nada disso teria acontecido, pela minha racionalidade, eu não iria fazer isso. Mais ou menos o que acontece com todos, o que aconteceu com Paulo. Ele abriu mão de tudo porque ele teve uma experiência.

7. Esse foi o primeiro contato que o senhor teve com o evangelicalismo norte-americano?

R: Sim, exatamente. O Dave Robinson foi assim a primeira vez que eu participei de uma conferência com um ministro americano. Eu assistia muito Jimmy Swaggart, Billy Graham em vídeos, mas, assim, participando presencialmente foi a primeira vez.

8. Quando o senhor volta do batismo, começa a dar os primeiros passos que o levariam a construir a IBA. Naquele momento, onde o senhor congregava? Quem era o seu pastor? Como o senhor conciliava a sua obra como um pastor iniciante e um discípulo da outra membresia?

R: Sim, exatamente. Na verdade, o Bequimão era congregação, era uma só igreja na ilha sob a presidência do pastor Oséas, todas as demais eram congregação, e depois de alguns anos é que elas foram se emancipando. Então, quem me liberou pra cá foi o pastor Oséas.

9. Nesse mesmo período, o senhor começa a operar com a visão celular dentro dos seus cultos. O senhor se baseou em outras igrejas? Como surgiu essa ideia?

R: Bem, a visão celular nós começamos aqui em 1997. Meu primeiro contato com a visão celular foi com o material da Comunidade de Goiânia, eles tavam muito ligados ao Daniel Ortiz da Argentina, trabalhando como comunidades. Era uma outra forma de ser igreja, saindo das quatro paredes, era enfocando o discipulado, as reuniões em família, eles chamavam grupos familiares mas era célula na essência. 1997 eu fui para a Coreia, fiquei dezesseis dias lá na igreja de Seul, a maior igreja do mundo, e foi impactante, me deu referencias que eu não tinha, imagina eu aqui sem nenhuma formação num canto esquecido desse não sabia nem pra onde ia. Eu tava movido só por aquela fé, aquela paixão, sem ter os caminhos. A Coreia foi uma referencia pra mim. Eu viajei com o pessoal de Lagoinhas, fiz amizade com eles, Neves, Alcione, que eram a equipe que plantou e coordenava o trabalho de célula em Lagoinha e era referencia já naquela época. Era uma grande igreja. E aí eu bebi lá, comecei a usar o material, começar com a liderança, levei grupo de irmãos pra conhecer o trabalho da Lagoinha. E aí em 1999 eu preparei 50 líderes e desses cinquenta eu comecei trinta grupos de crescimento, que a Lagoinha chamava GC, e eu adotei isso aqui. Já no ano de 2000 eu tive contato com o mover de Colômbia, que era o G12, foi quando nós mudamos o nome GC pra célula, apesar de nós nunca termos adotado o modelo mesmo de G12, mas adotamos algumas estratégias que achamos muito válidas. Por exemplo, nossos encontros são maravilhosos, a escola de líderes, algumas coisas que realmente sendo bem aplicadas elas dão resultado. Um exemplo disso foi o resultado que o Angelim adotou, caminhando com equilíbrio, sem descuidar dos princípios, então isso trouxe um ato pra nós muito grande e a partir daí eu comecei a viajar. Estive em El Salvador na igreja do Eli, eu fui à Colômbia também, fiquei lá com a liderança de Bogotá, o pastor Rômulo Talero e Alba, depois tivemos em várias igrejas do Brasil que também estavam em crescimento, mas nunca adotamos um modelo porque nós não acreditamos em modelo, acreditamos em princípios. E aí a coisa foi acontecendo, com muito aprendizado, por um líder não pode se fechar, ele tem que ter humildade pra aprender e reconhecer que tá falhando e que alguém está acertando.

10. Já com a IBA erguida, o senhor nos conta que o pastor Fernando, seu discipulador, realizou o primeiro culto. Onde o senhor era discipulado por ele?

R: Fernando Sifuentes, ele fez a implantação do projeto ALUMAR. Um cristão de verdade, um homem muito inteligente, culto, muito crente, tanto que hoje lidera

uma igreja. E ele cuidou de mim, naquele comecinho lá no Bom Milagre, tinha acabado de chegar aqui e houve uma empatia muito grande, nos tornamos amigos, e ele investiu na nossa vida, comprava os livrinhos de discipulado, a doutrina, e as vezes eu ia pra casa dele ou ele ia pra minha, e quando eu esfriava ou tava fraquejando ele tinha o cuidado de me procurar e falar comigo e me levantar, e é amigo até hoje, teve aí recentemente pregando, é amigo dos meus filhos. Hoje ele lidera uma igreja que tá na Aliança, faz parte da nossa Aliança Global, que é a Casa do Oleiro em Belo Horizonte. Ele foi aquela pessoa que me ajudou nos primeiros passos.

11. Como surgiu a ideia de pintar aquelas várias bandeiras no aprisquinho? Lembro de, quando criança, me fascinar com elas.

R: Essa ideia veio de Lagoinha. Lá, que eu saiba, foi a primeira igreja do Brasil que colocou tantas bandeiras. Lá é em volta dos mezaninos mas, como eu não tinha mezaninos, era só um galpão, então eu mandei fazer as bandeiras e pendurei elas na estrutura do teto e com as reformas não foi possível permanecer com elas.

12. No começo, a igreja se chamava Igreja Batista Nacional do Angelim, mas hoje apenas Igreja Batista Angelim. Como se deu essa mudança? Pode nos falar um pouco mais da sua relação com a CBB e a CBN?

R: Questões ministeriais, né, porque o líder naturalmente tem a responsabilidade de encontrar caminhos pra crescer e muitas vezes dentro do ministério algumas situações dificultam. E eu vinha enfrentando algumas dificuldades pra caminhar naquilo que eu estava vendo, você sabe que as estruturas se tornam conservadoras, elas se fecham, elas criam muros, até o interagir com outros ministérios despertam desconfiança, ciúmes, e a gente sempre quis ser uma igreja aberta, de relacionamento, que a gente aprende com todos, né. E aí eu comecei a sentir alguma dificuldade, mesmo amando e respeitando todos os líderes, quando a IBA tava avançando, esse desligamento foi no ano de 2000. De lá pra cá muita coisa aconteceu, porque destravou aquilo que criava dificuldades com a saída da IBA liberou. Nós começamos a ser uma igreja local com liberdade pra conhecer caminhos, tanto é que isso proporcionou um avanço muito grande no ministério que não seria possível se eu tivesse preso à organização. O próprio sistema estabelece alguns limites, eles são muito convencionais, você tem que fazer parte daquilo. Na realidade todas, não é só a Nacional, se você for pra Brasileira, Presbiteriana, cristã-evangélica,

qualquer denominação, as vezes cria uma dificuldade e eu sempre fui um líder muito aberto pra aprender e pra experimentar novas praticas dentro da igreja. Acho que quem quer crescer tem que ser livre; onde não há liberdade, não há crescimento.

13. Em 1997, o senhor vai à uma conferência internacional em Seul. Poderia nos contar mais sobre esse evento e como ele lhe influenciou?

R: Nós estávamos na Coreia e era a vigésima primeira conferencia de crescimento e igreja. Eu fui na vigésima primeira. Tinham 58 nações e eu tive lá com indiano, ugandense, ganense, Miamar, com gente do Japão, de tudo quanto é lugar. Era algo impactante pra quem veio do MA com uma igreja que tinha cem pessoas, um casebre de oito por quinze, você chegar numa estrutura daquela, tudo excelente, é um choque. Tudo muito grande, organizado, multidões, aquilo foi impactado e voltei com a maior referência de igreja que eu poderia ter no mundo, como aquela experiencia de Abraao quando Deus manda ele sair da tenda. Eu digo referencia não da forma de ser igreja, mesmo que a gente pratique algumas coisas, mas referencia no termo de crescimento, excelência, estrutura, eles tem um trabalho missionário extraordinário ali na Ásia. É a igreja do evangelho pleno de Seul, de David. Hoje ele tá com 81, 82 a nos, na época ele tinha 60. Todo ano ele fazia a conferencia, mas acho que não fazem mais.

14. Em 1996, Dan Duke visita a IBA pela primeira vez. O senhor poderia nos contar mais sobre esse evento? O Fogo e Glória foi o embrião do Adoração Profética?

R: É, através do Fernando Sifuentes eu tomei conhecimento do Dan. Ele veio à Brasília com aquele apóstolo Oriel, da Casa da Benção, e depois ele foi pra BH e o secretário dele no Brasil era casado com a irmã da esposa do pastor Fernando, eram co-conhados, e eu trouxe Fernando pra fazer um retiro aqui e ele me falou desse ministério. Fiquei muito curioso e pedi pra Fernando ver com o Nelson Tristão, que era o secretário, da possibilidade do Dan vir aqui e pra minha surpresa ele aceitou o convite. Mas eu entrei numa grande enrascada porque a nossa igreja não tinha estrutura, eu não tinha recurso, eu não tinha som, eu não tinha nada. Aqui eram de pessoas muito pobres, o Angelim era um bairro muito humilde, cercado de invasões, Piquizero, Novo Angelim, Pão de Açúcar que recebeu um ministério americano com uma equipe de dezesseis pessoas. Eu nunca trabalhei tanto na minha vida.

Improvizamos muita coisa mas foi maravilhoso, fizemos na rua, pedi cadeira emprestado a colegas, era mistura de tudo quanto era tipo de cadeira, fizemos quatro dias, escandalizou muita gente porque eles vieram com outro tipo de musica, muita liberdade, eles quebraram toda a liturgia, o povo no chão rolando, manifestações. Eu sofri muito naquele começo. Se já me chamavam de doido, então, a coisa cooperou mais ainda. Era a igreja do cai-cai, era não sei o quê, se eu não tivesse muita convicção no valor daquilo que a gente tinha vivido eu teria aberto mão, porque a pressão foi muito grande. Mas resolvemos permanecer, mantivemos a aliança e ele veio seguidos anos. Nós tivemos o privilégio de ver começar no Brasil um novo estilo de adoração, eu vi crescer ministério como o do Cirilo, vários aí que me influenciaram com o tempo e o Angelim tava ali naquele comecinho.

15. Então o Fogo e Glória foi o embrião do Adoração Profética?

R: Sim, isso é interessante porque nós fizemos sete fogo e glória. O fogo e glória era algo do ministério uma chamada para as nações, que era o ministério do Dan Duke, e depois do sétimo ele disse que não ia dar para vir e me disse que eu não poderia usar o nome fogo e glória porque era do ministério dele quando ele tivesse presente. Eu entrei em choque, porque a gente já tava muito familiarizado e muito seguro naquilo ali e eu pensei seriamente em não fazer. Mas deus me deu uma palavra e disse que esse encontro não tem a ver com o Dan, você vai fazer. Aí eu desafiei o Cirilo pra fazer comigo. Cirilo gravou um CD maravilhoso, chamado Cetro de Justiça, e o oitavo encontro foi tremendo, poderoso e eu passei a chamar Adoração Profética. E eu boto um nome todo ano, naquele ano chamou-se Presença da Glória, aí todo ano eu mudo, esse ano vai se chamar Fresh Oil. Todo ano a gente bota Adoração Profética alguma coisa, tanto que ninguém lembra mais de fogo e glória. Todo ano um tema, sempre em Novembro. Vamos fazer o vigésimo sexto ano e acho que no Brasil não tem nenhuma conferencia que tenha resistido tanto tempo no mesmo mover, porque graças a Deus não virou um movimento, somente um mover. Nós somos uma igreja muito sensível, aberta ao sobrenatural, nós estamos totalmente alienados com o mover de deus. Nós entendemos que a igreja precisa viver de forma transcendente. Uma igreja que se torna inteiramente humanista, racional, dogmática, ela não vai suportar as pressões do mundo. Jesus disse: “e recebereis poder ao descer sobre vós o espirito santo”. Só uma experiencia gera a convicção necessária pra essa entrega, pra essa autoridade testemunhal. É um outro nível de

relacionamento com Deus; não é o do conhecimento, não é o do ouvir falar, mas o de ter a sua experiência.

16. Institucionalmente falando, o senhor pode nos contar como a IBA cresceu? Em número de lideranças, sedes, gerações, eventos e parcerias nacionais e internacionais, etc.

R: Exatamente, você enumerou tudo. Eu acho que ninguém cresce sem se relacionar. Todo aquele que se isola e se fecha em paradigmas ele fica como que cego, ele só vê um lado, um campo muito pequeno. Um líder precisa ter um espectro muito grande, quanto maior o espectro dele de visão, mais ele cresce, quanto mais relacionamento ele tem, mais ele cresce. Não é a influencia, você tem as suas influencias, mas o fato de conhecer pessoas te dá uma opção como self-service, você pega aquilo que você quer, que está sob sua medida, que você pode aplicar, que está de acordo com sua realidade geográfica, cultural, social, doutrinária. Qual o erro dos modelos? Os caras te fizeram um prato feito, te botou comida que você não digere bem, aí tem muito problema. Minha visão sempre foi essa, de ouvir e respeitar a todos mas acreditar em alguns.

17. Como e quando foi criada a Aliança Global Angelim?

R: Não foi projeto, nada nessa igreja foi projeto. Eu costumo dizer que quando você realmente inclina seu coração a fazer a vontade de Deus, ele vai te dando os caminhos, as conexões, tudo isso foi como aconteceu aqui. A igreja cresceu e naturalmente que um segundo passo de uma igreja que cresce é multiplicar, gerar, os líderes tem um sonho de começar seus ministérios, é natural, são como filhos, e a sua responsabilidade é canalizar e dar o suporte. Outra coisa, quando você realiza alguma coisa que tem relevância você ganha o respeito das pessoas, as vezes admiração e confiança, então os pastores nos procuram, as vezes chegam aqui quebrados, feridos, outros chegam cheios de sonhos de começar um ministério e a gente acolhe, a gente trata, a gente ajuda financeiramente, dá aquela condição que a pessoa precisa. Nós nunca recebemos igrejas grandes aqui, sempre estão começando ou acolhendo os quebrados. Nós somos um ministério consertador de vasos. Hoje o Angelim tem igreja no Brasil, principalmente no Pará, no Piauí também tá crescendo, mas nos temos no Ceará, Roraima, BH, temos duas igrejas em Portugal, seis na Espanha, na Alemanha, na Bolívia, no Chile, no Paraguai, na Argentina, todas elas ligadas à Aliança. Nossa

aliança não é uma convenção, é uma rede de mentoreio. Nosso relacionamento é com os pastores. Mesmo com as igrejas que nós plantamos, nós damos autonomia; elas tem governo próprio, são autônomas. Não é uma convenção, um ministério de um nome só. Cada igreja escolhe seu nome, nós respeitamos isso. Algumas nasceram aqui, outras foram adotadas.

18. Durante sua vida, o senhor passou por várias denominações cristãs. Hoje, depois de todas essas experiências, o senhor se autoidentifica como batista? Se não, então como e por quê?

R: Veja bem, eu realmente fui católico praticante no princípio da minha vida. Fui educado em colégio de padre em Bacabal, fui coroinha três anos, fui líder de jovens, mas a minha relação com o catolicismo era inteiramente tradicional, sem nenhum conhecimento bíblico. Quando eu frequentei a presbiteriana seis meses, ali eu conheci a bíblia, eu me lembro que lia o evangelho de João chorando, e depois em 1997, 1996 eu frequentava a escola bíblica, tive o discipulado com o pastor Fernando, comecei a ler muito bons livros, fazer conferências, seminários, congressos e fui tendo uma visão da palavra de deus que foi mudando meu pensamento, meu comportamento, se você não tiver uma busca você não vai mudar. Mas tem muita gente dentro das denominações que vive uma vive como o católico não praticante, isso é um fato, mas não é o meu caso, tanto é que cheguei nesse nível de compromisso abrindo mão de muitas coisas. Eu vim pra cá eu passei seis anos sem receber um centavo, quatro anos sem um salário. Hoje o ministério cresceu, é justo. Eu não teria me comprometido se eu não tivesse aquele nível de fé. Hoje, eu me sinto filho de deus; denominação é detalhe.

19. Teologicamente falando, qual sua opinião sobre o G12 e a Teologia da Prosperidade?

R: Eu não posso questionar isso teologicamente porque não sou teólogo, eu sou um pastor sem muito conhecimento de teologia. O que me move aqui é amor, fé e doutrina. Eu busco mais a doutrina do que a teologia. Se você for ver todos esses movimentos, eles tem um fundamento teológico. Você fala apóstolo, mas aí os outros falam “ah, mas apóstolo não existe mais!”, mas vamos ver, né, se existe pastor não existe apóstolo, se existe evangelista não existe apóstolo? Agora, o que fizeram do dom é outra coisa. Eu acho que houve muito abuso, pessoas sem caráter abusaram dessa coisa do apóstolo, da honra, o que trouxe muitas feridas, muita gente

machucada, porque as pessoas sem caráter, ate com problemas emocionais que se revestiram de uma autoridade que se transformou em dominação da população. Eu nunca quis ser apóstolo mesmo sendo, porque é pelo fruto que você conhece a árvore. Eu nunca concordei com essas coisas, mas eu respeito cada um decidir o que quer da sua vida. Ser pastor já é responsabilidade demais.

20. Desde o começo, a IBA manteve relações diretas com o evangelicalismo norte-americano. Hoje, quase 30 anos depois, como o senhor vê os frutos dessa relação? E como ela encontra-se hoje? Pode citar nomes?

R: Veja bem, nossa relação com os americanos é bem pontual, a nível de conferencias. O dia a dia é a igreja, e é incrível porque os pastores dos EUA que vem aqui eles não vivem a experiencia de igreja, porque eles não tem nem igreja. Eles vem pra jogar lenha na fogueira, acender o fogo. Essas conferencias trazem despertamento, renovação, são conferencias de avivamento. Mas nos estamos aqui no dia a dia aprendendo com outros, tudo que nós aprendemos de igreja nos não aprendemos com o Dan, com o Dough ou com nossos amigos americanos. Eles trazem uma palavra profética, trazem paixão, trazem fogo mas a lenha, a doutrina e a forma de ser igreja a gente aprende com outros. Com quem tá na frente, olhando dois aspectos: os erros e os acertos. O que está acertando, o que está dando errado. A gente vai aprendendo com todos.

21. O senhor acredita que exista uma crise em curso das denominações cristãs? Se sim, o senhor acredita que seja um fenômeno global? Qual sua perspectiva sobre o fato?

R: Olha, eu tive uma conferencia com o Peter Wagner e ele disse uma coisa em 1997 muito forte: que as denominações estavam em crise e que as igrejas que mais cresciam no mundo eram as igrejas locais, que é uma realidade até hoje. O erro é ficar velho, é não se renovar, é se tornar muito tradicionalista, se prender. Algumas crenças, algumas praticas que vao ficando fora do contexto, que você não comunica mais. O desafio é comunicar. O desafio de todas as áreas é comunicar. Quando você deixa de comunicar, você parou. Nosso principal proposito é comunicar. Deixou de comunicar, atrofia, se aliena. Entao eu creio que não só as denominações, mas as organizações se perdem nisso; elas se prendem naquilo e aos poucos vai perdendo a eficiência e para de crescer e morre. Eu não quero isso, eu vou fazer 64 anos e eu

saí da frente da igreja e estou atrás pra correr com os olhos dos jovens, meu conselho aqui é de jovens, líderes e pastores jovens que eu ouço. Eles olham o mundo com o olhos do dia, do contexto. Eu não abro mão dos valores, os nossos marcos que não podem ser removidos. Nosso fundamento é a palavra de Deus, mas a forma de comunicar pode ser mudada. Uma casa você reforma ela toda, mas você não pode modificar os alicerces.

22. Há pouco o senhor disse que viu nascer uma nova forma de evangelho no Brasil. Como o senhor caracterizaria essa nova forma?

R: No ano de 2000 o evangelho mudou muito, né, e continua mudando. Pra mim, que já sou um homem maduro e que estou vivendo o evangelho dentro da igreja há mais de trinta anos, muita coisa mudou. Muita gente ficou parado no tempo, tem igreja que ainda hoje canta hino naqueles bancos de madeira, cheio de velhinho da cabeça branca. Mas muita coisa mudou, algumas pra melhor, outras nem tanto porque as vezes a mudança compromete a essência. A forma de comunicar pode mudar, mas a mensagem tem que ser a mesma, porque só há uma. Hoje a gente ve um evangelho muito diferente, motivacional, neurolinguístico, cheio de coach, eu acho que acaba comprometendo. A igreja precisa ser cheia do temor, reverente, serva. As pessoas as vezes são egoístas, individuais, e tudo isso conspira contra a essência da igreja que é comunhão, serviço.

23. Dentro da Aliança, então, as igrejas não estão dentro desse modelo denominacional? São igrejas livres?

R: Sim, são livres. Dentro da aliança temos assembleia de deus, presbiteriana. A nossa igreja de Portugal é uma igreja presbiteriana. Eu inclusive falo pra eles que é uma igreja presbiteriana fake, porque vocês estão falando em línguas, estão pulando, estão no chão. Temos assembleia, temos comunidade, não faz diferença. Pra estar na aliança nós exigimos duas coisas: integridade e que seja uma igreja que não pregue heresias. Que seja uma igreja saudável doutrinariamente.

24. Durante muito tempo, as denominações cristãs pré-milenaristas se mantiveram longe da vida pública, evitando envolver-se nas esferas políticas e sociais. Como o senhor enxerga esse tipo de postura no mundo atual e qual o papel não só da IBA, mas das igrejas em geral, dentro desse quadro “secular” nacional e global?

R: Veja bem, a igreja é parte da sociedade. Ela é o sal da terra e do mundo. Ela não pode se alienar, tem que ser transformadora, tem que influenciar na educação, tem que ser ativa no trabalho social, tem que participar inclusive da vida política. Só que no que diz respeito à política é um campo muito delicado, porque a postura de alguns líderes cristão em relação a ela as vezes tá fora daquilo que eu penso, porque um pastor ele tem um sacerdócio, ele tem que ter um posicionamento como magistrado. Se ele se filia num partido, se candidata, sobretudo aquele pastor que preside a congregação, ele é pastor de todos os partidos, todas as tendências, todos os pensamentos. Aqui nós temos gente de todos os partidos e temos que respeitar e ter uma palavra pra todos, mesmo que tenhamos o nosso posicionamento particular. Se a gente não tiver cuidado, você perde a autoridade com eles. Eu, com todo cuidado, ainda enfrento dificuldade as vezes. Eu botei essa bandeira aí e alguns dizem que foi porque eu sou Bolsonaro, pra você ver onde o Brasil chegou, né? Você astear uma bandeira nacional e o cara dizer que é porque você é bolsonarista. Onde nós chegamos? A gente fica calado. Na verdade é que eu sou patriota, eu amo meu país, eu sou nacionalista até os ossos.

ENTREVISTA – PASTOR RODRIGO ARRAIS

1. Conversando com seu pai, eu descobri um pouco sobre a sua infância, as ocupações dos seus pais, etc. Mas, a seu respeito, como foi sua trajetória estudantil, desde os primeiros anos até o ensino superior? E profissional?

R: Bem, eu comecei minha vida estudantil ali no Monte Castelo numa escola chamada Rosa dos Ventos, perto da casa da minha avó. Logo depois fui pro Colégio Batista Daniel de La Touche, aonde eu fui até o primeiro ano do segundo grau e terminei acabei terminando, infelizmente, no Pitágoras. Precisamos mudar de colégio lá no finalzinho do ensino médio por causa do meu irmão, mas a de vida toda foi no Colégio Batista, né, Colégio Batista. Logo depois passei no primeiro vestibular pra Letras na UEMA, e cheguei a cursar quatro períodos lá quando optei por Direito. Estava aprovado no curso de Direito na Faculdade São Luís na época, né, hoje adquirida pelo grupo Estácio. Ficava lá onde fica o Girassol, ali no no Renascença, a

São Luís. Inclusive, nasceu com uma equipe muito boa aqui em na cidade. De Direito, né? Professor Agostinho, muita gente boa. E precisei optar porque a UEMA fica muito longe, então optei por Direito onde me formei, fui aprovado na OAB. E continuei meus estudos... é... paralelamente, teológicos, né? No nosso curso aqui interno, que na época era Época Centro de Treinamento de Obreiros, e acabei convalidando esse diploma numa faculdade teológica da cidade.

2. E ingressou na UEMA em que ano?

R: 2000.

3. O seu pai, pastor Joaquim, começa os primeiros passos da IBA ainda na sua infância. Naquela época, quantos anos o senhor tinha? O senhor participava das reuniões na associação, das pregações na praça?

R: Olha, o Angelim começou eu devia estar com quinze anos, por aí. Na verdade, antes, né? Eu dizia estar com por volta de onze anos, dez anos, por aí... quando, assim, o primeiro, primeira sementinha da igreja começa, né? Nós éramos de outra igreja, mas começa aqui o ponto de pregação aqui no bairro, devia estar com essa idade. E a gente participava das reuniões, sem dúvida. A gente ia pra igreja toda semana, Ícaro, direto, direto... as terças, as quintas e aos domingos. Não era nessa igreja, né? Era outra igreja. A igreja vai mudando no tempo, mas era muito pequenininha. Era mais quase uma capela. E a gente ia participar... não tinha atividade específica pra criança, nada, mas a gente estava por aí.

4. Como foi, para o senhor, ter crescido dentro da igreja, tão perto do líder de uma igreja batista?

R: Olha, tudo na vida é como uma moeda, tem dois lados, né? Então, pontos positivos da igreja: no momento em que as pessoas estão cada vez mais isoladas, até de suas próprias famílias, porque essa é uma realidade da cidade, né, a igreja promove uma oportunidade de você experimentar a vida em comunidade. Comunidade diversa, gente rica, gente pobre... gente, é... com uma formação superior, gente sem formação alguma. Então eu acho que isso é muito positivo, muito positivo. Você entrar em contato com gente, né? E, e servir também esse pessoal, porque a igreja acaba tendo um papel, numa comunidade como a nossa, muito de ação social, de ajudar as pessoas, né? Então assim, a igreja começou uma igreja

muito simples, muito pobre. Esse lado é muito bom, isso nos torna mais humano. O lado ruim é que você por crescer criança, numa igreja, filho de pastor, como tu apontou, traz uma cobrança, uma expectativa por parte da comunidade, né? Você cresce no meio das pessoas e isso é bom, mas também você está muito exposto, né? Então esse isso pode ser ruim. Mas no meu caso, até eu acho que no que foi ruim, é... Deus acaba... fazendo com que isso é fecunde pro melhor, né? Então hoje, aos quase quarenta anos, eu vejo muito mais vantagens do que desvantagens.

5. Começando do começo, o senhor pode nos contar a história da sua conversão?

R: Ah, eu converti de fato por volta dos dezesseis anos de idade. De dezesseis pra dezessete, eu havia chegado do Canadá. Porque assim, a gente tem que levar em consideração que filho de pastor e filho de crente cresce na igreja, né? Então você já tem uma base ali de conhecimento, tudo, e isso não quer dizer que você entendeu, de que você tem consciência do que está vivendo. Então sinto que eu tive um processo de conversão ali por volta de dezesseis, dezessete anos, quando cheguei de viagem e tive uma experiência com Deus muito forte no período de Carnaval com o missionário irlandês, Noel Quiller [sic]. Ele veio pregar, Deus usou muito ele, um velhinho, Deus usou muito ele na minha vida, assim, pra falar ao meu coração e naquele período de retiro de Carnaval eu fui muito tocado, fui muito transformado, tive um interesse renovado, assim, sabe, pelas coisas de Deus e aí comecei a ler a bíblia por conta própria e a querer entender um pouco mais da igreja, da palavra de Deus. Sem imposição, entendeu? Sem a influência de outras pessoas, mas porque eu fiquei curioso mesmo. Então eu acho que foi bem aí, dezesseis pra dezessete anos.

6. Esse retiro era um retiro de carnaval da IBA?

R: É, foi, esse retiro era numa escola, lá no Caíque da Cidade Operária. Sabe que as igrejas menores retiram, né? Foi um desses.

7. Hoje, quais são as suas formações teológicas e ou religiosas, além dessas adquiridas na IBA?

R: O mestrado na FACAPA, né. Então, fui aprovado no mestrado na FACAPA, e estou cursando. É o mestrado da Batista Brasileira, da melhor faculdade deles. E estou buscando me especializar, né, ler. Fora a curiosidade mesmo. É natural que eu

tenha a preocupação de ter um conhecimento minimamente ortodoxo e bíblico, não é? Eu acho que isso com o curso teológico, ou mestrado, pós-graduação, teológica, informal ou não, quem deseja ensinar precisa ter o esforço, a responsabilidade de estudar um pouquinho, né? Então, o mestrado, o mestrado é meu último esforço, assim, de buscar capacitação melhor.

8. Quando o senhor se converteu, ainda bem jovem, quais as suas impressões do cenário evangélico em São Luís?

R: Quando eu era jovem? Nenhuma. Assim, não tinha essa visão, não, mais ampla. A visão era da igreja local. Sabe aquela coisa, assim, minha vila é o mundo, entendeu? Não tinha, não tinha nem curiosidade, não. A gente vivia a nossa vida aqui de igreja local, de culto na semana, né? E depois que eu fiquei adolescente, jovem das atividades que que eram ali montadas pra juventude da igreja... a gente não tinha muito relacionamento com outras igrejas ou com mesmo com a convenção.

9. Na década de 90, algumas igrejas batistas de São Luís romperam com as convenções nacionais a qual estavam originalmente ligadas. Como o senhor enxergou (e enxerga) esse fenômeno? Acha que foi bom para o crescimento evangélico em São Luís? Essa ruptura coletiva aconteceu no momento que o Pastor Joaquim assumiu o cargo de liderança da convenção em São Luís?

R: Eu acho que esse movimento não acabou, ainda continua no Brasil, aqui a gente acompanha. Eu entendo o propósito das convenções, lembro da saída do Angelim da Convenção Batista Nacional. Percebo que na época fez muito sentido. A convenção, de forma prática, não participava da igreja; nem financeiramente, nem de forma cooperativa. Eu vejo que hoje o fato de o enfoque em comunidades independentes e igrejas independentes ter voltado, isso acaba por fortalecer a igreja local. E também por promover uma unidade entre igrejas que transcende a bandeira no nome nacional, mas que se estabelece por identificação, por amizade, por teologia, por visão de reino. Sendo assim, eu acho que em muitos casos é positivo. Em muitos casos é positivo porque se escapa da política convencional, e você acaba tendo um leque de relacionamentos, e amizade e liberdade pra desenvolver a igreja muito maior. Pro Angelim foi muito positivo. Se tivéssemos ainda dentro da convenção Batista Nacional, teríamos saído (risos). Sobre papai, eu acho que ele foi, sim. Eu acho que ele foi. Eu não posso confirmar a informação, eu acho que foi e cumpriu o período de

presidência da convenção batista nacional, assim. Ele foi muito envolvido em uma época, de frequentar as reuniões e tudo. Mas no período, eu não sei como é hoje, eu não posso falar, porque são muitos anos, mas no período havia... ele ficava muito chateado por causa de política convencional, né? Não tem jeito, toda agremiação de pessoas é uma organização hierárquica, né? Então, de tudo que é hierárquico acaba por envolver política, então dentro das relações, ali, isso deixava ele muito chateado porque esse tipo de coisa acabava engessando as decisões, engessando o avanço, só que é isso que acontece na política nacional, acontece em todo lugar, né? Então, algo muito bom que a gente ordena hierarquia, coloca em hierarquia, ordena e aí engessa. Engessa o ordenamento, cria a burocracia e a burocracia impede o crescimento. Você mata completamente a criatividade, a inovação, a capacidade de perceber os ventos do tempo, e aí, meu irmão, aí é melhor mesmo que as igrejas andem forma independente, como comunidade que é gostoso demais você ajuda qualquer um, você abraça, você se envolve com outros pra ajudar, entendeu? Pra liberar o espírito de generosidade, mas sem toda essa infraestrutura de poder.

10. Sua trajetória, tanto como discípulo quanto como pastor, sempre esteve ligada à IBA?

R: Ah, sempre, a vida inteira. Eu não conheço outra igreja, nem outro lugar, não. Acho que se eu tivesse conhecido, eu não era mais crente. Eu estou só por aqui mesmo até quando Deus quiser.

11. Desde a criação, a IBA teve contato com alguns pastores do evangelicalismo norte-americano, como o Dan Duke no Fogo e Glória, por exemplo, e a conferência que participou o Pr Joaquim em São Paulo. Como o senhor enxerga essa relação? Acredita que, de alguma forma, o cristianismo estadunidense influencia o brasileiro?

R: Isso foi muito parte da história da vida dele, né? Assim, a história íntima dele, ele teve uma experiência com São Paulo. E com Dave Robinson, e foi essa vez. Nunca mais ele falou que Dave depois disso, e nem na época ele falou. Ele foi a São Paulo e teve experiência com Deus. Na academia, nós vamos dizer um extra. Um encontro com Deus. A questão com o Dan Duke foi a convite de um amigo dele lá de Belo Horizonte, e pastores americanos vieram, e no momento em que eles vieram, eles estavam vindo de um mover que estava acontecendo na Flórida. A Flórida viveu um

despertamento nos anos noventa, noventa e seis. Se pesquisar, você vai ver as cidades ali na Flórida onde houve, assim, grandes avivamentos de tenda, né? Isso nos anos noventa, cara. As estavam ali, adorando, né? Sempre acompanhado de música... então essa turma que veio, veio Dan Duke nesse mover, né? Com essa experiência. E conseguiram, na época, transferir isso pra cá. Então a gente bebeu dessa mesma fonte. De música, de uma abordagem musical diferenciada, porque as igrejas batistas na época era aquele hino, né? Começo, meio e fim. Agora tinha música de maior tempo, uma música que levava as pessoas a ali se entregarem e ficarem mais tempo na presença de Deus em oração. Eu não tenho dúvida que houve uma influência muito grande, e que ainda há. O brasileiro ele tende a ignorar, deixar de lado o que é dele. O que é característica nossa. Inclusive linguística. E a adotar o que é de fora como melhor, né? Adota o que é bom, às vezes. E aí adoto que é ruim também. Às vezes o que é ruim vem na carona do que é bom. Então não tenho dúvida. Se a pergunta se há influência, eu tenho não tenho dúvida que o evangelicalismo americano exerce grande influência sobre as igrejas no Brasil como um todo. Em geral. E eu acho que algumas coisas são boas que a gente recebe dos irmãos americanos. E é preciso creditá-los com o zelo por missões, a generosidade, a vontade de vir, sabe? Por outro lado, a gente herda também coisas que não são tão boas assim, né? A superficialidade, muitas vezes. O exagero muitas vezes. O foco não emocionalismo, muitas vezes. Americano é um marqueteiro nato, né? O americano nasceu pra vender, né? E pra mim o que é pior nisso é a gente deixar de lado às vezes os pregadores nacionais, a língua portuguesa, a teologia com o gosto de Brasil, né? Nascida aqui, da nossa realidade, eu acho isso triste mas faz parte, né? A gente tem que olhar pro avivamento brasileiro.

12. O senhor acha que essa ênfase exagerada no marketing pode ter uma influência negativa no conteúdo da palavra, então?

R: Pode ter. Pode ter. Se há uma ênfase exagerada em marketing, uma ênfase exagerada em tornar mensagem atrativa, você pode ser sentir tentado a tirar dela o que pesado mais verdadeiro, que é a necessidade de transformação pessoal, a cruz, o sacrifício, a parte do evangelho que pede um preço de renúncia, né? Então se você quer transformar tudo palatável, tudo muito bom, tudo muito bonito, né? Porque isso é o marketing, né? Tornar atrativo, moderno, bonito, limpo, aí você pode tirar o sangue e a dor, a ferida que faz parte do cristianismo, o cristianismo está todo fundamentado

em morte o sacrifício. A grande simbologia da nossa é pão, que é carne, e vinho que é sangue. Então esse é o hype, né? Que é aquela coisa de você transformar, e isso é muito legal, cara, isso aqui é um negócio maravilhoso. Os americanos são excelentes em fazer isso, transformou tudo em show, né? E eu acredito que dá pra você fazer, sim. Dá pra você contextualizar, dá pra você mudar até a liturgia, a organização de culto, trabalhar com cores, no palco trabalhar com música, falar aos jovens com a linguagem que eles entendem, sem perder a essência. Tem muita gente boa fazendo isso, sabia? Consegue caminhar, né? Mas é um perigo, é uma linha fina.

13. Como o senhor vê a visão celular implementada e praticada pela IBA?

R: A visão celular aqui continua em desenvolvimento, ela não é um modelo de fixo, ela é um modelo e um processo interno que busca estabelecer um princípio, que é que a igreja de Jesus Cristo ela não é templista. Ela não é focada no templo. Mas ela é focada na vida dos cristãos, dos irmãos na cidade, ou seja, ela se reúne no templo mas ela transborda pra cidade. Então é levando em conta esse princípio que a gente quer que as pessoas se sintam desafiados a se reunir em casa, a cuidar uma das outras. Porque, dessa forma, mesmo uma igreja grande consegue ser uma igreja pequena no cuidado, né? Onde as pessoas quebram essa coisa do templismo, do individualismo e ela se reúne, se encontra. E a gente tem bons resultados, eu recebo no celular toda semana fotos ali de dez, quinze, seis pessoas reunidas tomando um café, falando de Deus, tem a revistinha que é muito simples, mas é um norte, né? De lições. Então eu acho que a visão celular aqui é muito boa, nasceu aqui a partir do Deus fez e está fazendo na Coreia do Sul e a partir daí a gente buscou entender um pouquinho mais, estudar, e estamos fazendo isso até hoje. Então, tem pequenas mudanças e alterações em torno desse que é o objetivo, né? Cada membro responsabilizado em seu ministro, e cada casa uma extensão da igreja. E eu acho isso bonito demais e acho bíblico, acho sensacional. Eu gosto demais da visão de célula.

14. Quando e como o senhor começou a fazer parte do corpo de pastores da igreja?

R: Oficialmente, ordenado, aos vinte e três anos, na primeira turma de pastores da igreja, né? A igreja cresceu de forma muito rápida, e aí você já precisava de uma equipe autorizada. E o título de pastor, ele guarda o peso, né? Se não pra fora, pro

... mundo, mas pra comunidade. Porque você passa a ser autorizado, por exemplo, a realizar casamento, batismos, e as pessoas te olham e te respeitam. Então, assim, com vinte e três anos na primeira turma, reunião do conselho eu fui ordenado, então é esse é o momento onde realmente me torno pastor e pastor local, sabe? Pastor para nossa real

15. O senhor, como me disse, fez cursos e formou-se em universidades públicas. Como foi, naquela época, ser um jovem evangélico e pastor no meio universitário?

R: Eu não tive problema, Ícaro. Nunca. Cheguei na UEMA eu me divertia muito, e eu tinha bons amigos, comecei uma célula lá, o curso era noturno, minha célula era cinco e meia da tarde, fiz excelentes amigos, tenho eles até hoje. Tenho uma que é jornalista que é a Rafaela Lima, muito querida, foi minha colega lá de UEMA. Nunca tive maiores problemas, a não ser assistir aula, quando tinha, e comer pastel no prédio de pedagogia que era do lado, de administração, né? Administração era do lado. Então assim, não tive, depois em direito também não tive problema nenhum, fizemos até alguns evangelismos lá na Faculdade de São Luís, com quatro leis espirituais, bons amigos, e... assim, eu, talvez por ser leitor desde muito cedo, nunca tive problemas com ideias diferentes, ideias contradizem a minha fé, teorias, propostas... Eu nunca tive problema nenhum em ouvir ninguém. De nada. E gosto de ser ouvido também. Então assim, eu sou uma pessoa curiosa, do diálogo. Então na faculdade, na academia, li de tudo, ouvi de tudo... ponderei né? Aristóteles que dizia, né, que a característica do sábio é conseguir entreter duas ideias conflitantes ao mesmo tempo, pensar sobre elas e não adotar nenhuma. Você consegue simplesmente pensar. Então assim, academia, a faculdade é pra isso, é pra pensar. E, só há progresso se há liberdade pra saber. Gostei pra caramba. Gostei da faculdade. E aqui, ó, na igreja, sou um promotor, assim, dessa ideia educação, inclusive teológica. Muita, muita gente da minha equipe tem feito cursos teológicos pela internet e pós-graduações, estudado, lido, inclusive de correntes teológicas contrárias àquelas que a gente crê. A gente tem um enfoque muito bom, apesar de inicial ainda, mas muito bom em educação na igreja, com oferta de muitos cursos. Então, assim, eu sou uma pessoa que gosta e que acha que incentiva todo mundo a ir pra faculdade estudar. Eu acho que isso aí acabou na igreja. Talvez uma igreja ou outra ainda tem gente que diz que os meninos vão pra faculdade desviar, né? São gerações. Um dia desse eu sentei numa mesa, e

peçoal estava elogiando a ditadura militar. “A Ditadura Militar estava muito boa, e não sei o que e tal” e eu “senhores, nós não podemos dizer que nenhum regime que suprime direitos é bom. Não pode ser assim, nós estamos em dois mil e vinte e um, entendeu? Então supressão de direitos não é bom”. Porque é aquela coisa, qual é o preço que a gente está pagando? Nós vamos dar direitos aqui, em prol de ordem. Né? Vai ter ordem. Sim, mas parece muito caro, né? Mas é uma geração que viveu os anos oitenta, os anos setenta, a gente tem que entender eles, né? Eles têm uma opinião, opinião burra, mas é uma opinião, entendeu? Então, quando a gente ouve o pessoal mais antigo na igreja dizendo que são desconfiados sobre a universidade, eles não percebem que a igreja só sobrevive, a igreja só vence, a igreja só avança se ela tiver em contato com todo tipo de opinião contrária a ela, se ela tiver na arena de combate, se ela tiver capacitada. Em contato com o zeitgeist, com o tempo, com a cultura, porque senão ela tá pedida, cara. Então assim, a gente tem que estar no meio da confusão, entendeu? Agora eu sou advogado, sou uma pessoa que estou sempre participando desses ambientes, então eu não tenho problema nenhum. Nenhum, nenhum, nenhum.

16. A Aliança Global Angelim, um projeto inovador da IBA, conecta igrejas do mundo inteiro na missão da evangelização de uma libertadora. Como e quando surgiu a ideia de cri-la? Quais, inicialmente, eram seus propósitos?

R: Assim, acho que é uma coisa engraçada... parece loucura, né? Não teve nenhum planejamento estratégico para criação dessa rede. É uma rede diferenciada porque ela, na verdade, é uma partnership network. Ela é uma de parceria e relacionamento, são igrejas autônomas que se reúnem em torno de visão, amizade, identificação... não tem prestação de pagamento de nenhuma forma e a única, única coisa que se pede, né, é integridade, honra, prestação de contas mútuas, de testemunho, de ministério e, assim, essa generosidade de um serviu o outro, né? Então não teve, assim, um momento desse “poxa, vamos dar uma rede de igrejas!”, não, até um tempo atrás não tinha nem nome. Mas, você gera uma rede, assim, de relacionamentos e aí a gente estabeleceu um encontro anual, além desse encontro anual tem visitas constantes, né, de uns aos outros. Aí estabelecemos, em comum acordo, lideranças regionais pra dar uma cobertura mais próxima, e aí nasceu a aliança global da Angelim, né? Não sei quem criou o nome, mas acho que foi papai. Talvez, talvez há uns dez anos. Não tenho certeza.

17. No seu entendimento, essas redes de relacionamento, como a AGA e a GKPN, têm crescido mais no mundo evangélico? Como e quando essas parcerias começaram a ser construídas?

R: Não, eu não tenho dúvida que têm crescido muito. Isso é um hit, né? São, acredito, mais leves e efetivas em ajudar uns aos outros, que se mantêm conectadas por relacionamento, elas se mantêm conectadas por uma teologia comum básica, apesar de que uma outra igreja dentro das redes tem suas próprias forma de ler o evangelho, né, sua própria liturgia, mas a teologia básica ali, o credo básico, né, é o mesmo. Tem crescido muito. Acho que assim, é o que eu penso, é que são muito efetivas, menos engessadas. E a pessoa é livre pra entrar, ela fica um tempo ali até ser aceita, apresentada, à igreja, ao líder, aos outros. Também no momento que quer sair só pede para sair e justifica, escreve uma carta e também se desliga, sem maiores problemas. E eu acho que a cooperação é o cerne. E a generosidade, e o vínculo de honra, né? Muito mais do que a bandeira da igreja ou o nome da igreja, ou outras coisas.

18. O senhor acha que o futuro do evangelismo está relacionado a essas redes de parceria e relacionamento?

R: Talvez sim. Assim, convenções nunca deixarão de existir, principalmente as históricas. Elas já passaram por muitos problemas, elas são muito antigas, né? Se olhar pra convenção batista, brasileira, os presbiterianos, né, os presbiterianos tem um jeitinho muito próprio de ser igreja, né? Então o pastor tem um mandato, eles batizam criança, eles são esquisitos. Então cada convenção tem o seu jeitinho, as históricas elas sempre vão existir. Agora, assim, a velocidade com que as coisas mudam, a força com que as ideias correm e as gerações vão mudando. Então assim, o conflito geracional e o fosso de gerações ele é real. O que acontece é que aqui grandes convenções históricas correm o risco de virar um Vaticano. Muito lentas na mudança necessária que as gerações pedem. Por exemplo, o Vaticano está discutindo há centenas de anos se deve ou não ordenar mulheres. É uma coisa que não faz o menor sentido, não ordenar mulheres. Eu estava conversando com alguns padres amigos que eu tenho, sentei com os padres, inclusive com um que aqui é um padre importante na arquidiocese, e perguntei “padre, por que vocês não casam? Onde está a bronca? Qual é o problema? Não devia liberar isso aí?” e outras questões que a igreja leva cem, duzentos anos pra mudar. Porque a organização engessou a

resposta pro tempo, né? Então esse é o perigo das igrejas mais históricas, que eu vejo. Elas sempre existirão, correm o risco de ficarem nichadas, né, e as grandes redes de relacionamento, mais rápidas, menos hierarquizadas, mais focadas no que importa e, também, com uma visão local de alcance global, tendem a crescer. A gente tem amigos no mundo inteiro, é uma família global. Local e global se relacionam porque há uma abertura pra isso. Coisa que já não há em algumas estruturas convencionais mais tradicionais, mais históricas, sabia? Porque eles têm regras de cooperação muito mais engessadas. Por exemplo, veja uma assembleia de Deus, que é uma convenção que tem muito uma formatação muito grande de usos e costumes e tal, né? Então, nem todo mundo ocupa o púlpito, o pastor não senta, já há um preconceito estabelecido com o diferente, entendeu? Já no nosso caso, por exemplo, prega aqui o pastor da PIB que é bem tradicional e prega aqui o malucão americano, entendeu? Ele é um evangelista muito louco e tal, mas ele tem algo de Deus ali pra ensinar e a gente recebe. Segue a regra Paulina, né? Busca reter o que é bom, busca entender diferente e acaba que é abençoado pela multiforme graça de Deus.

19. Conversando com o pastor Joaquim, ele me disse que é grato por ter visto nascer uma novo evangelho no Brasil a partir dos anos dois mil. O senhor também vê dessa forma o cenário cristão brasileiro? Se sim, o que o senhor pensa a respeito dessa nova forma de adorar a cristo e como ela se diferencia das velhas formpas?

R: Eu acho que a gente pode falar sem medo de ser feliz que houve um um reavivamento no Brasil no começo dos anos mil, né? Que já é também um desenrolar que estava ali na segunda metade dos anos noventa. Poxa, se você parar pra pensar, honestamente, você vai ver o grupo como Diante do Trono – e isso foi capa de Veja – com um milhão de pessoas em Brasília. Belo Horizonte tomada de movimentos, de equipes, de bandas, de jovens, de grandes e médias igrejas. Goiânia num crescimento absurdo de evangélicos. E isso afetou o Brasil inteiro. Então houve, sim, um reavivamento nacional. Houve um reavivamento ali no centro do Brasil. Isso aí o IBGE vai te mostrar claramente. Vai pra dados estatísticos. Então, assim, muita gente que não que não se identificava com o evangélico passa a se identificar como evangélico. De todo tipo de igreja, né? Então eu vejo que nasce um corpo de pessoas que se identificam no evangelho, rompendo com a tradição católica as vezes de suas famílias, e isso é muito bom, isso traz a liberdade, né? Por outro lado, é uma

responsabilidade muito grande, é um trabalho grande pras igrejas, né? De ensinar esse pessoal, de discipular. Então eu vejo com bons olhos, é claro, eu vejo que é um crescimento, é um crescimento desordenado, é, acho que não tem crescimento de outra forma, não. Toda vez que você tenta ordenar o crescimento, você sufoca o crescimento, né? Tem que crescer espontâneo. E aí o trabalho das igrejas e das lideranças, cada um na medida da sua responsabilidade, seus conhecimentos, da sua capacidade pessoal, é trazer, é ensinar e a consolidar essas pessoas, né? É fazer com que ela crie raiz, com que elas saiam ali do emocionalismo, só da emoção, da música, e elas entendam que a caminhada é longa, é uma jornada de vida, de aprendizado, né? Aí é que é responsabilidade da igreja.

20. Durante sua vida, diferentes de pastores mais antigos, o senhor não passou por muitas denominações cristãs. Hoje, depois de todas essas experiências, o senhor se autoidentifica como batista? Se não, então como e por quê?

R: Hoje, sim, não denominacional, mas, é... talvez de identificação, com a tradição, com grande parte da teologia, porque de fato nós nascemos dentro da Igreja Batista Nacional, meu pai fez seminário da Batista Nacional, foi ordenado pela Convenção Batista Nacional, eu nasci aqui dentro, eu estou em contato com eles, com a literatura deles, então se eu tiver que me identificar, de alguma forma, olha, eu sou Batista. Eu não uso terno domingo, eu não sou assembleiano, entendeu? Então a minha forma de entender a igreja, e daí vem expressões como “igreja local”, daí vem expressões com a o cuidado com as escolas na igreja. Tudo isso não nasce nada, nasce a partir de uma experiência convencional, né? Ou pelo menos a tradição convencional. Então sem dúvida me identificaria como Batista. E quando eu estou com meus amigos batistas nacionais, batistas brasileiros, me sinto entre os meus também, sem problema nenhum. Então nós herdamos o “batista” desta época inicial da igreja, apesar de que hoje muita gente conhece a igreja como “Angelim” só, né? E nós somos batistas. Organizados de forma independente, mas igreja batista.

21. Teologicamente falando, qual a sua opinião sobre o G12 e Teologia da Prosperidade?

R: É a pior possível, cara. Eu não, olha, o G12, el que pegou um princípio muito legal, né? Princípio de células, muito bacana, e engessou. Aí você faz um elogio do

modelo, e não no princípio. Toda vez que você passa a elogiar um modelo, você tem que desconfiar de você. Você está querendo vender alguma coisa. Está entendendo? Então, assim, isso não é legal. O princípio é bom, né? Mas a engessar e dizer assim, “ah, o quê que vai mudar o mundo?” É o G12. Não é. Jesus, depois a gente cria a forma que a gente apresenta Jesus, e talvez a forma da igreja nas casas seja uma boa forma, excelente. A teologia da prosperidade sempre esteve no meio da igreja, ela é um gatilho poderoso para as pessoas, porque a ambição é um gatilho poderoso, não é? A teologia da prosperidade é um gatilho pra atrair pessoas e encher igrejas só que, no longo prazo, ela é insustentável porque rapidinho a pessoa descobre que ela é mentirosa. Na primeira doença, no primeiro prejuízo financeiro, no primeiro problema, né? Pronto. Então assim, Teologia da Prosperidade é um lixo gospel. Mas muito comum. E muito comum em todo lugar. Inclusive, agora a gente tem a teologia da prosperidade 2.0 que é o discurso coach que invadiu as igrejas, né? Alta produtividade, felicidade, riqueza e tudo mais que era coisa do coach e foi pros púlpitos, né? Porque os pastores fizeram os cursos coach, então não é nada mais do que a velha teologia da prosperidade em nova embalagem. E isso aí, acho que enquanto tiver gente, se tem essa coisa. Ninguém quer ouvir a verdade. Ninguém quer ouvir “olha, pessoal, a parada é a seguinte, nós vamos sofrer. Vamos chorar. Nós vamos adoecer. Nós vamos perder.” Na vida do discípulo de Jesus a palavra mais importante é renúncia. Nós vamos renunciar muitas coisas. A nossa lógica de vida é do peregrino. A gente está aqui de passagem. A morte é uma realidade. Não adianta você se identifica bonito, tá forte, ter uma BMW, entendeu? Isso é só besteira, é bom? É bem legal, mas é bobagem, é acessório. Tem que ouvir isso. Então, a teologia da personalidade é um prejuízo pro discipulado, é um prejuízo pro discipulado verdadeiro e movimentos de célula, movimentos de igreja que são modelos muito fechados, modelos que são fechados em si, que prometem demais, que se vendem como solução, que se vendem como a última solução definitiva pra igreja, pro evangelho, é só um problema: é o ciclo de começo, meio e fim, sempre acontece. Pega qualquer movimento, modelo que tem tudo na igreja, você tem assim ó: começa, aí vem um monte de pastor perdido que não tem visão, adere. Eles não têm visão. Eles não têm conhecimento, eles querem um pacote. Eles querem alguém pra dizer “isso aqui, ó. Tu vai usar esse livro, tu vai fazer desse jeito e tal” Aí sabe... Aí vem o declínio, o desgaste, aí acaba. Satura.

22. Desde o começo, a IBA manteve relações diretas com o evangelicalismo norte-americano. Hoje, quase 30 anos depois, como o senhor vê os frutos dessa relação? E como ela encontra-se hoje? Acha que ainda existe influência?

R: sem dúvida. Se você ver a maior parte das músicas que a gente canta são músicas traduzidas. É só ir pra qualquer igreja. Está todo mundo cantando música internacional traduzida aqui, inclusive os cantores cristãos. Eles vão, compram os CDs americanos, os álbuns, escolhem as músicas, traduzem e gravam aqui no Brasil. Eles pagam, né, diretos autorais, pagam pra cá, mas eles fazem isso. Pode escolher qualquer um aí e ir atrás. E tem assim, aí você vai com a os pensadores e tudo mais, eles estão produzindo conteúdo, material e tem gente muito boa no Brasil. Mas em geral o pessoal está todo se inspirando no que os americanos estão copiando. Nós corremos o risco de ser só eco, viu? Temos sido só eco por muito tempo. Ainda bem que Deus é bondoso, Deus vai nos dando graça, mas eu tenho muito ciúme, assim, do movimento nacional. Eu acho que a gente tem que começar a produzir um evangelho com gosto de Brasil, sabe? Pra nossa Gente. Senão de Brasil, pelo menos regional, sabe? Com gosto de Nordeste, com o nosso povo, valorizando o que é nosso, né?

23. O senhor acredita que exista uma crise em curso das denominações cristãs? Se sim, o senhor acredita que seja um fenômeno global? Qual sua perspectiva sobre o fato?

R: É um fenômeno global, sem dúvida, é o feedback que eu tenho da Europa, por exemplo, né, onde as convenções não conseguem criar e romper, algumas, e talvez, assim, eu não quero que ninguém que ouça essa gravação e nem tu pense que eu não gosto ou que eu torço contra qualquer convenção, mas a crise existe e ela precisa ser superada, e ela só vai ser superada com inovação, com mudança, né? E é muito difícil você fazer isso em instituições muito antigas. Eu vi um pastor dizendo que o problema da igreja é que ela pode se tornar um monumento em vez de um movimento. Então simplesmente fica um uma coisa monumental, parou. O jovem sai, porque jovem precisa de espaço criativo, o jovem por natureza ele quer mudar estruturas, né, porque ele diz “eu sou jovem, essa é a minha chance de mudar a estrutura e melhorar processos”. Quando isso não é permitido, e ele vê que estão fazendo a mesma coisa há duzentos anos, ele sai, que é o movimento que tem acontecido, e aí o que era pra ser um movimento vivo, que nasceu, né,

espontaneamente, com muito fogo... de repente vira só um monumento, que é o que está a acontecer com as catedrais europeias, né? Você paga um dinheirinho ali pra dar uma visita, é só arte. O que antes era devoção, agora é só arte. Não tem mais... perdeu vida, entendeu? Perdeu em movimento, perdeu em poder. Nas denominações, o quê que acontece também... há um discurso, que é um discurso falido, mas é um discurso que real, que as pessoas dizem assim: “nós estamos pequenos, limitados, e nessa situação, porque a gente tem um foco muito grande na qualidade”. Ele diz assim: “a gente não cresce, nós estamos nessa situação porque nós estamos privilegiando a qualidade”. Então, a gente é assim, ó, pequenininho, e tudo, e a gente está nessa crise, e as pessoas estão saindo do movimento, porque nós somos os últimos guardiões da verdade, os eleitos, né, diriam os presbiterianos. Então isso é muito bom pra autojustificação. Uma vez, um pastor também me disse isso. Estava em Belém, aí eu entrei num carro, né, e ele disse “ah, O Angelim tem crescido tanto, né” e eu respondi “sim, o Angelim tem crescido muito, graças a Deus” aí ele disse “é, aqui a gente não tem crescido, mas é porque aqui a gente tem um foco muito grande em qualidade, assim, sabe, a gente tem um cuidado especial”. Então, quer dizer que a vida de sucesso de uma congregação é o quanto menos gente tem, então? Quer dizer, se a gente está buscando qualidade, tem até pastor que devia sair da igreja. Mas não faz o menor sentido, né? Quer dizer que a gente vai botar uma catraca na porta da igreja e pedir uma carteira de membresia para a pessoa acessar o templo? Não faz o menor sentido. Esse é um problema de quem tá vindo de dentro. É uma autojustificativa. E eles sabem que há um mal estar, eles sabem que há uma crise. E a crise não é teológica, não é de Bíblia, sabe? Eu tenho certeza, os irmãos mais tradicionais são muito mais estudiosos que esses “neopeteca” doido, entendeu? Outro dia o cara perguntou “Rodrigo, tu te considera neopentecostal?” e eu disse “Deus me livre, cara”. Entendeu? Neopentecostalismo é muito louco. O neopentecostalismo brasileiro e africano estão entre os mais malucos do mundo, né? Então, assim, teologicamente os irmãos mais tradicionais são muito estudiosos, o problema deles não é tão lógico. O problema deles é só de espaço pra inovação e mudança. Eles estão engessados nas suas estruturas, e aí a igreja começa a ficar esganada, ela começa a decrescer. E aí todo tipo de autojustificação aparece, né? “Não, nós somos a última torre de resistência, nós somos tal...” não, cara, tem que ver o que tá dando e errado, a nível global mesmo. Recentemente eu tive na Alemanha, né, aí tu ir lá visitar as igrejas mais históricas, tradicionais. Elas não têm nada. Só velhinho. Só

velhinho, cara. Cadê o filho desse pessoal? As pesquisas indicam que o maior fator pra conversão de uma pessoa, o que mais traz pessoas pra conversão, o que mais traz pessoas pra Jesus é a família, a hereditariedade da fé. Aí você vê toda uma geração nessas igrejas históricas na Europa, nos Estados Unidos, que não se multiplicou, os filhos não frequentam mais igrejas, a igreja só tem velhinho. Né? Parou, cara. Vai acabar. Vai acabar. O único lugar onde a igreja de Jesus ainda cresce na Terra é na América Latina, onde a igreja tem avançado, alguns países ali da Ásia, onde tem havido algum tipo de avivamento, só. Nos Estados Unidos parou, né, na Europa está retrocedendo, está decrescendo. É muito sério. E poxa, a gente precisa de todo mundo, precisa das igrejas presbiterianas, batistas brasileiros, todo mundo. Agora, pra voltar a crescer, tem que ter mudança. Entendeu? E, assim, não é uma neopentecostalização das igrejas batistas, protestantes. Uma vez um cara me perguntou na China, pastor da batista brasileira que estava comigo. Aí eles me chamavam, tirando onda comigo, me chamavam de trainee de apóstolo. Aí, no relacionamento com eles, a gente conversando, e ele era um cara leitor, a gente falava de Dostoiévski... ele percebeu que eu não era tão simples assim, como ele imaginava. Ele imaginava que eu era só aquele cara de dentro de uma igreja muito louca, de apóstolos e tudo, entendeu? Preconceito, né? E um dia ele perguntou “Rodrigo, vocês são neopentecostais?” e eu disse “Eu não posso dizer que eu sou se eu não entender o que tu acha que é o neopentecostal. Como é que tu vê um pentecostal? O que é o neopentecostal?” e ele “Ah, Rodrigo, o foco tem hoje na prosperidade, investimento maciço em mídias, televisão, rádio, imagens e tal” e, cara, a gente não tem nada disso. A gente tem que uma teologia, um credo organizado, nós temos uma realidade de igreja local dividida em ministérios, em células, a gente tem uma preocupação com o ensino bíblico, e eu acho que eu não sou neopentecostal. Talvez um pouco pentecostais, sim, porque nós cremos no mover dos dons hoje, dentro da igreja. A gente não crê que eu falar em línguas é a única evidencia do batismo no Espírito Santo. A coisa é a mais complexa do que parece, não é? Mas a galera quer pegar e dizer assim “o que não está com a gente, está como universal!”, entendeu? E não é assim. Assim, reprovável, eu não tenho nada a ver. Só que quando a gente olha pra ele e vê o tamanho da igreja, o alcance global da igreja, você tem que parar e dizer assim “cara, o crescimento deixa pistas”. Entendeu?

24. Como você enxerga e projeta o crescimento do evangelho São Luís e no Brasil e qual o seu papel como pastor daqui da IBA nesse cenário?

R: Ser fiel até o fim, né? A questão do trabalho do ministério é que ele não tem fim, ele é um projeto de longo prazo. Então a gente tem que ser muito bom na manutenção do que estamos fazendo e permanecer com os olhos no horizonte, no futuro, dando espaço pra inovação, pra mudança. Desejamos que o evangelho cresça na cidade de São Luís, que ele avance é uma cidade de um milhão de habitantes que tende a crescer em importância e em população. E é necessário que você tenha igrejas preparadas pra receber e pra discípulos de Jesus, né? Igrejas de todo tipo. Que ninguém pode se arvorar na posição de ser a única grande igreja ou a responsável pelo evangelho na cidade, não. Tem gente que gosta grande, gente que gosta de igreja pequena, gente que gosta de igreja de banco de madeira, gente gosta de igreja sem cadeira. E você precisa estar ali cumprindo o seu papel, né? Cumprindo o seu papel. E aí a palavra do apóstolo Paulo é cumprir a carreira, completar a missão. Eu espero continuar aqui, enquanto Deus permitir. Fazendo a obra de Deus ao lado do meu pai. Essa é a minha missão, ajudá-lo. Formando uma nova geração de pastores, que vem pra substituir os pastores de primeira geração, né, sem nunca deixar de ser um movimento. Nunca manda a estrutura mais do que o evangelho, mais do que o princípio. Quem é que diz isso? Acho que é o Jordan Peterson que diz que a gente pode se apaixonar tanto pela estrutura e esqueceu que em primeiro lugar. Então, sempre apaixonado pelo evangelho de Deus e trabalhando. E nunca entrando em modo de manutenção. Toda vez que você começa a andar só em modo de manutenção, você começa a decrescer. Tem que ser sempre modo de inovação, crescimento, novas coisas, ânimo pra criar. Como é que nós vamos ganhar essa geração aí nas faculdades, como é que a gente vai falar do evangelho pessoal do TikTok, entendeu? Como é que a gente vai alcançar os jovens casais, hoje o grosso da igreja são pessoas de até trinta e cinco anos com filhos. Como é que a gente pode servi-los pra que eles caminhem com Jesus e formem seus filhos na palavra de Deus? Isso aí é importante. Essa, essa é a missão.

25. Durante muito tempo, as denominações cristãs pré-milenarista se mantiveram longe da vida pública, evitando se envolver com as esferas políticas e sociais. Como o senhor enxerga esse tipo de postura no atual cenário, né? E

qual o papel não só da IBA, mas das igrejas em geral dentro deste quadro circular nacional e global?

R: Muito complicado, né? Se você vai olhar pra história da igreja, sempre houve uma aproximação muito grande de igreja e poder. Então a questão do estado laico é conceito novo conceito, do iluminismo. Então poder, fé, sempre caminharam lado a lado. O poder buscar no legislativo legitimação na fé, né, e a fé buscando coisas lícitas e ilícitas no poder. Eu acho que é um caminho muito delicado, é aquele território dos americanos onde até os anjos temem me pisar, né? Então, mas no que diz respeito a opinião, no que diz respeito a posicionamento, a igreja vai ser chamada a se posicionar algumas vezes, e precisa se posicionar. Se você vai ver Bonhoeffer, na Alemanha, durante a Segunda Guerra ele é um pastor muito bom, muito sério, que se posiciona contra o nazismo quando grande parte da igreja no tempo dele se calava. Hoje a gente o lê com muito carinho, com muita admiração. Então, poxa, o cara deixa e foi uma voz importante num momento da história muito sério. É claro que nem todo pastor, nem todo líder tem bom senso, sabe, Ícaro. Então, algumas coisas decepcionantes acontecem, principalmente num clima político tão polarizado como esse. Eu sou contra a igreja apoiar de forma muito forte qualquer projeto político. Eu acho que é mais prejuízo do que benefício, sabe? Mas acho que deve se ouvir, deve orar, deve falar, se perguntado. Por exemplo, aqui em São Luís, às vezes nós somos convidados. Ah, vai haver um almoço com o governador pra ele prestar contas do covid-dezenove, do que foi feito. Meu pai não podia, e eu fui. Aí estava lá o representante da Igreja Da Graça, de várias comunidades. Eu estava lá. O governador prestou contas dos números, dos dados e tudo, todo mundo orou. Bom, eu acho sadio, porque é o reconhecimento pelo poder público de uma parcela da população importante. Então eu sou contra o isolamento completo da igreja no que diz respeito ao relacionamento com o poder. Agora eu sou a favor disso, mas eu sou contra a igreja no palanque, pastores se candidatando. Sou contra campanhas políticas feitas de forma muito ostensiva dentro das igrejas. Apesar de ser impossível de controlar, né? Porque onde você tem muita gente reunida, haverá muitos candidatos no período eleitoral. Claro que vai claro que vai haver alguma influência. Mas de forma muito extensiva ou de púlpito, né, sou completamente contrário. Tem que andar com muito equilíbrio. Agora não deve se isolar, não. Porque se isolar, quando chamado, é se acovardar. Talvez abrir mão do direito, né? Olha, se eu sou líder, aí tem um o Bolsonaro ou o Lula ou qualquer pessoa está legislando de forma contrária aos meus

valores, a minha liberdade, eu preciso falar. Preciso falar. Senão, eu vou falar de outras coisas, né? Mas tem igrejas que pensam que não deve falar nunca, né, de nada. Eu acho que tem que falar.

ANEXO B – FOTOGRAFIAS

Construção do primeiro templo da igreja, o Aprisquinho, em 1994-1995.

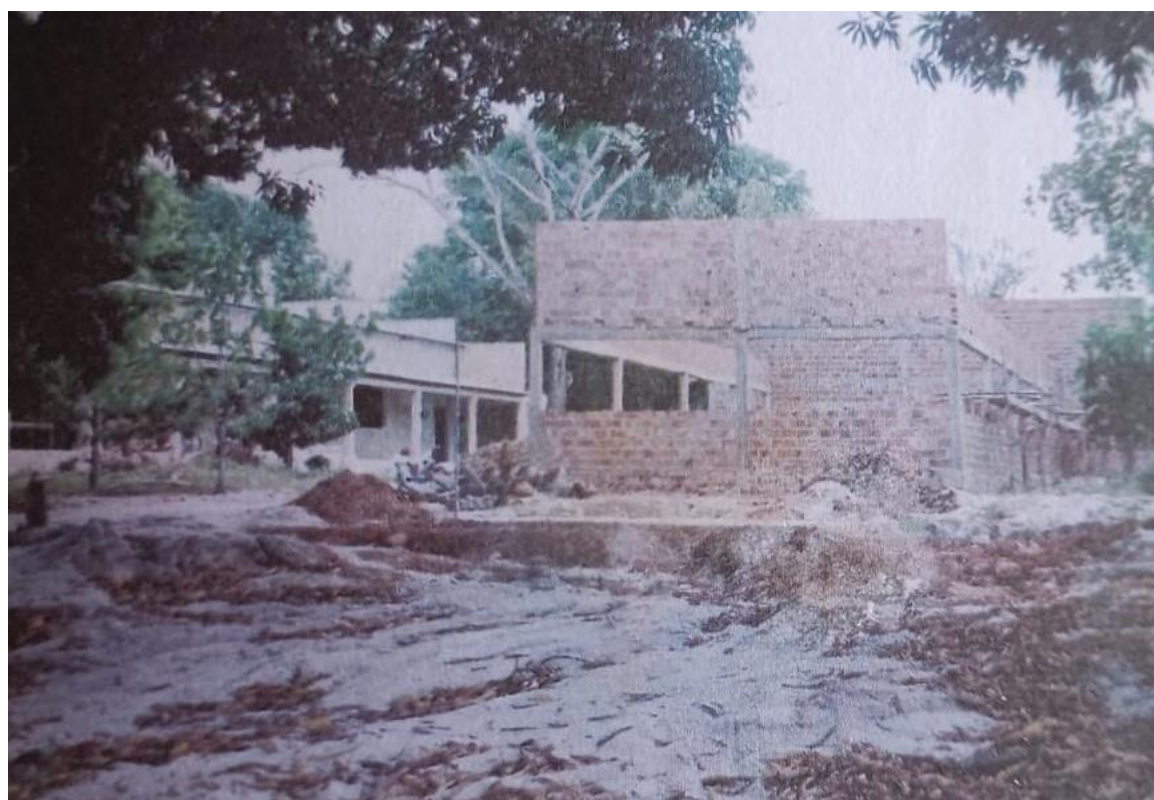


Construção do I templo da IBA

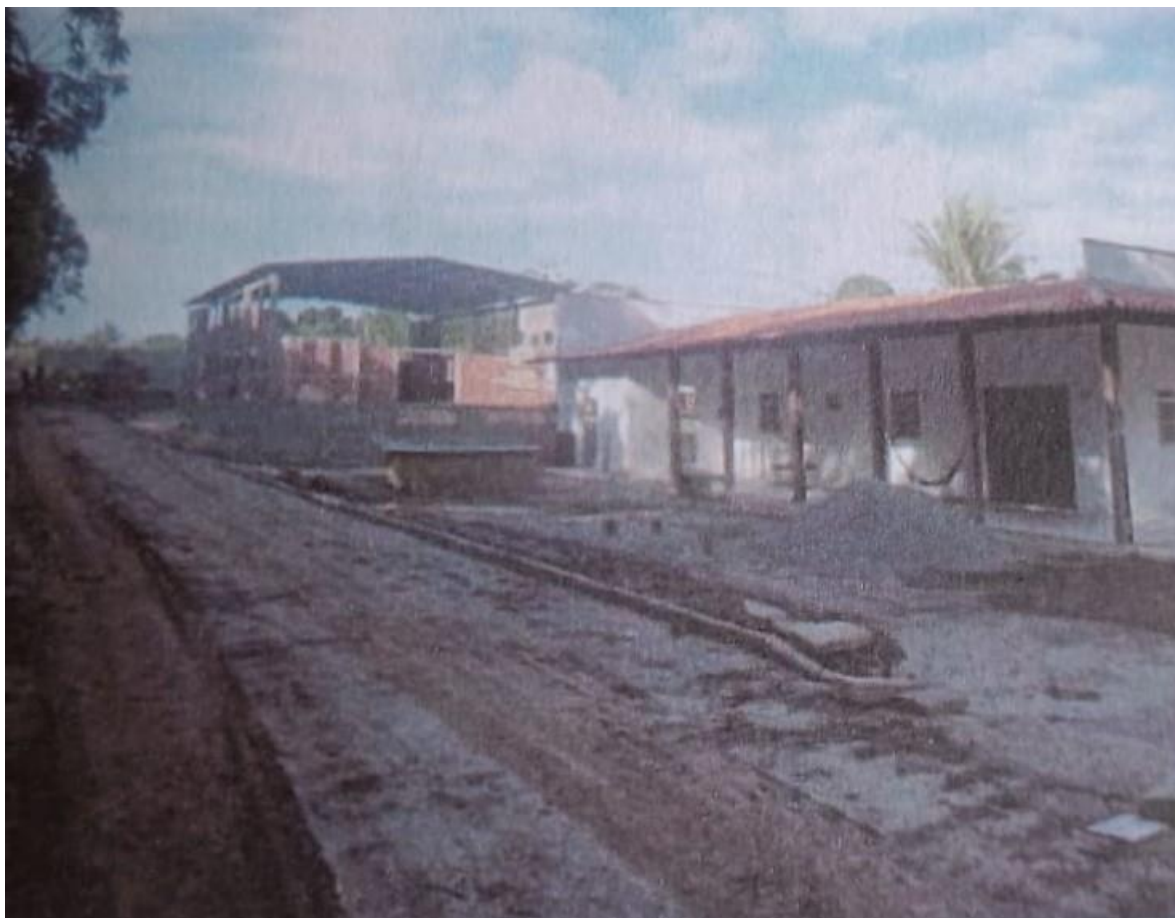
Foto interna da construção do primeiro templo da igreja, o Aprisquinho, em 1994-1995.



Construção do Apriscão, segundo e atual templo da igreja, sem data exata.



Construção do Centro de Treinamento Peniel, ou CPT, no começo do século XXI.



Construção do Elim, segundo centro de excelência da igreja, pouco tempo após a construção do CTP.



Pessoas, tocadas pelos pastores, caem em Adoração Profética, sem data definida.



Adoração Profética de 1996.



Pr. Joaquim Neto entrega ao Governador Jackson Lago placa na IBA, durante a Festa da Colheita

Durante festa da colheita, Pr. Joaquim entrega placa ao governador Jackson Lago, na segunda década do século XXI.



Pr.

Joaquim Neto, ao centro, é homenageado na Câmara Municipal de Vereadores, sem data definida.



Pr. Joaquim Neto recebe do vereador Batista Matos, medalha Simão Estácio da Silveira (dez/10).

Pr. Joaquim recebe medalha do então vereador Batista Matos, ex-membro da IBA, em dezembro de 2010.



Pr. Joaquim, à direita, entrega placa ao ex-prefeito Tadeu Palácio, na primeira década do século XXI.



Durante festa da colheita, Pr. Joaquim sobe ao palco com Jackson Lago, Tadeu Palácio e suas respectivas esposas.



Pr. Joaquim Neto recebe medalha Brigadeiro Falcão. (jun/2011).

Pr. Joaquim recebe medalha Brigadeiro Falcão, em junho de 2011.